

Memorias

Diario do coronel do gano

1687

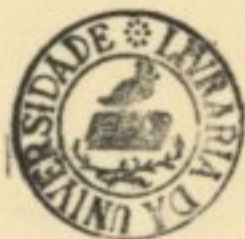


Memorias

1954

Diario ao correr da pena:

Vol. . . .



MEMORIAS

Diario de Carlos de Ojeda

1520



« Todo o homem tem uma porção
de ineptia que ha-de sair em prosa
ou em verso... »

Carrilo : Castello-Branco : Cau-
cionário Alegre, 2.^a ed.^{ta} vol. I,
pag. 113.

Lisboa:

Março: 8

Hoje, ao ir falar com o Pires Monteiro na Revista Militar, encontrei lá o Paul Esteves. Estavam os dois a conversar acerca das manifestações em Espanha contra a ida do rainha de Inglaterra a Gibraltar e ainda acerca dos corts que a censura faz de todas as noticias relativas á accção do Grupo de Amigos de Olivença.

Pelo desenrolar da conversa fiquei sabendo que o Grupo trabalha ha muito pela restituição de Olivença a Portugal e que ultimamente, perante os corts da censura e a espectaculosa facilidade com que os jornais publicam as noticias das manifestações espanholas contrarias á Inglaterra, o dito Grupo resolveu fazer uma exposição fundamentada do caso de Olivença e distribui-la pela imprensa europeia e americana.

Esta distribuição deu resultado pois muitos jornais, especialmente na Alemanha occidental, a tem transcrita e alguns com commentarios desfavoraveis á Espanha que grita por Gibraltar que, por tratado, entregou á Inglaterra e não restitue a Portugal a ilha

de Olivença que, por um tratado, se obrigou a restituir.

O Raul Estêves disse ainda que, em nome do Grupo, solicitou audiência ao ministro do Interior e que, perante este, protestou contra os actos da censura no que respeita a Olivença e contra o espatifato autorizado no que respeita ás manifestações contra a nossa aliada Inglaterra. O ministro prometeu estudar o assunto...

Durante a conversa o Estêves abordou o problema da nossa representação em Gibraltar, em Maio, durante a visita da rainha inglesa; o Governo mandará um navio de guerra, ao menos, para cumprimentos? A França já anunciou que irá uma esquadra prestar a homenagem devida. E nós, o que faremos?

O Raul Estêves sugeriu que os antigos combatentes de 1814-18 fossem, no dia em que a rainha sobresse em Gibraltar, deixar os seus cartões na Embaixada Inglesa; e que nas terras de provincia se fizesse qualquer manifestação equivalente, junto dos consules ou quaisquer instituições britânicas. Eu fiquei encarregado de, em Coimbra, pro-

mover, com as devidas cautelas, essa manifestação junto da Casa de Sypalerra.

Farei a diligencia o melhor q. puder e puder.

Ara tudo isto é muito curioso e mostra bem o que é a actual politica portuguesa. E aqui fica para memoria...

Lições:

Março: 9.

Fiquei - me hoje dos meus cuidados e fui ao Instituto Geografico e Cadastral, á Es. Treia, procurar o Gestão de Melo de Matos para saber em que altura vai o caso do meu infeliz Saldanha.

Recebeu - me m.^{to} bem, como pessoa de boa educação. Informou - me de que lera já o meu trabalho e de que, de modo geral, o achára estudo honesto, profundo, com novas luzes historicas e novos pontos de vista « como em regra, publichou, se encontram "nos meus trabalhos..." » Não se curda, porém, com certas opiniões ou conclusões minhas, o que, acrescentou, não altera o juizo que formou da obra; e disse - me ainda que notou em certos capitulos extensões de-

maziada que ele, sendo o autor, reduziria um pouco.

Perguntei se se referia aos capitulos referentes á Guerra Peninsular que eu posso reduzir bastante; disse-me que sim, que era a esses que se referia, porque julga não haver provas das reacções de Saldanha perante o que viu e ouviu durante a campanha, e assim parecer excusada tanta largueza de exposições. Dei-lhe razão e tanto que ha algum tempo posso eu concentrar toda a campanha em talvez metade do espaço que agora occupa.

Quanto ao resultado, isto é, ao parecer que a sub-comissão nomeada na Comissão de Hist. Militar terá de dar, informei-me de que, na proxima 6.^a feira, 12 do corrente, os tres vogais escolhidos reunir-se-hão para redigir uma acta que conjugue a opinião de todos para ser entregue ao presidente general Teix.^a Botelho. O caso, pois, deve estar prestes a resolver-se, se se não levantarem qualquer outro entrave que lhe pareça não ser natural.

No fim, o Gastão foi franco: por sua parte não tem devida em dizer que o tra-

balho é bom, é útil e merece ser pulverizado pelo Estado; dos outros dois nada sabe, tanto mais que desconfia que levantarão uma duvida com que ele, Gastão, aliás não concorda.

Essa duvida é a seguinte: o Saldanha foi notavel commandante só em guerras civis; a sua accção como chefe militar não se manifestou verdadeiramente em lutas com estrangeiros. Ora o regulamento da Commissão talvez se oponha á concessão de tal commandante; ele, Gastão, não sabe e lembra que ha já o exemplo da obra do Antonio Ferrão sobre o cerco do Porto em 1832-34 de que só se publicou ainda o 1.º volume.

Ora a maneira como o Gastão do Mato falou e referiu estas duvidas, ~~com~~ deu a impressão de que ha qualquer cabala nos seus vidros e de que se procuravam razões especificas para justificar a recusa do pulveridido. Assim será e não me admiro que assim seja. Ha gente para tudo.

Ao fazer menção de me despedir, o Gastão repetiu, com certa firmeza, que o meu trabalho era honesto, que estava bem feito, que abria novos pontos de vista na historia militar, etc. etc. E terminou por di-

zer que se « eu lhe desse a honra de o
"ver, gostaria de expôr os reparos que,
"durante a leitura fez e de que tomei no-
"tas. » Dize-lhe que sim, que um dia o pro-
curaria para isso.

Entfim, fiquei com a impressão de que
por ele, Gastão, não haverá qualquer devi-
da; tenho-o por homem sério e correcto;
parem, alguma coisa ha nos laodadores que
este não confessou e que deve partir dos ou-
tros dois — possivelmente. (quem sabe?)
influenciados pelo Faria de Moraes que pa-
rece apostado em me derrotar o Saldanha
sem dó nem piedade.

Chamáram-me o « Furioso », acu-
saram-me de « mão de ferro. » desta
vez, parem, parece que será vencido e
— o que é desagradavel — por verdadei-
ros piquetes.

Este mundo tem ás vezes estas varia-
ções — que dão muito que pensar.

Lisboa:

Março: 18

Vejo nos jornais que antem, em Coim-
bra, se festejou alegremente a promoção

a general do Buceta Martins que para lá foi ainda Arripadeiro. Como está agora em moda, houve oferta das estrelas em estojos ricos, discursatas, sessões de homenagem e grande estardalhaço na imprensa. Tudo para que o respeitável publico fique ciente de que ha verdade, unidade e harmonia na chamada Familia Militar e de que os commandantes homenificados são verdadeiramente dignos de todas as homenagens e ... de todos os presentes oferecidos em prata ou ouro.

O chefe do Est.^o maior de quem creio que já aqui falei, fez o principal discurso no qual lembrou que Coimbra foi residencia da corte e « por mais de cem annos viveu e prosperou no convivio dos reis da primeira dinastia ... » e frizou que o acto da oferta das estrelas « simboliza a perfeita lealdade e subordinacao ao seu chefe » e coude bem « com os perpassinhos dos hericos antepassados da noble cidade consubstanciados em Martin de Freitas. »

E assim successivamente.

O Buceta agradeceu comovido e aceitou as estrelas. E o mundo continuou a rodar sem novidade de maior.

Lisboa:

Marco: 21.

Assisti hoje, em S. Carlos, a representação da ópera Fausto de Gounod, em espectáculo de tarde a que o nosso actual nacionalismo chama « matiné cultural. »

Tinha grande interesse em ouvir a ópera que nos meus tempos teve ~~uma~~ muita vida e cuja música conheço quasi do começo ao fim. Lá fui e confesso que me comovi por vezes.

O quadro da valsa, excelentemente posto em cena, com os bailados admiráveis, fez-me o cuidado de me humedecer os olhos. Já não consigo ouvir ou ver o que me recorda tempos antigos sem me sensibilizar.

Coisas da velhice.

Que se ha-de fazer?

Quando adquire o bilhete, por mera curiosidade ou, se quizerem, por madureza...⁽¹⁾

Mas a verdade é que não posso fugir a certas fragueiras. E quem ter isto, se alguém ter um dia tanto arrezado, não deve levar a mal.

⁽¹⁾ A pag. 281.

Lisboa:

Março: 24.

Ouvi ontem, à noite, no Instituto Fran-
cês, a mulher do Miguel Torga, Andréa Crabi-
lé Rocha, falar de Garrett como dramaturgo
e homem de teatro.

Pronuncia correctamente o português e
na conferencia, que foi lida, deu certas inter-
pretações, talvez novas, ao teatro garretista.
Gostei de a ouvir e fiquei com a im-
pressão de que deve ser creatura muito inte-
ligente.

Assisti á conferencia ao lado de Maria
Lina Ferreira Lima que, sempre fiel ao gar-
retismo paterno, não falta a qualquer ma-
nifestação que lembre ou se relacione direc-
tamente com o Poeta das Folhas caídas. E ao
voltar para casa, vim comentando para co-
migo o facto de uma estrangeira se ter apo-
derado tão bem da ~~obra~~ obra de Garrett
e ter feito interpretações que não foram ain-
da feitas pelos nossos homens de letras.

E cheguei á conclusão que os diploma-
dos lá de fora nem mais bem apetrecha-
dos para esses trabalhos de critica interpreta-
tiva do que os nossos rapazes que frequen-

taem essas tristes faculdades de Letras onde
imperava o pesado Estado Novo.

Assim será.

Lisboa:

Março: 25.

Fui hoje visitar o meu condiscipulo
e amigo Alberto Pais. Salia-o docente e
per isso o fui ver; mas vim de lá amachu-
cado. Ele, tão energico, tão desembaraçado,
sempre com o animo rijo, está um quasi
farrapo. Misérias da natureza humana.

A conversa, porém, foi larga e eu ti-
ve a impressão de que aproveitou a mi-
nha presença para desabafar.

E na verdade, desabafou...

Contou-me que, a seguir a um ataque
cerebral, esteve uns dias entre a vida e a
morte; quando teve consciencia do seu esta-
do, notou que á sua volta havia ambiente
clerical. As esposas e umas solteiras, ao
verem-no naquele estado, sem quererem
saber que fora sempre um livre-pensador
e um anti-clerical, chamaram um
padre e umas religiosas acólitas e puzeram
velas pelas paredes imperios de santos.

Este aparato ia - the fazendo mal ; teve assomos de indignação e quando se encontrava em estado de fazer declarações, redigiu uma espécie de testamento no qual consignava disposições para funeral. E isto contava - me com gestos sacudidos e indignados, que compensavam a lentidão da palavra, mais ou menos partada em consequencia do insulto cerebral.

O cerebro trabalhava, contudo, ainda ~~um~~ muito regularmente ; pareceu - me o mesmo Alberto Pais de outros tempos, resolutivo, de conversação firme e precisa ; mas o fisico é que era outro e bem outro. Era um cerebro a trabalhar numa carcassa... Eu avia - o confundido e ele não parava, como quem queria desabafar, como se quizesse aproveitar a minha presença para confidencias que não faria a muitos.

Depois, quasi sem transição, disse - me apontando - me para um grande retrato do irmão Sidónio:

— Eu não sei que ideia Vossê tem de meu irmão e que impressões lhe deixou a politica que seguiu... Mas sempre lhe queiro contar o seguinte...

Contou-me, então, que o Sidonio, ao ser declarada a guerra com a Alemanha em 1917, estava, como é sabido, nosso ministro em Berlim. Conhecendo o caracter dos alemães, e com receio de algum atentado pelo caminho, no regresso a Portugal, escreveu em uma folha de papel de carta a declaração de que, se chegasse na viagem, queria que o corpo viesse para Lisboa, que o enterro fosse civil e logo que o forno crematório funcionasse o levassem á incineração.

Como chegou sã e salvo a Lisboa, a declaração não teve efeito; no entretanto guardou-a e quando saiu de casa para a revolução de Dezembro desse mesmo anno acrescentou no mesmo papel uma especie de apostilla em que confirmava o que escrevera em Berlim e insistia pelo cumprimento da sua vontade. E para segurancia, entregou-a a um irmão, official de marinha, cujo nome agora não me ocorre.

Ora aconteceu que, um anno depois, a seguir ao assassinio do Sidonio, perante a noticia de funerais espaventosos, o irmão possuidôr da declaração, dirigiu-se ao mi-

ministro do Interior, salvo erro, para mostrar o documento. O ministro leu, pensou um pouco e disse que se não deveria cumprir a vontade do morto; não ficaria bem que se fizesse um enterro civil a um chefe de Estado de mais a mais depois do reatamento de relações com Roma, etc. etc.

E o enterro fez-se com grande esplendor e com todas as pompas religiosas. Tinha de ser assim.

O ministro creio que era, então, o Sr. Magnini Barbosa, ultimamente suspeito á actual situação politica e parece que justicadamente.

Mas o Alberto Pais, sempre animado ao contar a historia, não acabára. O tempo foi correndo e esqueceu o documento q. ficou nas mãos do irmão official de marinha; o mundo fartou-se de dar voltas e reviravoltas até que há pouco tempo o Governo resolveu fazer a trasladação do corpo do Sidonio da igreja dos Jeronimos onde estava em capella lateral, para a casa do capitulo, transformada em panteon... mixto ou seja casa de arrematação de grandes e pequenos.

Nesta altura, o Alberto Pais lembrou-se do tal documento. Perante o programma da trasladação essencialmente de caracter religioso elle tentaria opôr a vontade do morto. Foi a casa da viuva e filhas do irmão marinheiro; mas se sabia do papel se bem que elle desconfiava que estaria guardado e protegido. Insistiu... mas a nada se moveram. Apenas disseram que um filho do falecido official de marinha, medico em Laurencço Marques, poderia talvez, dar indicação do paradeiro...

E assim se fez a trasladação com pompa religiosa e, uá lá! pompa politica, certamente com laçoeres aos rebirmentos religiosos do Sidonio e mais qualidades que elle não tinha...

E o Alberto Pais concluia:

— A morte do meu irmão marinheiro fez desaparecer a declaração. O meu polyubho medico está a caminho do contentamente, com seus mezes de licença. Espero-o com paciencia para averiguar bem o caso. E se o documento apparecer, como deve apparecer, tenciono fazer qualquer coisa no sentido de esclarecer a verdade,

isto é, de tirar da memoria de meu irmão Sidonio a modos de catolico e monarchico.

Observei-lhe que, nesta situação politica actual seria difficil e arriscada a demora; mas o Pais insistia que julgava do seu dever tentar a empresa e pensara já em varias formas de a realizar.

Oxalá o faça.

E assim se passaram cerca de duas horas de conversação, em que ele se animou e me pareceu bem disposto; e meio da visita entrou a esposa, mulher nova, bonita e simpatica com quem casei já bastante tarde — e eu fiquei então com a suspeita de que este casamento tardio teria alguma influencia nos meus ultimos males.

Podrá ver que não. O certo é que saí de casa do Alberto Pais amanchucado. O meu estado fisico deixau-me incomodado e as revelações acerca do irmão Sidonio tambem ajudáram. Foi uma tarde cheia de comoções.

Dei-lhe um abraço á despedida. Será o ultimo? Prometi voltar sempre que venha a Lisboa. E assim seja. Será o mal de que resiste ao mal e de que go-

derá pôr a claro a curioso caso do irmão Sidonio.

Esperêmos. O tempo se encarregará de tudo explicar.

Lisboa:

Março : 28.

Hoje, a Ana Maria, minha netá, deu um recital ás suas amigas e condiscipulas. Pianista precoce, tem, na verdade, talento musical.

É possível que ela venha a viajar a família materna e que dê qualquer coisa de notável. Vijará os pais, os avós, os tios e tias, os visavós, que sendo todos temperadamente artistas, nunca passáram da cêpa-tarta.

Lisboa.

Março : 29.

Hoje dediquei a tarde ao Augusto Carrimiro que affectuosamente insistiu ha dias para eu lhe apparecer em casa, para conversar e recordar.

Lá fui, a um 5.º andar da avenida de Julio Diriz. Recebido ruidosamente

á porta de entrada, fez-me sentar numa grande poltrona do meu quarto de trabalho, cheio de livros, quadros e curiosidades varias.

A conversa começou em, melhor: ele começou a falar, animadamente, acerca de varios assuntos, com a costumada impo-
nencia dos seus tempos de rapaz. Eu ou-
via, o mais atentamente possível, mas
dificilmente fixei o desfiar da palestra por-
que, para ser exacto, foi muito desconida ou,
se quizerem, desarremada. Os sessenta
e tal annos do Casimiro parece que o não
modificáram muito: ainda o mesmo
tom de exaltação, ainda um pouco do seu
velho egotismo, e mesma ênfase de cer-
tas afirmações quasi absolutas...

Então, o velho Augusto Casimiro, o
sempre poeta Augusto Casimiro, vendo o
mundo com optimismo, suportando com
altivez as contrariedades e desgostos. Fe-
rá um homem feliz? Quem sabe o que
há por debaixo daquela apparencia paudavel
e resistente?

É com a palestra vieram recordações
de outros tempos; e ele lembrou com ar-

gulto o facto de ter sido o presidente dum júri de conselho de guerra para julgar, em 1912 (salvo erro) revoltosos monarchicos, sendo ele o mais novo e mais moderno dos cinco officiaes que o constituíam.

É de assunto em assunto, caímos na literatura e então veio uma serie de juizos acerca dos nossos honmeus de letras que ~~o~~ o Casimiro appreciou não sei se com simpatia se com parcialidade.

Do Aguilino Ribeiro, fazendo aliás justiça ao seu merito de prosadôr, taxou de honmeu sem caracter — o que me parece possível. Do Ferreira de Castro disse que era honmeu sério, sem vaidades. E ao rir á beira o João Gaspar Simões contou-me, a rir, que o Aguilino, zangado com certas criticas que aquelle lhe faz, o alcunha de Gaspar maminhão, alusão, de certo, á ~~uma~~ ~~tendencia~~ tendencia que nele se nota para a obediencia.

Enfim, foram horas agradaveis que me merec^o passaram rapidas. E vim de lá com a impressao do mesmo Augusto Casimiro, o mesmo poeta sonhadôr, fora tal vez das realidades.

Ha quem o acuse de certas acomodações com a actual situação politica; mas sei a esse respeito o que ha; o que sei é que o Barão, com todos os seus defeitos, tem ainda a qualidade de ser o mesmo Poeta, capaz de generosidades e que sempre inspira muita patia por muito que se veja o homem de baixo dos entusiasmos do conhadôr.

Lisboa.

Marco: 31.

Fui hoje ouvir uma conferencia feita pelo Gastão de Melo de Matos na Socied. Historica 1.º de Dezembro.

Nunca assistira a qualquer solemnidade nesta instituição patriótica e achei muito e muito curioso o ambiente. Os diretores parece que tornam o caso a serio e ~~acribam~~ notei a compenetração com que exercem os seus cargos. Serão sinceros? não vejo eles que, dadas as relações officiaes com a Espanha, hoje dominantes, a Sociedade não tem razão de existir?

Tudo aquilo me pareceu um tanto ou quanto ridiculo, valha a verdade. Mas, em fim, se ha sinceridade e boa vontade, per-

do-a-se, de boa-puernté o que se nota nos
 ceptivel de troca, ou quando mecos, dum
 sorriso de ironia.

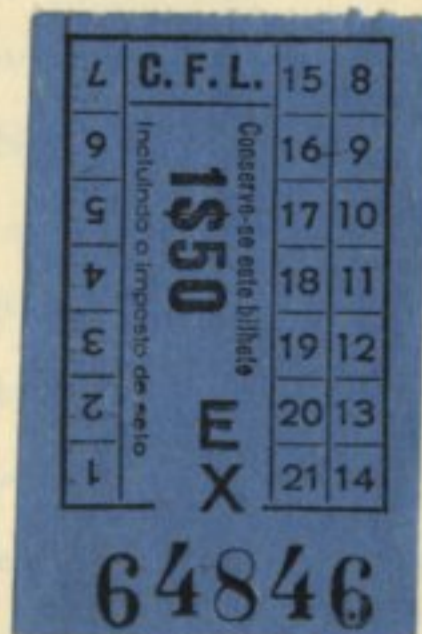
Quanto á conferencia, não poderei
 dizer grande coisa porque o Gastal tem uma
 voz bastante baixa; e o barulho da rua e
 do proprio auditorio pouco ressegado, não
 deixavam ouvir com nitidez. Pareceu-me
 parecer que deve ser trabalho serio embora, no
 meu entender, com pontos discutíveis. Es-
 peremos pela publicação para avaliar me-
 ther e com a atenção devida.

Pois sem penhores: a Sociedade Patrio-
 tica 1.º de Dezembro vale muito dinheiro. E
 ainda parece, com vantagem, para quem
 não tem que fazer.

Lisboa.

Abril: 3:

Final, meu sempre
 me posso queixar de sua
 parte... Ora aqui está
 uma capriciosa para des-
 tar que o Diabo não está
 sempre atrás da porta...



Lisboa.

Abril: 5

Fui hoje assistir ao « Festival Beethoven » no Bivoli em que o pianista Walter Gieseking tocou com a nossa Orquestra Sinfónica os concertos n.º 4 e 5 do grande compositor.

Não sei comentar. Apenas direi que saí subjugado. A musica de Beethoven impressiona-me e não é raro, ao ouvi-la, a commoção verdadeira invadir-me. Só direi, ainda, que ao sair e pensando nas ~~aguras~~ aguras da existencia e no que vai pelo mundo, se poderá dizer q. a vida tem, felizmente, momentos bons.

Serão raros — mas na verdade ainda os ha.

Lisboa.

Abril: 7.

Recebi hoje uma carta do Antonio Mesquita de Figueiredo, datada de Madrid e de passa temperada. O caso é banal e se o noto aqui é porque escreve sempre no sobrescrito, por baixo do meu nome, meu mais meu meus do que « Eminenté his-

Foriador.» Esta classificação é invariável
nel ha muito tempo.

Poderia dar-lhe para piar e estou certo
de que não escreve assim por trôça ou má
fé. Mas dá-me na vista.

Um dia tenho que o ameaçar com um
processo por difamação...

Coimbra.

Abril: 12

Morreu em Lisboa, ontem, o official
de marinha Cesar Moura Braz. As nos-
sas relações eram de ha poucos annos, da
Revista Militar, onde muitas vezes o encon-
trava como meu amigo e condiscipulo
da Politecnica do Pires Monteiro. Mas esti-
mava-o muito e apreciava-o; era um ho-
mem de caracter, homem integro, inteli-
gente e, de baixo de um aspecto rude
e seco, ~~o coração~~ era bom e affectuoso.

Foi companheiro e discipulo de Gago
Caudinho; com elle trabalhou nas provincias
ultramarianas em tarefas de geodesia; e
ainda ha pouco foi o prefaciador e colec-
tor das obras do almirante sobre a arte de
navegar que andavam dispersas.

Enfim, mais outro que desaparece do convívio reduzido q. mantenho ~~em~~ quer pessoalmente quer por cartas. É o deserto que se vai formando á roda.

Coimbra.

Abril: 14.

Tive hoje de ir consultar o Miguel Tor-
ga por causa dos meus estudos. Como
sempre acontece, a consulta deriva para
conversa amena e, para mim, proveitosa.

Desta vez falou-me ele do meu Cancio-
neiro Popular de Mir.º do Corvo cujos pri-
meiros capítulos ele lêra nas Terras do Mon-
dego do Madail. E disse-me que ha pou-
co uma senhora brasileira, diplomada, que
por aí anda a estudar poesia popular por-
tuguesa nas suas relações com a ~~literatura~~ do
Brasil, o interrogára acerca de cancionei-
ros e ele informou-o de que eu tinha um
de região próxima, etc. etc. Acrescentou q.
não voltára a encontrar a dita senhora
sobre a qual nada mais sabia.

Perguntei-lhe se ele se interessava
por cancioneros populares. Disse-me q.
sim, que se interessava muito — o que to-

go me levou a dizer que lhe ofereceria o meu pobre trabalho relativo a Miranda do Corvo.

É oxalá possa ouvir - lhe qualquer apreciação, brevíssima que seja — já que não posso aspirar a uma apreciação por escrito.

Coimbra.

Abril: 19.

Fômos hoje, de automovel, a Figueira da Foz. Dia excelente, atmosfera limpa e, por consequencia, paisagens nitidas.

Já me custa passar por esses campos do Mondego. A cada curva, em cada perspectiva, eu sinto recordações — e essas recordações são, até certo ponto, dolorosas. E então apara, com o rememorecimento de todo o arvoredo, com a cênica ruína de que tudo se reveste... as evocações do passado são mais dolorosas ainda.

Coimbra:

Abril: 21.

Hoje fômos eu e o Cristovão mostrar a Sua Mãe, minha metá, a Quinta das Lagrimas e a Lagoa dos Estêis.

A Ana Maria ouvia falar muitas
 rézes nestes locais mas não os conhecia.
 Lá fôrmos, com sol claro, sem nuvens no-
 bre o rio.

A Fonte dos Amores é local agrazível
 mas que, para mim, não dá qualquer es-
 pecie de commoção. Tudo aquilo é falso, ape-
 nas um fio de tradição mantém o interes-
 se para os visitantes. Na Lapa dos Estêios,
 porém, o caso é diferente; não só a bele-
 za dos varios miradoiros mas tambem a
 realidade impressionam-me. Ha muito
 que ali não ia e, como anté-ontem nos
 campos do Mondego, senti que me é um
 tanto ou quanto doloroso rever pitões que au-
 dau ligados á vida de rapaz cheio de rô-
 mbos e fantasias.

E a tarde estava duma beleza excepção
 real; o ambiente cheio de promessas de re-
 gozo; o rio, com agua clara, lá ia suave-
 mente roçando os salgueirais; e o silen-
 cio convidativo impressionava. Não sei
 se senti os olhos marejados de agua; o q.
 sei é que perante tanta alegria da Nature-
 za, eu me deixei repassar de tristeza e de
 desânimo.

Coimbra:

Abril: 23.

Ha dias recebi carta do Pires Monteiro que me fala do meu « caso Saldanha » e do general Teixeira Botelho a-proposito da visita de boas-festas que lhe fez.

Diz elle : « Pouco me demorei. Falsen-
 " me da reunião da Commissão de Historia
 " Militar na proxima 3.^a feira. » Na ordem do
 " dia está inscrito o relatório sobre o meu
 " Saldanha. Nada perguntei. Estavam su-
 " tras pessoas. Nada me disse mas não me
 " pareceu contente. Deduzo que na commissão
 " especial ha votos divergentes. O general,
 " excelente pessoa, espirito liberal, não lhe
 " agradam as discussões e deixa-as correr
 " um pouco a esmo. Tenho grande apreço
 " pela sua intelligencia lucida (em 9 do 6.^o
 " prox.^o completa 90 anos) e pelo seu caracter
 " mas não é, jamais foi, um combativo. Se
 " o caso de Melo estiver resolvido a bater-
 " se e arrostar a maioria, é caso seguro.
 " Mas do lado contrario estará o simpatico
 " Faria de Moraes e, pelo menos, um da co.

(1) dia 20 de abril.

"missão. Enfim, oxalá o caso se resolva."
 Este «um do comissão» deve ser o Carua-
 lho Meureses, membro da dita Comissão
 de Historia não sei por que letras.

Ora hoje voua carta do incausavel Pi-
 res Monteiro em que me diz: «Tive co-
 "nhecimento de que a Comissão de Historia
 "Militar adiou a votação do seu Saldanha.
 "O Presidente assim procedeu por não ter
 "seu comparecido vogais cujas opiniões
 "muito couvinha ouvir, etc.»

E assim se vai demorando a solu-
 ção do caso que, francamente, já começa
 a cheirar mal.

Como compensação para estas misé-
 rias de vida, encontrarei hoje o Miguel Tava
 que, animadamente, me agradeceu o Can-
 cioneiro Popular de M.^{da} do Corvo que ha
 dias lhe fui entregar. Disse-me que já o le-
 ra e relara com agrado; que gostara muito
 pelo método e espirito compreensivo revela-
 do e que, no meio de muita quadra banal,
 encontrara algumas de rara beleza e que
 lhe deram a impressão da poesia modernis-
 ta, um tanto ou quanto de tendência sur-

realista — como, por ex.^o, na quadra que termina: « Não viste o nascer do sol / De uma rosinha encarnada... » [Ver Cancioneiro, quadra 344, a pag. 80].

Estes poetas! estes poetas!...

Mas, enfim, foi uma compensação para a perca do meu "Saldanha."

Coimbra:

Abril: 26.

O dr. Manuel Lopes de Almeida, professor de Letras e director da Bibliotheca da Univ.^{rsid.}, quando, por carta, me agradeceu o opusculo dos Cinquenta anos depois ofereceu-me o seu Boletim para a publicação dos meus Batallhões Academicos.

Hoje catheti ir á Bibliotheca agradecer a oferta e dizer ao Lopes de Almeida que as conferencias, tal como as li ha uns 30 anos, não seriam publicadas agora porque contem affirmações talvez fortes de mais para o tempo actual; e que, como de então para cá me appareceram muitos novos elementos, seria preferivel uma refundição do trabalho que sairia bastante augmentado e melhorado.

Ele concordou e disse - me que fizesse
se como entendesse.

- V.: Tem carta branca. Resolva co-
mo quizer. O Boletim está ás suas ordens.

Vou, pois, pensar no caso. Mas... sim-
to-me já cansado e perante empresa tão
simples parece-me que vou ter trabalho
de Heracles.

Vamos a ver.

Coimbra.

Mais:6.

Ha dias, quando fui á Biblioteca da
Universidade agradecer ao M.^{al} Lopes de Al-
meida a oferta da publicação dos Batalhões
Academicos, entreguei-lhe tres comedias
do Ant.^o Xavier de Almeida, manuscritas e
reunidas em volume cartonado, para depo-
sito na sala dos manuscritos.

Aquellas comedias não me serviram pa-
ra nada e ali sempre podem ser estudadas
e vistas por quem se interesse pelo assunto.
E não pensei mais no assunto.

Ora hoje recebo um cartão de Pires Mon-
teiro com um recorte d' O Comercio do Porto
em que se dá noticia da oferta - como se

fosse successo digno da publicidade. E para cumulo, o amigo Pires Monteiro acrescenta: « Parecia-me que a Comissão de Honras Militar deveria conhecer a valiosa
"dadia. Como? Só o meu Am. saberá o
"caminho mais seguro.» E ainda se propõe sugerir aos amigos que têm na República e no Diário de Lisboa dar mais relevo á noticia do oferecimento.

O Pires Monteiro não tem, pelos vistos, o sentimento das proporções. Vou-lhe escrever, caluamente, para pôr as coisas nos seus devidos termos.

E, afinal, o caso tem certa graça.

Coimbra.

Maio: 7.

De Valença do Minho, onde não voltei desde 1908, lembrou-me de mim. Eu é que nunca esqueci essa excelente terra onde passei, descuidadamente, quasi um ano.

Apareceu-me, pelo correio, ha dias, uma circular a pedir auxilio e colaboração para um jornal que se ia publicar e cujo primeiro numero me chegou hoje. É director o amigo professor Alberico de Al.

meida Gomes, com o qual me dei durante a m.^a estada em Valença e não se apresentá nada mal.

Este novo contacto com a bela vila fronteira fez-me recordar os meses que por lá andei; e de recordação em recordação acabei por entristecer.

Quereu colaboração. É possível que né releuscar os cadernos de memórias e que de lá tire alguma coisa. Pequenos quadros de paisagem minhoto ou das romarias a que assisti; episódios de ha quasi meio século que mereceram anotação. Vamos a ver se sou capaz de desenterrar paudades...

Crimbra:

Mais: 8.

A imprensa continua a badalar a ofenda das comedias do Arcebispo á Biblioteca da Universidade. É o mais curioso é que dá ao acto um aspecto de solemnidade.

Quereu teris a ideia?

Por curiosidade deixo no fim do volume os recortes q. apauhei. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ A pag. 281.

Coimbra.

Maio : 14

Fui hoje cumprimentar o Excmo. Pe-
stana, novo governador civil de Coimbra. O
actô, em si, está fóra dos meus hábitos e
dos principios; mas conheço o Pestana des-
de rapazinho e não desgosto dele. É crea-
tura séria, boa pessoa, bem educado. Ten-
fim, sendo de lado certos meciendros, lá fui.

Encontrei um outro Pestana. O seu
natural alegre, folgazão, despreocupado, des-
appareceu; encontrei-o desarrimado, abai-
tido, sem qualquer vislumbre da antiga
boa disposição. O tom desalentado da fala
revelou-me a consciencia da sua incapaci-
dade para o cargo.

É deve ser isso. É como tem confiança
comigo desabafou alguma coisa...

Pobre Excmo. Pestana!... Contou-me
que o Alvauchés Pinto, ministro do exerci-
to, neto amigo e contemporaneo, é que o
entálara para o cargo, de combinação com
os deputados Santos Bessa e Moura Rebel-
mas; que tão instado foi que não teve ou-
tro remedio senão aceitar, mas a tão pou-
co tempo de exercicio do cargo reconhecia

que não tinha jeito para ele... E entrou em considerações a respeito da mentalidade militar que ~~é~~ é oposta á mentalidade do político. E levou a explicação ao ponto de me dizer que, entre os militares, são os artilheiros os menos próprios para tais cargos, pois a sua mentalidade se forma no hábito de problemas mais simples ~~que~~ que os dados ás outras armas.

Desabafou bastante. E teve seus dolo... Levado para ali pelos políticos, provavelmente para o manoterárem á vontade, não viram os cavalheiros que praticavam uma má acção. Poderiam ter empurrado outro seu exemplar — e deixarem este em paz, com o seu bom humor e a educação de uma ranchada de filhos.

Lá me disse umas amabilidades consolatórias e saí acompanhado até ao corredor pelo substituto, o advogado Martin Afonso de Castro, que embora amigo íntimo não deverá ser grande conselheiro. Este entrara na ocasião e quiz ser amável para comigo.

Na verdade o Martin Afonso não será o substituto ideal para creature simples

e bem intencionada como é o Ernesto Res-
 saia; o Marlim Afonso tem a sabedoria do
 advogado e é metido e segundo corre não
 é de grandes escrúpulos pessoais.

Diz-se, até, com insistência que, quan-
 do prestou o juramento na posse do cargo,
 omitira na expressão «manter a Constitui-
 ção da República» as duas últimas pala-
 vras. É possível. É possível para isso.

Sai, confesso, com certa pena do resta-
 na que, naturalmente, não aquecerá mui-
 to o lugar.

Encontrei no gabinete do secretario geral,
 Costa Rodrigues, por minha curiosidade.
 Estava a tratar um caso da filarmónica de
 Gois com o dr. Alberto Baeta da Veiga — ca-
 so que para Gois deverá assumir propor-
 ções, dado o interesse revelado por este e
 por um outro individuo que o acompanhava.
 Mas o que me deu no gôto foi a ma-
 neira de falar do Costa Rodrigues, que com
 o medico Baeta da Veiga que nos apartes
 comigo, sempre excitado, com apparencia
 de incoherente no que dizia a uns e outros,
 obsecado por desconfianças á sua volta —
 enfim com tais modos e tal barafunda

de frases e ápartes que eu cheguei a pensar que aquelle carcereiro estaria desarranjado - ou, pelo menos, perturbado.

Agora ha tanto disso!

Sai do Gov. Civil com todas estas impressões minhas: a simplicid. do Pestana por ineluctavelmente manobrada pelos politicos; a melancolia e rabelice do Marlim Afonso de Castro a tramar na porteira; e a perturbação mental do Costa Rodrigues.

Qualquer delas desagradavel.

Os jornais dão a noticia de que em Fátima, na noite de 12 para 13, estiveram cerca de 500:000 pessoas.

Não será gente a mais? E como é q. se calcula a multidão de cinco centenas de milhar? Não duvido que o ajuntamento fosse grande; sabe-se bem como as coisas correm nestas terras portuguezas. Mas os 500:000 fizeis...

Enfim. Pode ser verdade. E antes reje. Prova-se a fidelid. da Nação á sua desmelhada protectora...

Adieu.

Coinhura.

Mais : 17.

Ontem á noite, o aparelho da radio deu a noticia da morte do Alberto da Silva Pais.

Deu-se o que era fatal. E lá vai mais um — e dos bons.

Hoje, os judeus trouxeram o caivite para o enterro que é católico. A familia não respeitou a vontade do morto — a mãe por q. nos ultimos momentos, seu acordo; se simulasse uma conversão.

São capazes de tudo.

A morte do Pais não foi surpresa para mim. Mas impressionou-me. Lá se vai mais um da mesma guarda e mais um amigo fiel.

E com ele desaparece a possibilidade de se fazer luz acerca das creanças religiosas de Sidonio Pais e de se restabelecer a verdade a respeito do seu funeral, etc. A familia ou guarda bem guardo? o celebre testameu-
to ou o destruirá já que desapareceu quem poderia querer fazer uso dele.

E a Histeria continuará a trabalhar em falso neste espidulo q. não será tão ino-
gnificante como parece.

Coimbra:

Mais: 20.

O Dr. Joaquim de Carvalho em liete hoje recebido no qual me agradece o offerecimento dos Cinquenta annos depois, oferece as paginas da Revista da Universidade para o meu estudo sobre o Saldanha.

Confesso que gostei da oferta; o Dr. Carvalho viu na bibliografia a indicação e de certo calcula que o trabalho é pouco extenso. Terei que ir falar com elle.

Mas a verdade é que a oferta é cativante e a realizar-se seria uma excellente oferta da aos meus illustres camaradas.

Coimbra:

Mais: 23.

Fui hoje a casa do Dr. Joaquim de Carvalho não para agradecer o offerecimento das pagas da Revista da Universidade como para o felicitar por ter recebido, ha pouco, em Saldanha, o grau de deuter honoris causa.

Acerca do meu trabalho sobre o Saldanha, elle assustou-se com o tamanho e ainda com a despesa das gravuras e litografias necessarias; lembrou que poderia ser pu-

glicado em dois volumes seguidos, embora não simpatizasse com esse processo. Discutiu-se o caso e ficou para em Outubro prox.^o se resolver desde que o Estado-maior me recuse o pedido.

Fiquei com a impressão de que terei de pôr de parte esta hipótese. Mais uma esperança que se esvai « qual fumo de alface. » mas... » como disse não sei que poeta.

Paciência. Assim acausar have sempre o Saldaña.

Ora na conversa, o dr. Carvalho contou-me o caso curioso ligado com o seu doutoramento em Salamanca.

A universidade espanhola propoz para o dr. Carvalho o grão honorário e, naturalmente, fez as participações protocolares; de-va-se parecer o caso que a cerimonia coincidiria com a celebração do centenário da fundação da universidade e para os festejos fôra convidado o reitor de Coimbra como representante da velha instituição portuguesa.

Mas o Maximino Cerreia não gostou de o grão honorífico ser dado só ao professor Joaquim de Carvalho e ele, reitor, ficar apenas como assistente á cerimonia. Demais a

mais, tratava-se dum professor que tã-
to suspeito de quem ele, Maximino, tinha
certos ciúmes pela sua reputação interna-
cional. O certo é que expôz o caso o minist-
tro; este, concordou logo e fez qualquer
deliberação junto do embaixador espanhol
em Lisboa; desta deliberação veio convite
ao Maximino para receber o grau...

E aqui está como Salamanca confe-
riu dois graus de doutor honoris causa:
um, voluntário, como reconhecimento de um
lar; outro, forçado, por inveja ou ciúme
mesquinho...

E pronto.

Coimbra.

Mais : 24

Ontem no diário República de Lisboa
vinha uma local curiosa que deixo aqui a
guirada ⁽¹⁾ mas sem comentários. Não sei
do que se trata; como parece deve ser
questão de família, não me meterei onde
não sou chamado.

Arquivo — e já não é pouco...

⁽¹⁾ A pag. 282.

Coimbra:

Maio: 27.

Hoje, quinta-feira da Ascensão, dia da espiga segundo as boas tradições, resolvi-me a ir consultar o medico Mario Trincão, professor de medicina na Universidade.

Encontrei-o um tanto ou quanto zangado porque vinha da secretaria universitária onde necessitava tratar de qualquer assunto e encontrou-a fechada; e a razão do encerram.^{to} foi o reitor, Maximino Correia, ter dado feriado geral para atender á solemnidade do dia...

— Veja o coronel como isto anda! dizia-me o medico.

— Foi para não magoar o sentimento católico dos portugueses, respondi eu.

E ficámos por aqui.

Seguiu-se a consulta. Andava desconfiado, há um tempo, com o motor central; diz ele, medico, que não há, para a idade, nada de anormal e receitou uma droga e aconselhou-me a não correr a fogueletos. Será assim?

Correr a fogueletos já não corro; vou-me contentando com o passo cadenciado

e vagaroso; mas o que me preoccupa é o que para aí tenho incompleto e que desejaria acabar.

Chefim. Irei tomar a droga para combater a esclerose e ... vamos andando.

Cosmura:

Mais: 28.

Dizem os jornais que sempre vai ser instalado na Torre de Alameda um museu de etnografia no qual ficará em exposição o cofre de ferro com os cabelos de Trés de Castro, legado pelo Lopes Vieira ao Museu de Machado de Castro.

A respeito dos cabelos da « misera e mesquinha » voltarei a escrever um dia e a tratar a serio do assunto; hoje a nota relativa á Torre de Alameda fica apenas para lembrar que sempre se consegue destruir a possibilidade de a Escola Livre das Artes do Desenho se re-instalar na sua verdadeira séde e de se perpetuar a memoria de Antonio Augusto Gonçalves seu fundador.

As coisas são o que são. O nome do velho Gonçalves é execrado e a Reacção

(com a devida maiúscula) sabe muito bem o que faz e não costuma perder o seu tempo.

Ainda terei que me ocupar do assunto mais de espaço.

Lisboa.

Junho : 1.

De novo em Lisboa... Não há maneira de me fixar. E assim vai passando a vida sem eu fazer, com ~~um~~ pressêgo que de sejava fazer.

Mas enfim... há uma ou outra compensação. Hoje ~~me~~ fui ouvir o pianista Segueira Costa que deu recital com quatro sonatas de Beethoven. Parece-me que iremos ter um novo e grande pianista.

Outra compensação: a Ana Maria, minha netá, mostrou-me o trabalho dum exercício de redacção que lhe mandáram fazer no Liceu. Achei curioso e por assim achar para aqui o traslado: o tema dado era um passeio que tivesse realizado há pouco; e como se lembrasse dum passeio a Montemor-o-Velho, escreveu o que se segue:

« Estava um dia maravilhoso! O sol
 "brilhava e os seus raios reflectiam-se nas
 "águas calmas do Mondego.

« Os passarinhos cantavam ao longo
 "das margens do rio.

« Fomos todos dar um passeio ao cas-
 "telo de Monte-mór.

« As rãs coachavam nos terrenos hu-
 "midos e cheios de arrozais. Grandes grupos
 "de raparigas passavam cantando as melo-
 "dias próprias daquelas terras leirões.

« De nôr em grande algumas carro-
 "ças, puchadas a bois" iam com homens e
 "mulheres para a feira que havia proxima,

« Era a hora de festa!

« Montemor mantinha as suas velhas
 "tradições. »

Não se pôde negar que ha nisturnbre
 de poder evocativo e descriptivo. Com dose
 avos talvez se não deve exipir perfeição de
 forma. Enfim... aqui fica arquivada a ju-
 ra; se quizerem lançem o caso para a la-
 méchisse do avô.

(1) Lasso evidente.

Lisboa:

Junho: 3

Hoje, na Revista Militar tive larga palestra com o Pires Monteiro e uma parte da palestra versou sobre o meu pobre trabalho do Saldanha.

Contou-me ele que o coronel Carvalho Meneses, ha dias, logo a seguir á reunião da Comissão de Hist.^o Militar foi a Revista e mostrou-se muito aborrecido; como o Pires Mont.^o não mostrasse interesse pelo aborrecimento, ele resolveu explica-lo e disse que nessa reunião se decidira definitivamente o caso do meu trabalho e que a decisão fôra tomada por maioria a qual « como é de regra » venceu.

A decisão foi desfavoravel ao meu trabalho e isso aborrecera-o; mas tambem a verdade é que a obra não estava á altura das minhas tradições de historiador; por toda a obra notava-se que eu decaire visivelmente, que já não era o mesmo. E assim o Carvalho Meneses, ao tempo da explicação, quiz mostrar o seu pesar pela minha decadencia que lhe ia desculpar o voto contrario que dera — pois, dizia ainda, como

derava - me muito e apreciava sempre os meus trabalhos.

No entretanto, o Pires Monteiro quiz ver na larga explicação apresentada certa influencia do Faria de Morais; o Carvalho de Menezes é um jobre diabo, seu caracter accentuado, facilmente dominavel e é natural que o outro deixasse sempre da sua má vontade em barro tão macio.

Mas ha mais ainda.

O Pires Monteiro, dias depois desta converssa com o Menezes, falou com o general Teixeira Botelho; durante a converssa este alludiu ao caso Saldanha e mostrou-se desgostoso com o resultado da reunião da Commissão de Historia Militar em que se decidiu a informação desfavoravel ao subredito. E teve ainda a confidencia seguinte q. rogeu não repetisse: que os biographos tem sempre tendencia para exaltar demais os biographados, tendencia que me levou ao exagero de comparar Saldanha a Napoleão o que, no seu entender, não era proprio de um historiador serio. Fez ainda considerações acerca do seu dever de presidente imparcial e tabirrou o resultado, de mo

do mago, um tanto ou quanto desinteressado, embora tivesse uma ou outra boa referência a meu respeito.

Agora aqui devo deixar esclarecidos dois pontos para o futuro: primeiro: o meu trabalho sobre o marechal Saldanha não é uma biografia; muito tempo disso e só me admiro que o historiador e académico Teix.^o Botelho não o visse logo de entrada; — segundo: em passo algum da obra eu comparei Saldanha a Napoleão; apesar de decadente seguindo o Carv.^o Menezes, quero crer que não seria capaz de tal afirmação, e novam.^{te} me admiro que o académico e historiador Teixeira Botelho tivesse uma coisa que não está escrita.

Ou o general Teix.^o Botelho não leu o Marraço, o que é natural e curou por má informação; ou o leu ligeiram.^{te} e os poucos momentos aos que no prox.^o dia vou se completamente lhe deram noção errada da leitura. A verd.^{de} porém é que nem eu escrevi uma biografia nem comparei o vencedor de Alamostr ao vencedor de Jêna. O general foi infeliz na confiança e, mais exactamente, não foi verdadeiro.

Coisas da vida. O general Teixeira Botelho foi sempre assim: um cauteloso, incapaz de tomar resoluções quando fosse haver qualquer especie de luta; e como presidente quer da Revista quer da Comissão de Historia manteve-se sempre fora das discussões, sem orientar, esperando a decisão da maioria segundo as boas regras.

Acabou-se. O Saldanha está cediendo e quero crer que por se tratar do Saldanha, melho liberal e racão, e por se tratar tambem do autor da obra. A aliança dos dois nomes, na quadra que atravessâmos, é sufficientemente suspeita.

É já agora outro assunto:

No final da conversação estrou na sala de Revista onde conversávamos o official na reserva Mario Costa, hoje alto funcionario da Companhia dos Diamantes de Aypolo que meim é metropolitano em serviço da companhia e quiz visitar o Pires Monteiro, seu antigo professor e amigo.

Sáímos a certa altura e fomos aban-
car numa casa de chá onde a conversação
continuu acerca de variados assuntos.

Não sei já a que propósito, veio a falar-se do Luis Reis Santos, hoje Director do Museu de Machado de Castro, em Coimbra. O Mario Costa conheceu-o em Laurencos Marques, ha muitos annos; vivia com difficuldades, era auxilliado de annuncios e lançava mão de qualquer outro meio de vida. Nas horas vagas, com o seu feitiço brésimio, imitava baillados plasticos com rara habilidade; e nos jogos de amadores dramaticos era o bailarino sempre escolhido. O seu temperamento levava-o para varias manifestações de actividade; mas, segundo o Mario Costa, aquella em que mais se afirmava era a dos baillados plasticos, ao tempo m.^{to} em voga.

Aqui fica mais um elemento biografico do Luis dos Reis Santos: bailarino...

Lioboa:

Junho: 8.

Depois da conversação com o Pires Monteiro em 3 do corrente e que a traz ficou resumida, resolvi ir procurar o ajudante do Barão Rodrigues, o capitão Eduardo Barbosa de Aleren, e pedir-lhe que conseguisse acabar com a pendencia. Lá fui ao Estado-maior

e lá pedi ao rapaz, que me recebesse muito amavelmente, que me libertasse do quasi pesadelo.

De facto o rapaz informou-me e hoje pelo telefone participou, com timidez e delicadeza, que as informações solicitadas pelo general não eram de molde a dar-se um despacho favoravel.

Fiquei ciente. O caso está resolvido.

Lisboa:

Junho: 12

Fui assistir á sessão de homenagem, no Museu de João de Deus, á memoria do fundador, o João de Deus Barros, falecido ha pouco. Ambiente agradável, artistico, cheio de boas evocações. Assistencia selecta, com grande dominio de pensadoras e artistas.

Presidiu, enquanto não chegou o embaixador Olegario Mariano, o indispensavel Jaime Lopes Dias que hoje parece ser já para toda a obra.

A sessão foi fraca. Um discurso pueril do João de Barros, coitado, a bracos com um cancro na laringe; umas palavras jornalisticas lidas do Aguilino Ribeiro que

me pareceu envelhecido; e uma especie de discurso-relatório do advogado Barros Sueiroz aliás feito com certa elevação — foram a base da sessão comemorativa. Houve também recitações de poesias pelo Alberto Macedo Papança, pretencioso e ôco; por um individuo de certa idade q. não sei quem é e por um senhor que também não sei quem era — e eis tudo. No final, o Olegario Mariano que chepan a meio, encerrou com um jejue no discurso, solido, correcto, perfeitó no ponto de vista da forma e perfeitamente apropriado ao acto.

Na assistencia notei o predomínio de artistas e homens de letras. Vi com certo espanto o monagenario dr. João Barreira com a apparencia de homem dos seus 60 annos; e vi com grande mágoa o meu contemporaneo da questão academica de 1907, o João Evangelista Campos Lima, com aspecto dum decrepito monagenario: curvado, magro, arriçado a uma beypala, cheio de rugas, perfeitamente um invalido.

Per-me impressad o encontro. Não via o Campos Lima ha, seguramente, uns quarenta annos; e agora não o reconheci, tão de

crepito finicamente o vi. Caudado, o olhar é
ainda o mesmo olhar vivo de outros tem-
pos; e a cabeleira, já branca e rala, ainda
tem um pouco os restos da rebeldia...

De toda a pessoa foi para mim a nota
concedora este encontro com o Campos Li-
ma — a anarquista Campos Lima, cerebro
ainda vivo num corpo angustiado. O res-
to que vi e ouvi teve, na verd.^a, algum in-
teresse mas em parte pareceu — me que
soava a falso...

Lista:

Junho: 15.

Ontem, no chamado Pavilhão dos Des-
portos, fui ouvir tocadas pela Orquestra
Sinfonica Nacional a 1.^a e a 9.^a sinfonias
de Beethoven. Grande acontecimento, sem
dúvida — mas uma profanação.

A 9.^a sinfonia, com cairos, tocada numa
quasi graça de cairos — é coisa inverosi-
mil. E com a agravante de a execução me
parecer perfeita. Traucam.^{te} mas é em
baucadas de madeira, a sentir os joelhos do
ouvinte de traz e a ter de acomodar as per-
nas para o ouvinte ou a ouvinte da fren-

te e a receber uma corrente de ar frio na cabeça que se pode sentir, com atenção, a 9.^a sinfonia.

Já há anos a ouvir, no museu Pavilhão, por uma orquestra espanhola; mas desta vez pareceu-me melhor, apesar da pior instalação.

Enfim! continuo a dizer: mesma cidade como Lisboa, com tantas basofias de capital do Império, invejada pelas outras capitais, etc. etc. é uma vergonha ouvir - se Beethoven num barracão para foot-ball.

Hoje, de manhã, fui ao Barreiro. A manhã estava muito serena; por todo o estuário corria uma jacater de atmosfera que possejava o espírito; e a água, muito quieta, sem ondulações, fazia lembrar o tal semi-cupio ruído de que falava o Filho de Almeida.

Quer para lá quer para cá, a mesma serenidade, o mesmo cenário quieto, sem grandes relevos, a cuidar é meditação e ao bom humor. Foi uma manhã agradável que, afinal, me fez bem.

E são tão poucas!

Lisboa:

Junho: 17

Na última 5^a feira, dia 10, consagrada a Carnões, passei toda a tarde no Tamariz, no Estoril, sentado comodamente numa cadeira do terraço sobre o mar — calmo, sem crispacões á superfície, como lago tranquilo e recatado. Foi uma bela tarde que fez esquecer misérias.

Hoje, outra tarde, embora passada diferentemente. Fui ao Monte de Caparica e depois dum descanso em casa de avós, fui, pela primeira vez, á praia de Caparica, a que a furia de reclamo turístico chama a Praia da Claridade e depois aos Capuchos.

A praia é grande, extensa, na verdade; mas falta-lhe, talvez, um cenário mais próximo que confronta a largura do areal, que se perde para sul sem qualquer relevo. A povoação, moderna, tem excelentes habitações, de mistura com banalidades; arrematamentos rectilíneos que de futuro darão um tom monótono. Mas nada que prejudica a estância.

Nos Capuchos, porém, o caso é diferente. O velho cenóbio, em ruínas, está transformado num belo edificio que dizem se desti-

na a penseu não sei de quê. A' volta ajeardamente em varios pontos e no ponto mais alto do terreno uma varanda - miradouro que é, realmente, um achado.

Dali se domina em frente a vastíssima praia; a foz do Tejo marcada pela rodela da Torre do Bugio; o casario de Estaril e Cascais encostadas ao recorte da Serra de Sintra e para sul, por de cima do cabo Espichel, a costa baixa e arenosa que, dizem, se avista em dias limpos até Sines.

É na verdade um ponto de vista admiravel; ali estive um pouco esquecido do resto do mundo e pensando que os casolitas que elegeram o local teriam interesses esteticos escondidos nos desejos de isolamento. Quem sabe!... Com um panorama daquelles, os pensamentos não iriam porventura para a mansão celeste.

Enfim, quasi concluí que esses casolitas de S.^{to} António seriam homens felizes... Bons ares, as flores á volta, e tão bello e variado panorama... que diabo queriam eles mais? Não peria isso tudo já o céu a que aspiravam?

Lisboa.

Junho: 18

Estive hoje na Livraria Camões, do alfarrabista Julio Guimaraes. Falámos de varias coisas e não sei a que proposito veio á balha o illustre Madail. Achei curioso que o Guimaraes ao aparecer o nome do Madail teve um gesto de repulsa e confessou-me de que o irritava tal creatura que ele considerava esse individuo « perdido » e « nojento. »

Quiz deitar um pouco agua na ferwura mas o Guimaraes insistiu com modos um tanto bruscos que não estão nos seus habitos de livreiro amavel e correcto:

— Bereia, sr. Car.^o: aquilo é um individuo nojento, asqueroso...

Não insisti. E aqui fica mais este elemento biografico do actual director da Bibliotheca Publica de Braga.

Lisboa.

Junho: 19.

Hoje, mais uma tarde boa na vida...
Fui a S. Carlos ouvir as Estações de Haydn
Vocadas pela Orquestra Sinfonica de Lisboa

dirigida pelo Ivo Cruz com acompanhamento^{to}
de céros da Sociedade Coral de Duarte Lobo.

Não sou crítico nem técnico; não posso
já afirmar se a execução foi perfeita; o que
sei é que todo o conjunto me impressionou.
É uma boa acção, esta de apresentar tais obras
ao publico por preços mu.^{to} acessiveis. É boa
música e quero crer que a execução corres-
pondeu. Bem haja o Ivo Cruz!

Mais uma tarde agradável — nesta vi-
da que poucas tardes tem agradáveis.

Listas:

Junho: 23.

Hoje, segundo a velha costumeira, hou-
ve reunião na Revista Militar. É quasi in-
falível o Vitorino Guimarães; e costuma apa-
recer o Ernesto Pope, ~~como~~ sempre irritado e
intolerante; bem como o Paul Esteve com
toda a sua ronha amavel não deixa de dar
um pouco de cavaco. Ha mais concorrentes
é palestra como o general Julio de Oliveira,
de Cavalaria, o coronel Silveira Lemos, um
dos administradores da Revista, o almiran-
te ou capitão de mar e guerra Vitor Hugo de Aze-
vedo Coutinho, e outros mais que não são

tão assíduos. É isto sem contar, e' claro, com o Pires Monteiro que é, por assim dizer, o dono da casa.

Palavra por palavra, a verdade é que ali se debatem opiniões e se contam casos curiosos que mereceriam anotação se a memória retivesse tudo.

Hoje, porém, só duas notas que me ficaram na lembrança.

O Raul Esteves contou que, há cerca de 25 anos, quando o Salazar se propunha presidente do ministério, o Carmona que parece não via essa tendência com bons olhos, consultou muita gente especialmente militar. Entre os consultados estava o Raul Esteves, ao tempo com certa preponderância no exercito.

O Carmona ouviu, da maior parte dos consultados, recusa formal á subida do Salazar á presidencia; e por essa razão conseguiu que o Esteves fosse recebido pelo Salazar para este ouvir a sua opinião que reflectia a opinião da maioria do exercito. O encontro deu-se e o Esteves expoz largamente as razões porque entendia que Sua Excelencia deveria apenas manter-se na pasta das Finanças

e não ocupar o posto de presidente do Governo. O Salazar ouviu toda a exposição atenciosamente mas calado. No final, quando o Estêves terminou disse, apenas, com a sua conhecida voz meliflua:

— Muito bem... Mas essa é a opinião de V^{ce}. E, francamente, não é a minha...

O Estêves que não esperava por tal conclusão, levantou-se e disse:

— Pois então passe V^{ce}. muito bem.

E saiu.

É claro que contou isto como ele contou. A verdade do episódio fica por conta dele. No entretanto quero crer que mais ou menos as coisas se passariam assim. A diferença não deve ser grande.

É, verdade verdade, não era o Paul Estêves, mesmo com toda a sua rônha, que ia convencer o outro. A Campanha de Jesus já tinha traçado o seu plano e o Salazar tinha que ser o «messias.»

E agora a outra nota:

No meio da conversa surgiu o caso cometido pela República com a Lei da Separação das Igrejas do Estado. O Vitorino Guimarães contou que alguns padres trans-

resultados explicaram que a sua má vontade ao Afonso Costa e á sua politica vinha de este os ter entreado aos bispos com a lei reparatista; antes da lei sentiam-se protegidos pelo Estado, depois ficaram á mercê da boa ou má vontade dos prelados — e isso era o que os indignava.

O Paul Testes que se via calado, lançou a certa altura esta frase:

— É o que me admira é que o vosso dr. Afonso Costa, com toda essa furia anti-clerical, era um catolico...

O Ernesto Pope saltou logo:

— O quê?... o Afonso Costa catolico?...

Eu olhei para o Vitorino, com ar interrogativo; este, com o seu sorriso fino, fez-me um gesto de quem não protestava e quasi me pegou no que os outros falavam alto:

— O Afonso era-o, no seu intimo, sem exteriorizações. Quando muito era cristão...

Eu apenas lhe disse, no mesmo tom:

— Muito se aprende com a rethica...

E na verdade, esta do dr. Afonso Costa crente foi para mim tão grande revelação que me deixou um tanto ou quanto aturdido. O que dirá a historia?

É que partido tirará disto, um dia, os clericais, quando o caso se divulgar?

Refpito: muito se agrande com a melhi-
ce...

É já agora, sempre deixarei registada uma anedota (porque quero crer que é ane-
dota) que um dos presentes contou a respei-
to do Julius Dautas.

Como se sabe, o illustre Dautas é mui-
to assediado por principiautes das letras que
desejam servir a sua « abalissada opinião. »
Um desses principiautes, poeta por rival, con-
seguiu audiencia, numa altura em que o
grande homem disse ter que sair, mas que
pelo caminho iria ler todas as produções se is-
so não desagradasse ao solicitante.

Assim se fez. O Dautas ia lendo, lendo,
sem commentarios. Ao descerem a Avenida,
nos talhões esombrados onde os pardais
chilreiam aos milhares, o Dautas parou ao
ter certo ponto. Coincidiu a parapeu com
o desacato dum pardal que deixou cair sobre
os catorze versos umas gotas grossas do es-
cremento...

O Dautas não ~~comentou~~ se mostrou ar-
reliado com a irreverencia da passarada;

voltou-se para o poeta principiante e com o seu ar olímpico de príncipe das Letras disse-lhe afectuosamente:

— Como vê, meu amigo, o pardal parece ter razão... E eu sou da opinião do pardal...

Entregou o manuscrito ao rapaz e despediu-se com elegancia soberana.

Isto pode ser simplesmente anedota; no entanto o caso podia dar-se mais ou menos assim. E o pardal foi mais inteligente que o Dantas que provavelmente não encontrava boa saída para a consulta...

Queem sabe? É assunto para ser estudado por aqueles que se dedicam á verificação da inteligência dos animais.

E aqui está no que se entretenem o grupo de maduros que, ás 4^{as} feiras se reune na Revista Militar...

Lisboa:

Junho: 27.

Ontem, a Ana Maria, minha netá, tomou parte na audição dos discipulos da Prof.^{na} Maria Luiza Mauo, no salão nobre do Conservatorio.

Tocou uma valsa de Chopin e tocou com sentimento, com compreensão, deu-me a expressão devida, como quem não olha só a técnica.

Tenho, para a musica, a aluna da Mãe e quero crer que virá a ser alguma coisa como pianista.

Lista:

Julho: 1

Conheci hoje o Gabriel de Sousa Dias, arcebispo oficial do exercito que trocou, e m.º tem, a farda pela profissão meritória de professor liceal e escritor.

Tenho dele alguns livros sobre Angola e leio sempre os artigos que escreve no Primeiro de Janeiro em regra acerca de assuntos angolanos. Não o conhecia, porém, pessoalmente.

O Pires Monteiro convocou-me para um encontro com ele, na Revista Militar, para depois irmos á exposição dos ex-livros de Antonio Lima e a seguir a um chá-das-cinco á Riviera nos Restauradores. E assim se fez, como fôra planejado com a melhor das intenções.

Gostei de conhecer o homem. Tipo de homem franco, levemente rude, com a tez queimada, de certo, do sol africano, maneiras simples, modestas. É, á primeira vista, simpático. Fala com clareza, sem rodeios amarelados. Nota-se logo que vem habituado a outro ambiente.

Vômos á exposiçãõ dos ex-libris. O Pi-
res Mont.º apresentou-me ao Antonio Li-
ma, antigo official de Cavalaria que por con-
vições monarchicas se demittiu quando a
Republica se proclamou em 1810 — convic-
ções que não o obrigaram a renunciar á re-
integração no exercito como alferes e te-
nente reformado nos termos de uma lei de
actual situação. É um sujeito baixo, de ca-
belos já brancos, corvidos, penteados para
traz, de oculos de miopia, maneiras atencio-
sas, se bem que mantendo certo afrecho e
olhar de intelligencia e presentadôr.

Eu já tinha visitado a exposiçãõ e me-
tava que o expositor desenhava bem, com tra-
ço firme e afrecho com certo rispôr a in-
venção da obra. Talvez não tenha grandes
vãos nas concepções mas vê-se que é
artista e sabe o que faz.

Conversámos um pouco acerca de ex-libris, prometi mandá-lo o meu e expliquei-lhe a origem. A conversa foi interrompida pela chegada dum sujeito alto, de olhos, com cara grosseira e nada simpática, com o qual o Lima se afastou a falar junto de uns exemplares expostos, de maior categoria. Pouco depois, despediram-se com modos afaveis e o Lima voltou para o pé de mim, amavelmente:

— V... desculpe esta interrupção... Era o Martins Barata que queria umas explicações sobre aqueles ex-libris...

— Este é que é o Martins Barata, pintor e desenhador de pelos? perguntei eu interessado.

— É, é este mesmo... É um dos meus grandes inimigos... É como V... viu, tratá-me com todas as amabilidades...

Eu fiz um gesto vago que significaria a frase: « que se lhe ha-de fazer?... o mundo é assim... » e continuei a conversar acerca de ex-libris e de arte em geral — até que a certa altura oigo, por traz de mim, al-guem dizer com voz sonora, como do velho amigo:

— Ora muito prazer em ver o meu Coronel! Então como passa?

Voltei-me e dei com o coronel Alberto Faria de Moraes, com ar triunfante e superior, sorridente, que me estendeu a mão afavelmente. Senti, mas sei o quê de repulsa; e é possível que na minha expressão houvesse qualquer sinal disso porque o homem mudou um pouco de maneiras e limitámos os cumprimentos ás saudações do estado de saúde de cada um e das respectivas famílias. Não consegui ser superior, bem contra vontade, ao sentimento de repugnância que me provocou não só o aparecimento quasi brusco do homem como e principalmente o tom de superioridade satisfeita.

O Faria de Moraes não escondia a satisfação pela minha "derrota", no caso do estudo sobre o Saldanha.

Logo que o Pires Mont.º e o Sousa Dias termináram a visita á exposição, fizeram-se as despedidas e fomos, todos tres, até á Riviera, em frente, abancarmos a uma mesa de chá com torradas. Senti, então, certa calma; o ambiente agradável e a

boa companhia dos dois parceiros, desfizeram-me certo nervosismo que me causou o encontro com o Faria de Morais.

A conversa com o Gastão de Sousa Dias caiu mais ou menos sobre assuntos coloniais e notei que ele ficou um tanto ou quanto surpreso não só pelo meu interesse pelo assunto como pelos conhecimentos que eu tinha em especial na parte histórica.

Foi, enfim, conversa agradável e longa que deixou excelente impressão do homem. Ficámos de trocar trabalhos, como velhos amigos.

Mas ao voltar para casa ainda trazia na memória, apesar de tudo, o sorriso de superioridade do Faria de Morais.

O velho!...

Lisboa:

Junho: 2

Ora hoje o meu "caso Saldanha", teve o seu desfecho lógico...

Bateu á porta, á tarde, um soldado com um embrulho e um officio. O embrulho continha os dois volumes dactilographa-

dos do meu trabalho acerca do marechal; e o officio dizia o que aqui fica copiado para memoria:

« S. Ex.^o o General Chefe do E. M. encarrega-me de informar V... que, em virtude da maioria das entidades consultadas para dar parecer acerca do trabalho de q. V... é autor intitulado O Marechal Saldanha, sua vida militar, suas ideias e métodos, não concordar com a sua publicação por conta do Fundo de Instrução do Exército, foi o requerim.^{to} de V... indeferido, o que S. Ex.^o o Gen.^{al} veicemente lamenta.

« Junto se devolverem os dois volumes ditos e ditografados que haviam sido entregues nesta repartição.

« Peço a V... que releve a demora havida na resolução do assunto, a qual foi motivada por terem de ser ouvidas varias entidades sobre a obra.

« O chefe da Repartição (a) Manuel Alcobia Veloso, coronel. »

A repartição de onde veio a nota é a 1.^a da 3.^a Direcção Geral au país do Estado.

Maier do Exército e tem a data de hoje, 2 de Julho. Está, pois, terminada a demanda... O tom do marechal apañhou "com a tábua", como hoje se diz em colão fino.

Não me surpreendeu o desfecho. Quero, porém, deixar aqui a confissão de que me senti abalado ao ler o officio. Mais uma martelada!... É o que me abaleou foi o ter a certeza de que as variadas informações dadas sobre a obra foram dadas por criaturas inferiores, incapazes de trabalho semelhante. Com excepção do Gastão de Melo de Matos que votou segundo o seu criterio politico e não segundo o seu juizo de historiador, os outros que deram parecer desfavoravel foram criaturas ou inferiores intellectualmente ou nethos reaccionarios como o Taria de Moraes.

O meu nome e o assunto da obra que fixava um grande nullo do Liberalismo foram a causa da derrota — e derrota quasi direi miseravel...

Não me quero vangloriar; mas o caso está mais ou menos no genero da fábula do leão e do burro. Custa muito levar o coice do asno quando se está, como eu,

actualmente, na chamada «rua de Bai-
xo.» É um pouco duro.

É está explicado o sorriso de superioridade que ontem surpreendi no Faria de Marais.

É ponto final. Não me quero deixar levar pela má disposição que me pôde tornar injusto ou parecer desfeito.

Coimbra:

Julho: 4

Em Coimbra e, naturalmente, por pouco tempo. Gado não que volto a casa e me encontro entre os meus livros, como novo-me. Parece que estou destinado a passar a velhice aos trancheiros...

Que lhe hei-de eu fazer?

Ora hoje de manhã bateu-me á porta o Agostinho Seguro Pereira, meu antigo alferes no Grupo de Metralhadoras, hoje advogado na Povoação do Varzim e director de um collegio no Porto e... parece que houve um rico. Este Seguro Pereira era um dos meus subalternos preferidos; rapaz esperto, muito correcto, desembaraçado, mostrou-se sempre muito dedicado e amigo. Cousem

vou sempre ter lembrança dos tempos em que serviu no Grupo e quando vem a Coimbra procura-me e desfia um rosário de recordações... É o que é interessante é a maneira como o faz, com certo entusiasmo, com fluência fácil, com vivacidade tal que me transporta facilmente a essa quadra da me.^a vida militar em que alguma influencia exerci sobre um grupo de rapazes novos — quasi todos hoje em situação de predomínio.

É o Seguro Pereira afirma sempre que quando se encontra com algum desses rapazes de então, como o Frederico Lopes da Silva, hoje general; o Vitorino Peres Fundado Galvão, na reserva no posto de coronel; o Augusto Carimiro, o poeta-sold.^o; o Santos Costa, ainda e sempre ministro da Guerra; o Oliveira Leite, actualmente na reserva como capitão; e outros mais — a conversa cá sempre sobre os tempos do Grupo de Metralhadoras, sobre a minha acção como comandante "de facto", porque "de direito" era o Alberto dos Santos Pereira Monteiro a quem eles chamam ainda "um coirão..." É afirma mais o Seguro Pereira que todos

eles me estimam e consideram e que é desse tempo que me veio a alcunha simpática de Mestre de Aviz a que já nestas minhas notas me referi, creio eu, em qualquer altura.

E assim a conversa seguiu, sem interrupção, porque o Seguro Pereira fala com facilidade; e eu senti-me um pouco patifoneio com essas recordações que são, em parte, compensadoras de varios contratempos — tanto mais que esse desfiar de lembranças é sincero e não traz intuíto de lisonja ou pura cortezia.

E na verdade esse periodo foi um bom periodo da minha vida militar; tenho a consciencia de que a minha accção não foi inutil.

Mas adeante.

Coimbra

Julho: 6

Ara hoje tomei uma decisào que não é, verdadeiramente, correctã; mas tomei-a com o direito que todo o cidadão tem de, ao menos uma vez na vida, pôr as mãos no chão e dar uma parrelha de coices... Nem mais nem menos.

Sou vogal da Comissão de Hist. Militar desde 1929. salvo erro; e, dito pelo presidente general Teix. Botelho e muitas vezes pelo falecido Ferreira Lima, um dos raros vogais que trabalham. Já tive um laudário, mas me lembro neste momento quando e, pela Casófia, ou qualquer realidade de polveria, um dos poucos vogais esparizados. etc. etc.

Como o parecer da dita Comissão foi contrario á publicação do meu trabalho sobre o Saldanha, sem a menor contemplação pelo colega e atenções pelos meus serviços — eu tornei a decisão de regressar a exoneración do cargo como prova de... ná lá! de meu humor ou mesmo se quizerem, de despeito ou de outro qualquer sentimento pouco elevado.

Não importa a classificação do acto q. jurídico que reconheço não ser muito elegante (como hoje se diz); mas, com franqueza, quero ter o tal direito da parrelha de coices... Estão convencido de que eles também não procederam muito "elegantemente", e assim, amém com amor se papa e... não para o diabo q. os carregue.

Nestes termos, entreguei hoje ao General Tel. General desta Região o seguinte requerimento dirigido ao ministro do Exército:

« F. . . . vogal auxiliar da C. H. M. no meado por portaria de 24 de Agosto de 1929 inserta em O. E. n.º 13, 2.ª serie, de 7 de Setembro do mesmo anno, não podendo, por motivo de sua idade, doenças e encargos particulares a que tem de atender, continuar a exercer as funções que desempeña, aliás, procurou cumprir dentro da referida Commissão, logo a V. . . se dignou exonerar-lo do cargo com que, naquela data, foi honrado. — E respeitosamente — pede de ferimento. — (a) B.P.

E lá ficou entregue e deverá seguir pelas vias competentes. O gen.º Teixeira Botelho não gostará muito quando o requerim.º lhe chegar ás mãos para informar. Mas tenha paciencia. É bom, tambem, q. ele perceba que eu não gostei da fraca posição que ele tomou no meu caso.

Hoje mesmo mandei uma carta ao general Barros Rodrigues, carta que julgo

de justiça elementar. Estão começado de que se interessou a valer pelo assunto; apenas se poderá dizer que não teve coragem para arcar com os preconceitos. Mas isso não desmerece de certa gratidão. E aqui fica a carta:

« Recebi, ainda em Lx^a, a nota em que V. . . por intermédio da 1.^a Repartição, me mandou avisar do indeferimento da do ao meu requerimento. Creio V. . . que qualquer que fosse o defeito do episódio, eu sabia que a boa vontade e o evidente interesse de V. . . eram sinceros; por isso meho agradecer com reconhecimento, tudo o que V. . . fez no respeito de me ser agradável. — Não quero tomar mais tempo, meu General; só quero q. V. . . acredite que lhe fico m.^{to} reconhecido e que me subscrevo com toda a consideração, etc. etc. »

Creio ser justo com estes agradecimentos; se me suplico . . . paciência. Tenho-me supellido muitas vezes na vida. Não quiz também deixar de agradecer ao ajudante do general, o capitão do Arto-

tharis Eduardo Teixeira Barbosa de Alencar,
creio que, além de ajudante, genro. Depois
dos agradecimentos pelas atenções que me
disponham, concluiu assim para que o ge-
neral pousasse:

«... Quanto ao trabalho acerca do ma-
rechal Saldanha não ficará na gaveta. Pas-
sados estes meses de verão em que toda a
gente descança (mesmo aqueles que, como
eu, não têm q. fazer) vou tratar de o publi-
car embora com sacrifícios. Desejo que o
público que lê e sabe criticar seja juiz na
contenda. Deu-a foi que houvesse atraso de
dois anos — período que, quando se está a
caminho de velho, pode fazer diferença.»

Coimbra:

Julho: 8.

Vejo nos jornais a notícia da morte
do Antonio Mesquita de Figueiredo.

Ainda ha pouco me escreveram, de Ma-
drid, onde fôra a reger a uma visita de es-
tudo a Mérida e à Ponte de Alcantara de que
me mandou uma excelente fotografia. Car-
tas cheias de boas disposições, certo optimismo

com projectos de trabalhos de arqueologia. Nada indicava doença, antes pelo contrario, boa saúde quer mental quer fisica.

Ha anos disse-me que andava debaixo da ameaça de uma angina de peito e durante algum queixava-se desse mal; mas a verdade é que o via sempre animado, sempre bem disposto, um pouco "má-língua", para a direita e para a esquerda, dando-me a impressão de que se esquecera da terrivel ameaça.

Seria, agora, que a ameaça se realizasse? Morreu na sua casa da Figueira de Foz, onde naturalmente fôra repensar de viajata por Espanha.

Era muito meu amigo, tratava-me com todas as atenções; e sendo, com outros, por nêses, pouco tratavel, foi comigo sempre de grande correccão com provas de boa amizade. Gostava de me ouvir a opiniao acerca de certos assuntos e acerca de certas pessoas e por muito particular que fosse a consulta, foi sempre de grande lealdade.

Era, enfim, embora sem grandes inibições, o que se chama um bom amigo.

ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO
ADVOGADO
Rua Pinheiro Chagas, 27 - 1.º - D.º
LISBOA - Norte - PORTUGAL

Exm. Senhor

Coronel Belisario Figueira

Imminente escrita

Leva assim em Mesquita de Figueiredo sobre a
correspondencia q. me dirigia. E fazia-o a serie!

É a notícia inesperada da sua morte, incomodou-me bastante. Mais outro que desaparece para aumentar o vácuo que meço a sentir é mi.ª volta.

É com a agravante de que desaparece um amigo de há regularmente cinquenta annos, em quem podia ter confiança e do qual sentia sincera estima.

Que se lhe ha-de fazer?

Coimbra:

Julho: 11.

Com a procissão poleve que este anno te me o charmariz do Nuncio apostolico, terminaram praticamente, hoje, as festas tradicionais da Rainha Santa.

Muita e muita gente. Teria que nunca vi tanta gente em Coimbra nas festas; não sei avaliar, mas na S.ª feira passada, por occasião da procissão da noite, a multidão era extraordinaria, compacta; havia gente de toda a parte, excursões numerosas, estrapeiros em certa quantidade; ~~em~~ e tudo me fazia pensar no que é a vida moderna, ávida de gôso, de festanças, de cousas deambulacão.

chega a fazer impressões este costume
 de movimento de gente; e não sei se sou
 se mal ao pensar que haverá muito de in-
 consciencia nesta permanentemente movimenta-
 ção principalmente para festas.

Enfim... acabáram os festejos da Rai-
 nha Santa e eu tã hera acabáram. E, na
 mos lá! apesar de todas as boas vontades
 reaccionárias, a festa, teve o mesmo
 velho cunho popular e pagão. A Rainha
 Santa foi sempre, creio eu, bastante indul-
 gente; era doutro tempo...

Cóimbra:

Julho: 12.

Fui hoje á Louisa e a Miranda tratar
 de assuntos varios nas Conservatórias e Re-
 partições de Finanças.

Como habitual. O que para mim não é
 habitual é a impressão que sinto quando vou
 a esses sitios, em especial a Miranda. Pa-
 ra que repetir o que aqui já tenho dito, se
 me não enganar? Venho de lá mais ou me-
 nos amanchucado.

A minha vida não quiz que ali poderse
 passar a velhice, que por ali visse correr

o tempo, seus altos e baixos, não direi já de maneira contemplativa mas ao menos com a possível tranquilidade.

Não pode ser. Paciência.

Paz (Mafra)

Julho: 21.

... E cá estou eu, de novo, na quinta-rota, neste deserto cheio de saloios...

O destino assim quiz.

Em vez do vale de Miranda, do cenário da terra, de toda a tranquila beleza que sempre me chamou e me entristece, vejo estas encostas duras, pedras, sem atrativos de qualquer espécie, desabridas e monótonas.

E os meus livros e os meus verbetes e os meus manuscritos lá ficaram em Coimbra e boa vida...

Paz (Mafra)

Julho: 23

Este caso da Índia que eu che os jornais de cima a baixo o que dará?

O caso afigura-se-me sério e sinto q. a situação criada não é situação para ser

diripido por um ambigo seminarianista que, de mais a mais, é jesuíta.

Sue pairá deste embate dum homem resolutó e sem escrúpulos com um ralhoso professor de finanças, cheio de preconceitos?

Oxalá o Graveiro Lopes que deve ser homem decidido e o Sarmantó Rodrigues que tem mostrado certo desembaraço, possam compensar a indecisão característica do tenebroso seminarianista de Santo-Come-dão...

Paz (Maíra)

Julho: 27.

Comencei hoje a barbear-me com uma máquina eléctrica. O caso é banal como todos os casos banais.

O que porreu me leva a deixar aqui consignado o facto foi o comentário feito durante a primeira rapadela de queixos por meio da electricidade.

O homem é, realmente, um bicho inteligente e inventivo. Sue mais coisas inventará ainda por esse desauerolar de peccellos?

Paz (Mafra):

Julho: 28

Recebi hoje uma carta curiosa de Alberto de Moura Pinto, em resposta a outra minha escrita ha dias para a Quinta dos Vales, em Vila-Cova de Sub-Arô.

O dr. Joaquim de Carvalho dissera-me que ele estava doente e deveria ser operado. Perante esta noticia puz de lado velhas divergencias politicas e certas desconfianças levantadas e escrevi uma carta amavel, simples, sem qualquer evocação de outros tempos ou qualquer lembrança, apenas com interesse pela saúde e cumprimentos tanto quanto possível affectuosos.

A resposta chegou hoje e com sinais de que ficou satisfeito com a m.^a deliberação. Salpica a epistola com o mesmo ar de bom humor e a mesma ironia pronta. Parece que os transeunhos que levou não o amadureceram muito e mostra vontade de um encontro, lá mais para deante, para se conversar amavelmente e lembrar os tempos idos que, segundo diz, não seriam melhores que os de hoje mas que, ao menos, "eram os nossos..."

Confesso que fiquei algum tanto peivado
 bilizado com a carta. Desapareceram cer-
 tas discrepancias de outros tempos e só vi o
 perseguido que me rodar de uns vinte anos
 bem passado vários bocados e, regendo jo-
 rece, abalado bastante a fortuna que, sem
 ser grande, lhe dava seguro bem-estar.

Vou responder-lhe e lá para Outubro
 ou Novembro procurarei vê-lo. Que dia-
 bo! o que lá vai, lá vai!... E com todos
 os seus erros era, como dizia o outro, um
 varão de Plutão ao pé destes farcautes
 de agora.

Lisboa

Julho: 31.

Aqui estão, novamente, de passagem.
 Ontem fez a Ana Maria 13 anos; hoje a
 Maria Helena 45. Dois aniversários pe-
 quidos: o primeiro, florido e alegre; o se-
 gundo, passado pacatamente, como deve
 ser passado o aniversário de quem se con-
 te cansada e não sei se desiludida.

Adiante. Não quero avançar hipóte-
 ses para que não tenho elementos de prova.
 Os aniversários foram aqui mencionados

porque hoje, no correio vinha uma poesia "anônima", que logo se viu ser da Ana a felicitar "anonimamente", a Mãe. Como achei curiosa deixo-a aqui transcrita.

Já não é a primeira versalhada que faz; mas esta é a que consegui aparrar. Lá fica, pois, para memoria e curiosidade:

« D. Helena, todo esbita,
 Simbolo da formosura
 E' uma optima professora
 Dos ditos de Literatura.

Seu esposo, homem distinto,
 Sobretudo no desarrumar,
 E' precedido por Helena
 Que os dias passa a rathar.

Quando regressâmos a casa
 Cansados todos do trabalho,
 D. Helena, sem comecando,
 Nuncae the para o logatho.

Não nos saupuêmos mais
 Com coisas bastante léras;

Que a Dona Leminha faz
45 Primaveraes.

Vinha - lhe, pois, desejar
Dia de muita calma
Sem dizer uma palavra
A sua querida Filhinha. »

31 - vii - 954

(a) Anónimo.

Paz (Mafra)

Agosto : 3.

De volta á passadeira da quintarola,
encontrei alguma correspondencia accumu-
lada. Entre outras cartas tinha uma, n.^o
anual, do José Ferreira Monte, em nome
da direcção da revista Verdice, a lembrar
o meu antigo prometimento de colabora-
ção e a solicitar qualquer trabalho para en-
dir á falta de original que os apresenta
nesta altura.

Lisboa - me a solicitação porque
a Verdice é uma revista de novos e eu con-
sidero-me velho; já em tempos lhes di-
se isso embora para os satisfazer lhes pro-
metesse um pequeno estudo que eu titula

ria Napoleão visto por Balzac. Mas... a
 verd.^a é que o tempo foi passando e com
 ele os aborrecimentos foram surtindo e
 o ligeiro ensaio (seria um ensaio?) que
 cheguei a começar e de que escrevi duas
 laudas não ficou esboçado mas ficou in-
 terrumpido.

É o real foi a interrupção. Eu já sei
 que em interrompendo um trabalho, me
 custa muito a recommençar.

É porquê?

Eu sei lá! Cada qual tem as suas ma-
 nias — e isto deve ser uma mania como
 outra qualquer.

É o caso dum arcebispo que prometi para
 o Boletim da Biblioteca da Universidade na al-
 tura do centenario da elevação a cidade de
 Vila de Parbalegre, já lá vão uns tres qua-
 tro annos. Comecei, interrompi, recommencei,
 interrompi novamente e... pronto! ali
 ficou para acabar, perdendo a oportuni-
 dade e aborrecendo.

Venho -o aqui, até em frente, na es-
 taute. Veiu comigo para ver se o espiri-
 to palcio que deve andar invariavelmente neste
 região me ajuda o acabamentoo.

Pode ser que sim. Mas ainda não
the peguei. Ele ali está, enfileirado, na
estante á espera da meará...

Paz (Mafra):

Agosto: 14.

Hoje, dia comemorativo de Aljubarrota, tirante qualquer cerimonia que se fará no local ou no mosteiro da Batalha, as atenções estão voltadas para Fátima e de aqui a manhã haverá festa de arrornha.

Com o pretexto do Patriotismo, a Igreja ou, melhor, a Pecação, está desenvolvendo uma campanha avassaladora a propósito do caso da Índia. E manda a verdade que se diga que a campanha está feita com inteligência e integridade.

Não fosse ela obra da Igreja!

A posição tomada pelo Governo ainda virá a ser considerada como inspiração do Espírito Santo; e se o Nereu Tránsite e acalua a tensão de relações, deverá atribuir-se á influencia de S. Francisco Xavier. Pela certa.

Esta constante acção reaccionaria, com missas por lá cá e por cá, por

jejuns e caminhadas de desagravo, dá-me impressão de fêso e de mal estar.

Vamos a ver o que ha apanhá, dia marcado para a tomada de Gôa e para a chegada a Fátima da peregrinação salvadora. E se a situação não fosse grave, tudo isto daria vontade de rir.

... Deu, quem sabe, de chegar...

Paz (Mãe):

Agosto: 15.

Em regra, neste dia 15 de Agosto, que actualmente é feriado nacional dedicado á "assunção" da mãe de Christo, costumava deixar aqui certas lições de saudade para a festa de outros tempos em Coimbra dedicada á Senhora da Nazaré da Ribeira de Tradas, freguesia de Tauciro.

A festa era conhecida simplesmente por « a Nazaré da Ribeira. » Bons tempos se, na verdade, eram melhores.

Ora hoje, realmente, recordai esse dia da minha mocidade, passado em regra na quinta da Guarda Infante de meu tio João Caetano. Mas, não sei porque, as recordações incidiram mais para o mesmo dia

do ano de 1907 que eu passei alegremente na Serra do Faro, sobranceira a Valença do Minho, perante estepeúdo pausenar e no meio de festejos populares.

Tratava-se da romaria á Senhora do Faro, protectora da vila; e como para mim tudo era novidade desde a maravilha da paisagem aos costumes do povo — eu senti-me bem e não sei se poderei dizer... feliz. Sim, feliz. Em todas as vidas pôde haver um momento assim.

Já lá não 47 anos; estou velho e mal parecia querer agora explicar as razões daquella feliz felicidade. Mas poderia explicar: a memoria ainda me não traioçaria muito.

Adiante.

Para que serviria mexer em tão grandes recordações? Seria quasi arivar a ferida que está a cicatrizar.

Senhora do Faro, Senhora do Faro!... Quantos perdões teus que conceder a romeiros como eu, jagões da cabeça aos pés, que não subiram a ladeira levados pelas tuas graças! Mas podes ter a certeza, oh protectora de Valença! de que este

comeiro de ha quarenta e sete annos se lembrava bem da belleza do seu retiro, da magnificencia da paisagem circundante e da tolerancia e da bondade com que fechava os olhos a todas as fragilidades humanas.

Bemditas sejam, oh S.^o do Faro!

Paz (Mafra):

Agosto: 24.

Escrevi hoje uma carta ao Adolfo Alvauchés Pinto, actualmente nosso embaixador em Pretoria. Eu devia-lhe agradecimento pela maneira como ha dois annos, sendo ministro, me recebeu por causa do meu trabalho sobre o Saldanha. E, ao mesmo tempo, desejava que ele poubesse o final do episodio.

Depois dos cumprimentos amaveis dizia-lhe:

«... Corridas, foram, as deliberações regulamentares, o parecer dos officiaes que delas foram encarregados, concluíram, ao fim de dois annos, que o trabalho não merecia o subsidio official conforme ha jou-

co me foi comunicado. Desejo, pois, significar a V... o meu agradecimento pela atenciosa maneira como me recebeu e pelo interesse manifestado que reconheci sincero. Muito e muito obrigado, pois, a V... — Quanto ao trabalho, será publicado de qualquer forma, mesmo com algum sacrificio meu. Desejo que o publico e a critica tambem deem a sua opiniao. — Creia-me V... etc. etc. »

Vamos a ver se ele responde e o que responde. Mandeí tambem uma carta ao mesmo teor ao tripad. Joel Vieira que, como aqui deixei dito, foi o intermediario amavel e, quiz-me parecer, um tanto ou quanto interessado.

Paz (Mafra)

Agosto : 25.

O presidente Getulio Vargas suicidou-se. Os jornais contam o caso com juizes mais e alguns edificantes.

E' assim que terminam sempre os diademas. Mais tiro meus fios, mais escandalo meus escandalo, assim vão todos.

Não se convencem de que, na verdade, a História é a grande mestra.

É pronto. Nada de lamurias ou de penúcia de exequias.

Paz (Mafra)

Setembro:

Fui hoje à vila de Mafra e conversei durante bastante tempo com o Guilherme Carneira, meu antigo alferes e agora comandante da Escola Prática de Infantaria.

É claro que durante a conversa abordou-se o caso da Índia e o Carneira contou-me as coisas confidenciais que há dias o Santos Costa esteve aí e durante certo espaço conferenciou com ele, fechado no gabinete. Em certa altura, como se tratava da próxima partida dum batalhão organizado na Escola para reforço das guarnições da Índia, o ilustre Santos Costa teve esta frase:

— Desta vez parece que temos parte...

As coisas da Índia estão a cumprir-se... O Nehru tem medo da O.N.U.

O Carneira não avançou mais com a confiança e possivelmente ter-se-ia arrefecido. Mas fiquei sabendo que desta

nêr o governo tem parte e que as coisas da Índia estão a cumprir-se...

Parece que em outras nêres a parte não os tem cafejado e agora o medo da O. N. U. tem feito recuar o papão...

Curioso, m.^o curioso.

Par (Maфра).

Sexteiro: 7.

Na Escola Drabica de Infantaria organi-
zou-se um batalhão com o efectivo de 1.000
homens para reforço das guarnições da Índia.
Deve partir amanhã de Lisboa.

Este batalhão tomou o nome de Vasco
de Gama, segundo a moda actual.

Ora bem. Em Maфра distribuiu-se
ontem um papel convidando os moradores
da vila a irem assistir hoje a uma missa
na rezada na basilica « pedindo a protecção
"divina para os officiaes, papaeitos e praças»
do batalhão expedicionário e suplanarem
as janelas « com colgaduras e motivos pa-
trioticos. »

Quer dizer: continúa a exploração reac-
cionista a propósito dos successos da Índia;
e o mais interessante é que o con-

vite é assinado pelo presidente da Câmara, o capitão João Lopes que é páu para toda a colher e foi distribuído por reuniões de Mafra, profusamente, durante o dia.

Segundo informações que aqui chegaram, a missa foi espectáculo comumente, com choros e flores; e ainda o dito presidente da Câmara distribuiu pelos soldados medallhões que certamente seriam gravadas com a S.^a de Fabiana.

Ueu exito completo.

O convite vai guardado no final do volume como recordação. ⁽¹⁾

Paz (Mafra)

Setembro: 10

O Viterino Nemésio publicou agora um livro com o título O Campo de S. Paulo que é trabalho histórico relativo á fundação da cidade de S. Paulo, do Brasil.

Tive conhecim.^{to} disso pela pagina das obras. Das Letras do re: de ante-ontem do Pri- meiro de Janeiro organizado pelo Jaime Brazil, contemporaneo e arcebispo amigo do Nemé-

⁽¹⁾ A pag. 292-83.

rio. E digo «arbispo amigo» porque não
as relações q. actualmente mantêm.

Ora pela critica á obra que parece que-
rer por amarel, conclui-se que o autor
«que não é um historiador profissional»
pois «outras musas o fadaram que não tlio»
quize apenas exaltar a accção da Companhia
de Jesus não só através da accção do Padre
Manuel da Nóbrega mas tambem a do pro-
prio Inácio de Loyola com o qual gasta gran-
de parte do volume.

O Nemezio, apena, inclina as suas
simpatias para a Companhia de Jesus. Na
critica diz até: «Estudou com devoção a vida
"de Inacio de Loyola...»

Com devoção...

Seu grande maroto!

E a proposito da Companhia de Jesus,
parece que volta á baila o caso da estatua
do Joaquim Ant.º de Aguiar em Coimbra.

No jornal Republica de 8 deste mês
vem um grande arbispo acerca do assunto e
dá a biografia do estadista com grande có-
pia de elementos, p.º provar que o homem
é um grande culto da Monarquia, do par-

tido cardista e por conseguinte conservador; que foi professor da Universidade e um dos corinthianos mais ilustres, etc.

Está tudo muito bem. Mas se a D. diu-nisias começaes emburrar com a estatua e a não quizer em frente das suas janelas, podem estar certos que terá de ir abaixo.

A emburracão é audaz; e se ela continua... adeus "mata-prades"!

Paz (mafra)

Setembro: 26.

Ontem como a Maria Helena e o Cristiano quizessem celebrar os seus catorze annos de casados, fomos a Sintra ao seu encontro para almoçar mais ou menos festivamente.

E digo «mais ou menos» porque não é possível dizer, categoricamente, um almoço festivo.

Adiante.

Sintra estava invadida por centenas de marinheiros e soldados americanos de uma esquadra que está no Tejo para render outra esquadra não sei de onde. Não calculo o que os homens apreciaram do passeio;

o que vi é que qual as caminhetas paráram na praça em frente do palácio velho, e os ocupantes pararam, os cafés e explaus das encherram-se e a creadapem não teve mãos a media. Foi um completo invação e grande consumo de cafés, de bebidas alcoholicas e sandwichs com pastéis e queijadas regionais.

Enfim, a excursão a Sintra foi afimial para comer e beber — e bem.

Mas adiante.

Com a chegada de mi.ª filha e do marido, deixei a barafunda da praça e fomos fazer horas para o chamado jardim da frente do palácio velho — local approximal onde pouco chegam a barulheira americana.

Depois... como em Sintra é bom evocar as grandes figuras literarias, desde o Byron ao Alencar dos Maia, ficou resolvido que se alimocasse na nova « Estalagem dos Cavaleiros » na estrada que vai para Setúbal, casa de repouso organizada á moderna no local onde si vera est fama residiu o poeta do Child Harold.

Na verdade, não só a ~~estalagem~~ situação do predio como o arranjo inte.

ria eram agradáveis e tanto que concordámos que o Bayram tivera bom gosto e com a actual instalação se passariam ali uns dias de repouso recuafortante — excluindo, é claro, a humidade antieutê que era grande.

Depois, saboreado o almoço, seguimos estrada fóra: Xetecais, onde o Estado está transformando o velho palácio em hotel de luxo; Mousseraté e a seguir até ao norte de Colares e daqui pela nova estrada larga margpinada por habitações de bom aspecto, quasi todas entre arvoredo, até á falada Praia das Macãs — onde nunca fóra.

Muita animação ainda, de gente venerante; o mar com ondas cadenciadas; o céu azul puro. Parecem, nada de característico: o mesmo tipo de casarêdo moderno das praías, mistura de todos os estilos de construções; o mesmo aspecto da vida vulgar de praías de 2.^a ou 3.^a classe.

Daqui ás Azeehas do Mar é um juizo. Lembro-me de notar o povoado quando ha anos passei em avião naquelas parsiatas da semana da aeronautica da Escola da Graja do Marquez; e na verd.^e ali ha certo fri-

tonesco que ainda a Civilização e o Turis-
mo não esbarravam de todo.

O regresso, por Colares, Graça, Pero
Pinheiro e Cheleros, fez-se ao cair da tarde,
com joente aversmetado, entre nuvens
acasteladas com fantasia, sobre as quais
se projectava, em certos pontos do caminho,
um ou outro ruído, de velas paudas, no
alto de qualquer catão mi.

E aqui chegámos á desolação da Paz,
quasi noite, com a Vesper a brilhar já pro-
xima do horizonte.

Belo dia e belo passeio. Assim o meu
espírito estivesse em estado de se regozijar
com ele.

Lisboa.

Outubro: 3.

Aqui estou, na capital do Império, su-
de vim, para não complicar a vida fami-
liar, celebrar condignamente o meu 75.^o
aniversário.

Nem mais meus meus. Cairam-
me em cima tres quartos de seculo — ferio-
do já largo, cheio de grandes successos de
Historia e de tristes episodios que me di-

zeu só respeito e que não valeria a pena contar.

Se tivesse vapor e paciência, poderia aqui deixar comentários e considerações acerca do que foi a minha vida, chegado a esta altura jubilar. Mas o que deixaria escrito seria um rosário de tristezas, um desfile de episódios e desabafos para concluir que a minha vida foi, verdadeiramente, um « falhanço. »

Errei a vida completamente. Desde novo, andei sempre entregue a ilusões; confiante no futuro, bastante alheio a certas realidades, me dei por caminhos errados... Foi tarde que dei por isso, já quando não podia voltar atrás; e assim fui vivendo, cumprindo tanto quanto possível as obrigações tomadas, aguentando com cara mais ou menos alegre as consequências do seguimento de rumo.

E assim foi passando o tempo até que se completaram os tres quartos de seculo para eu poder preguntar:

— Para que serviu esta longa fiada de anos? Para que serviu qualquer esforço dispendido?

O erro capital foi a profissão. Ainda hoje me interrogo como é que eu, com tendência militar de qualquer espécie me deixei encaminhar para a milícia. Os vultos avós Bustarff, quasi todos militares, teriam alguma culpa na transmissão de alguns globulos de sangue guerreiro? Não sei quem será facil sabe-lo.

O certo é que entrando no maquinismo, larguei qualquer estrada ampla por onde meether caminharis, para me tornar uma simples roda inutil e mesquinha de malfadada profissão.

Enfim, lamentações de nada valem nesta altura da vida; e considerar o segredo de quem só serve para aumentar a tristeza de quem se julga por sua unica culpa fathado e inutil.

Quando distribuí o meu opusculo cinquenta anos depois, alguns destinatarios referindo-se á bibliografia que meem no final, escreveram amavelmente que quem produziu tanto trabalho poderia dizer que cumpriu a obrigação e não poderia queixar-se de vida inutil.



Atualidades, simplesmente. Por que, afinal, o que vale toda a soma desses meus trabalhos que, na sua maior parte, não representam aquilo que eu desejaria fazer e, possivelmente (não sei se será verdade o que vou dizer) poderia e deveria fazer?

Circunstâncias variadas da vida não deixaram que, com calma, com tempo e sossego de espírito, pudesse fazer alguma coisa em que o meu espírito se satisfaria por me afastar bastante da reclusão e inferioridade do ambiente profissional. Mas nem isso.

A vida arrastou-se aos tranquelelos, talvez com pouco mexo, e assim cheguei ao fim com o desalento próprio de quem correu atrás de ilusões e pouco mais encontrou que o triste rasgo da realidade.

E pensando até no que foi, propriamente, a minha vida de oficial do exército (de distinto oficial do exército, como por vezes ouvi e li...) Também gostaria perguntar: Que fiz eu? O que é que deixei atrás de mim que valesse menção?

Pouco mais fui do que marça de alfaca, apesar de atravessar quadras de agitação política e de guerras.

Bem sei que sentia á minha volta certo respeito, não sei bem fundado em quê; mas, ao mesmo tempo sentia também que andava deslocado e que os que me rodeavam assim o compreendiam.

Entre aqueles que alguma coisa lêem e que mais ou menos compreendem o que sejam conhecimentos ou possuam visibilidade de cultura, sei ser conhecido pelo «ho-mem das ideias...» Vejo este afôdo da minha conhecida insistência pela história das ideias que se deve referir á história propriamente dos sucessos e é possível que na frase haja alguma ironia.

Quero crer, até, que eles não compreenderão o que seja a história das ideias e q. se satisfazem, mesmo por alto, com essa corriqueira história que vulgarmente se escreve; e daí a ironia de misturar com alguém desdenho que transparece no afôdo que me lançam — afôdo, afinal, que, sem eles querereem ou imaginarem não deixa de me honrar.

tera realmente, já que me embe-
rsei na profissão, por esse caminho « das
ideias » que eu desejava seguir. Mas nem
isso consegui.

A vida, cheia de cotovelos e encontros
não o quiz — e fiquei apenas no desejo e
já agora nem a esperança, de alguma coisa
realizar nesse sentido que é dado ter.

Demais... cumpro sempre, creio eu,
as obrigações impostas. E sem vaidade por
so dizer que consegui nos últimos tempos
reputação de sabedor, a ponto de, durante
o meu comando em Infantaria e os pro-
blemas de exercícios regimentais que eu or-
ganizava, não eram sujeitos a censuras na
d direcção da Arma e podia pô-los em execu-
ção sem esperar a necessaria autorização
— caso quasi excepcional segundo me con-
fessou o tenente Arualdo de Melo num dia
da sua inspecção, em Leiria, ao regimento.

Mas de que servia isso se havia sem-
pre a desconfiança de que as minhas « li-
teraturas » (como lhe chamava o falecido
general Francisco Bernardino do Couto) não
me deixavam ser militar a valer, isto é,
a saber bem o « quatro á direita volver »

e a julgar que resolver qualquer problema sobre uns cartões do Estado-maior era meio caminho andado para se ver Napoleão?

Defini, durante os quasi quarenta annos de serviço fui um deslocado, creatura que se não integrou perfeitamente no meio quinhismo da profissão e que os outros to-
mavam em regra como quasi um avis rara como um dia me disse, em conversa sem pretensões, um capitão Tereira, bom homem que encontrei em Infantaria 6, de Penafiel, quando ali estive um anno, como Tenente-coronel.

Que fazer agora?

Arrumar a casa, isto é, arrumar a papelada dispersa, pôr tudo em ordem, para que fiquem as coisas no seu lugar e comprehensíveis.

Quero deixar impresso o meu Salda-
nha já que me meti nesse camisa de onze varas; sacrificarei uns centos de reis para poder dizer que « morra o homem, fi-
"que o fama!" » e para me regalar com a varia critica ou mordaz ou laudatoria que a obra possa merecer.

Quero o que vier. Não darei parte com as diatribes que me aparecerem e não pedirei qualquer favôr á critica. Ficarei indifferente ao louvâr e á censura.

O que quero é pôr em gratos tempos ao trabalho em que penso ha bons cinquenta annos. E ~~isso~~ depois... é lançar-me ás memorias.

Quero que dizer alguma coisa para a historia e, confesso, sinto certo desejo intimo de contar a minha vida.

Pobre vida, bem sei. Não será exemplar nem terá valor de alguma especie; mas não deixará de ter certo interesse — como creio terem sempre algum interesse toda e qualquer vida errada...

... E tão errada que, até, não poderei citâr amigos, tal como entendo que devem ser os amigos na verdadeira accepção da palavra.

Em rapaz, lidei com rapazes em rego e discipulos com mais ou menos intimidade. Depois, encontrei outros individuos com quem me relacionei de perto. Mas... eu preguntava a mim mesmo se seriam amigos como eu entendia

que os amigos deveriam ser se simplesmente pessoas afeiçoadas por nobres especiais ou mera simpatia pessoal. Não sei. O que sei é que nunca encontrei o que eu imaginava ser um amigo verdadeiro.

Isto, é claro, é independente da estima que tenho por este ou aquelle velho conhecido, pela consideração que voto ao caracter e á intelligencia de um ou outro, pelo apreço que tenho as qualidades de algum velho que ainda restá de outros tempos.

Eu fim! vida errada, verdadeiramente vida errada...

E como diabo erreí eu a vida, como foi possível que eu, creado em ambiente de Arte e Letras, me metesse neste mezquinismo rudo e sem qualquer elevação, tão contrario a tudo que represente alguma tendencia artistica ou literaria? Como é que eu me supanei no caminho e me deixei iludir por miragens incansáveis?

O resto, o que veio depois, aquilo que repartei durante quarenta annos e que

ainda suposto em parte, foi a consequência do erro inicial.

E não tenho que me queixar.

O culpado fui só eu — e mais ninguém.

Lisboa.

Outubro: 5

Aniversário do Regime republicano.
Mais outro dia triste.

Ante-onze, 75 anos de idade; hoje 44 de existência de nova vida política.

A República Portuguesa, como eu, também errou o caminho e agora chora o erro como qualquer criança que teve acções...

Telefonei ao Pires Monteiro de manhã. Ficámos de nos encontrar à tarde; e na verdade nos encontramos na Avenida, e tristemente, numa mesa da modesta pasteleria Venera, tomámos um triste chá com torradas e conversámos com tristeza acerca do mundo em geral e do nosso País em particular.

Ao escurecer, saímos; ele foi para casa e eu vim também para casa.

E aqui fica a lembrança triste do bom
Xriste aniversário do regime.

Paz (Mafra)

Outubro: 8

No regresso à Paz, encontrei entre a
correspondência guardada, um cartão de vi-
sita do Luis Gonçalves Rebelião com a data
de 5 do corrente e as seguintes palavras:
«Cumprimento e sauda fraternalmente.»

Ora aqui está um velho companheiro
de há cerca de 30 anos, quando ele foi tesou-
reiro do cons.º administrativo do Grupo de
Metralhadoras 5, que se lembrou de come-
memorar o aniversário do regime com um
simples cartão amarelo — única manifes-
tação, aliás, de que naquele dia se passava
mais alguma coisa além do banal desdolar
das horas e dos dias.

E agora, outro assunto.

No Primeiro de Janeiro de ontem só
chegado hoje, vem uma gravura que fica
guardada⁽¹⁾ por curiosidade. Representa

⁽¹⁾ No final do vol.º a pag. 293.

o acto da assinatura da acta final da chamada « Conferencia dos Nove » e guardo-a porque acho muito interessante a expressões dos ministros da Inglaterra, Antony Eden e da França, o presidente Mendès-France, desenhando o chanceler alemão Adenauer a lançar o seu nome no papel.

Parece-me ver na expressão daquelles dois a duvida sobre o valor da assinatura que o chanceler está a fazer; e na expressão do dr. Adenauer eu quero ver a perennidade de um espirito superior que se sabe dominar e que pensa, como os seus antecessores, que compromissos tomados pela força das circumstancias, não têm qualquer especie de valor.

Oxalá isto seja fantasia minha.

Paz (matra)

Dezembro: 15

Tive a parte de ontem e hoje ouvir, no telefonio, a Sinfonia Pastoral de Beethoven.

Ainda ha locados bons na vida. E perg. será que cada vez me sensibilizo mais ao ouvir Beethoven; me comovo a ponto de sentir as lagrimas berlutarem?

Será maior compreensão dos temas desenvolvidos — ou será inutilidade?

É possível que seja mais a última hipótese...

Lisboa:

Novembro: 10

Começou ontem a celebração do 1.º aniversário do quartel de Garrett — e com todo o estádão.

Porque será que esta gente vai celebrar com tanta solemnidade e tanto barulho o aniversário de Garrett?

Li, embora por alto, os discursos proferidos na sessão inaugural, creio que na sala da Câmara dos Deputados. Os do Albrino dos Reis, como dono do crédito e do Pires de Lima como ministro da Educação, procuraram demonstrar que Almeida Garrett foi, no fim de contas, um precursor do movimento nacional de 28 de Maio... Pelo menos, assim me pareceu. Talvez errasse e, se errei, não há nada perdido.

Quanto ao doutor, ao grande Julio, não nos dá: ao menos sabia o que dizia; a discursata teve o mesmo tom enfático, um

Tanto eu quanto Balôfo, como é próprio do
seu modo de discursar — mas sempre se
apurava alguma coisa. Teve uma compara-
ção curiosa de Garrett com Merculano, se-
bem que, para agradar ao ambiente, puxou
a nota religiosa não sei ~~como~~ se enquitou a
proposito. Mas adiante.

Teria eu.º que escrever se quizesse dei-
xar aqui o que penso acerca de exaltação
do petreolista reformador, do politico inde-
pendente, do liberal convicto, feita por esta
gente de intenções contrarias á grande obra
garretteana? Mas não escreverei; quem
sabe se iria longe de mais ou se saberia
fazer a critica como ela deveria ser feita.

Adiante. Adiante.

Para compensar, mais frases do
que teria em destacar esta gente, tive-o
em visitar a exposição de gravuras e dese-
nhos de Jacques Callot.

Sobretudo colleção de obras do patriar-
ca da caricatura — que eu nunca julguei
poder ver! Conhecia uma ou outra gra-
vura e creio até que tenho, em Coimbra,

algumas nos albums esparizados por
meu Pai e por meu Tio João Baptista.
Mas um conjunto destes!

É que grandera se se considerar q.
dali meu a longa série de caricaturistas de
genio quasi até nós! Estava a sentir as
impressões por ex.º em Daumier, em Gus-
tao Daré, nos nossos Vaqueira da Silva ou
Rafael Bordalo — e até no velho Antonio
Sup.º Gonçalves e no meu Tio Albino Bacta
no da Silva, aliás todos da mesma dinastia
artística.

Sai de lá como aturdido. E voltarei,
para com mais repar me embrenhar na
aquele complexo conjunto. Felis, o possui-
dor de tanta coisa bella!

Lisboa:

Novembro: 15.

O Diario de Noticias, para colaborar na
celebração do centenario de Garrett, começou
a publicar umas cartas de amor, inéditas,
não sei se para a viscondessa da Luz se pa-
ra outra qualquer galdéria bazonada.

É claro que a publicação destas car-
tas (q. não ser lançadas, depois, em volu-

me, com intuito de ganho) não tirarão
nem acrescentarão qualquer parcela á glo-
ria literaria do autor, e até as primeiras
publicadas são bastante inferiores.

Mas, enfim, não de Garrett e as mem-
rias românticas deverão delirar com o claro
erotismo do poeta. Porque, na verdade, as car-
tas respiram erotismo por todas as linhas
e entrelinhas.

Lista:

Novembro: 18.

Hoje, sessão na Academia, em honra
do Teixeira de Pascoais. A oração foi do Joa-
quim de Carvalho.

A sessão realizou-se numa sala su-
de nunca estranha, talvez a sala do capitulo
da casa conventual. Ao fundo, um trono
para o Julio Dantas, por debaixo dum busto
do Duque de Lafões; a um e outro lado, ca-
deirais polenas; a meio da sala uma tábua
de grande tabuleiros de madeira — separação
necessaria entre a Imortalidade e a pobre
humanidade sujeita á lei da morte.

Notei que para lá da tábua, os imortais,
o génio, a ciencia; para cá da separação, a

certeza do esquecimento, a mediotridade, a ignorancia... E lá ao fundo o Augusto de Lafões, soltauceiro, parecia sorrir...

Pode ser que assim fosse.

Sentei-me ao pé do Augusto Carimino que conversava com o ministro da Republica do Perú a quem me apresentou. Não fixei o nome do homem, mas vi que era um methode amavel e reinadío; dizem q. é homem de letras e grande amigo e "admirador" de Portugal. Não sei; só vi que era, apesar da idade, um natão m.^{to} grande no que respeitã ao bello sexo; pelo menos umas frases lançadas na palestra assim me deram a entender.

Pois que seja m.^{to} feliz.

Quanto á oração do Joaquim de Carvalho, que poderei eu dizer? Grande lição, sem duvida, profunda, serena, ~~de~~ de grande elevação, com uma clareza de exposições que nem sempre dá aos seus trabalhos — enfim lição ~~de~~ que se pôde dizer notavel sem qualquer exagero.

Com o dr. Joaquim de Carvalho, comparece-se, até certo ponto, a existencia da casa de grandes balaustras ornamentais. E'

na verdade, um dos nossos grandes e raros valores. Pena é que a sua tempera normal não esteja a par do seu extraordinário talento.

No final, o grande Dautão, ao encerrar a sessão, quiz dizer qualquer coisa. Sentiu, porém, que não seria capaz de corresponder á elevação da conferência e, felizmente, terminou com rapidez. Não era realmente coisa fácil encerrar uma sessão daquelas; e meu foi que ele se não limitasse á sacramental frase de encerramento.

Lista:

Novembro: 21.

Ontem, ao sair da estação dos correios ao fundo da Calçada da Estrela, é noite, não reparei nem as traves atravessadas no passeio e caí desamparadamente. Senti, novamente, a impressão de que não seria capaz de me levantar; o corpo desceu-me todo; mas lá me levantei conforme podia, notando sómente que havia qualquer coisa de errado que me aliciava.

Do outro lado da rua, na passagem dos electricos, um grupo de pessoas ria-se, ás

claras, do Traambelhães; ao mesmo tempo que um pobre velho, com fardamento de qualquer asilo, vinha pressuroso em meu socorro. Contrastes impressionantes, mas infelizmente verdadeiros.

Hoje, estou alheado de tudo, como se tivesse levado uma péssima gripe. E pensando, nem ao menos a conotação de ver surgir duma porta, como ao veneravel avô Galvão do Jacinto do 202, a figura desenhada e simpática do Infante D. Miguel para amavelmente me preguntar:

— Que ajuda tu aqui a fazer, aos rebeldes por esta Calçada?...

Apenas um pobre azulado, meio côxo, me appareceu com solicitude. E foi melhor assim... Quem sabe se eu, resignado, não me converteria ao Integralismo Lusitano?...

E a propósito de Integralismo: o genero do muito illustre Santos Costa, que é official de Eupenharia, creio q. ainda tenente, affirmou ao Americo Macedo com o qual realitha na repartição de obras da Direcção General do arma, que ha pouco o negro ofere-

com ao Príncipe da Beira ou seja o filho mais velho do pretendente D. Duarte Nuno, com aliuço galante na pensada do Terre de São Julião da Barra.

O aliuço foi, pode dizer-se, secreto; houve reparoso serviço de policiamento para que a Imprensa não tivesse dele o menor cheiro. E assim vaiis ajudado.

Lisboa

Novembro: 25.

Ontem, no Instituto Lyell, o Nuno fez uma conferencia acerca de Garrett. Assis- tencia numerosa, em especial de raparigas da Faculd. de Letras. Muito simpatico.

A conferencia foi uma conversa e devo dizer que agradavel. O Nuno tem seu pre palestre agradavel, variada, quando aborda assunto em que está á vontade; e neste caso pode dizer-se que fez variações sobre um tema conhecido e que, sem dar novidades ou apresentar aspectos novos, en- treteneu o auditorio durante uma hora e tal sem cansasso ou bocejos. Pelo que me toca, devo dizer que gostei de o ouvir e que sómente laobirnei que as qualidades de ca- racter

racter não correspondam ao seu valor intellectual. Mas, enfim, como diz o Povo: honra e proveito não cabem num saco.

E já que falo do Nemésio sempre registarei que está, na Faculdade, com pessima reputação como professor. Pseudo de tudo a sua adaptações ou até adesão ao Est. do Novo e a conversão á Igreja de Roma, o que o tem levado a actos que o não dignificam, parece que, como professor, é de extrema irregularidade, não tira a devida atenção ás lições e nem lê os trabalhos dos alunos a ponto de argumentar nos exames de modo que se vê nitidamente que ignora o que está escrito.

Parece que tem havido reclamações bem fundamentadas; mas... em nome do prestigio universitario, tudo se encobre e se arruma sem escandalo.

Vou pensar do regime em que vivemos. Com liberd. de Imprensa, onde estaria o t. no do Nemésio?

E assim se vai vivendo.

Da desta conferencia ou conversação com Garrett, vou uma recordação curiosa: conheci pessoalmente o escritor Joaquim

Paco de Arcos, o romancista da Ana Paula
 São tido pelas mulheres.

Eu estava com o Pires Monteiro, na terceira fila de cadeiras; o Paco de Arcos, como genro do falecido commandante Mauro Braz é conhecido daquele e veio falar-me, afavelou-me, com deferencias de pessoa educada. O Pires Monteiro apresentou-me a o Paco de Arcos desfer-me em atenções para comigo, lembrando a carta que eu escreveri á sogra quando lhe morrer o marido. Vejo que a minha carta deu no gôto á familia; possivelmente o documento mais sincero que appareceu no momento do desgosto.

Achei ~~o romancista~~ o romancista pessoa fina, bem educada, com hábitos de sociedade; a voz um pouco frouxa é que torna desagradavel e lhe dá uma vaga impressão ~~de~~ de maneiras efeminadas. Honny soit, parem, qui mal y pense.

Lisboa:

Novembro: 27.

Ontem, em S. Carlos, concerto dado pelo Circulo de Cultura Musical. Luxo, materialismo, feitões e costas das mulheres á vis-

ta do freguês, etc. etc. etc. O programa, q. era o que mais interessava, excelente: cantava o Orfeão de Paupléus juntamente com a Orquestra sinfônica nacional e ouvimos a Cantata 67 de Bach e o Salmo sinfônico: O rei David de Honnegger.

Execução magnífica. A bebera do conjunto superpescudou-me. O encanto das composições de Bach é para mim sempre o mesmo: a simplicidade, às vezes a aparência de impiedade, a perfeita correção do desenvolvimento dos temas. E ontem, então, no conjunto de orquestra e de um orfeão requero a cantata pode dizer-se q. foi ouvida quasi em extasi.

Quanto a Honnegger, disse que o contraste é feizante. Música moderna, com traços aliás dum grande lirismo, surge-me com certa estranheza de começo. Em parte devido a temas de carácter oriental a ~~composições~~ composições têm contradições que se tornam evidentes, aos meus ouvidos como eu. Contudo, o magnífico conjunto do câro e orquestra fez com que ouvisse bem recreado os 27 episódios do Salmo e paixe do teatro com uma impressão de grandiosa.

que de certo não traria se se tratasse de
 beaultidade musical. E no verdade Honeg-
 ger, apresentado com aquela grandeza apa-
 ratosa de pens, não refugou a ouvidos he-
 bituais admiradores das soberbas estro-
 fes de Beethoven.

Eu fim, foi um bela e grande noite.

Libros.

Novembro: 28.

Este centenário de Almeida Garrett tem
 dado coisas injuriosas e extraordinarias.
 He dias, ao abrir um sessão qualquer, o
 João Manuel da Costa Director do Secretariado
Nacional de Informação exaltou a memoria
 do Poeta e Dramatista comparando-o com
 o Salazar!

Está não lembra ao Diabo...

Em que se pareceu estes dois homens?
 Que ponto de contacto mental podem ter duas
 creaturas tão diferentes? Pois o illustre João
 Manuel da Costa conseguiu o milagre...

Garrett & Salazar... Garrett quasi o
 precursor de Salazar...

O que sairá mais deste centenário?

Lisboa:

Novembro: 29.

Fui hoje assistir á abertura da exposição garretiana do Ferreira, ^{Lima,} organizada pelo Camara Municipal.

Quando, ha tempos, li nos jornais o programma official das comemorações do centenario, notei que não havia uma palavra relativa ao Ferreira Lima. Bem sei que o centenario era do quartel do Garrett e que só a es-
te se deveria prestar a homenagem; mas, que diabo! quando se estuda o poeta, até na elevada preocupação das suas ideias estéticas, a verdade é que, sem se querer, tropeça-se no Ferreira Lima — tanto ficou devedor a este bom e querido amigo a memoria do autor das Viagens na minha terra.

Notei a falta e pensei que, depois de realizadas as comemorações e apagado o ruido da festa, iria eu dizer de minha justiça em qualquer parte, mas sei bem onde. E se me fosse repado em publicações periodicas o desabafo, ~~em~~ fa-lo-ia em folhetos simples, curto sem devida mas que seria conclusiva.

Estava, então, na Paz, quando o programa saiu nas gazetas; e, contra os meus hábitos, senti-me polemista... Talvez influencia do aborrecimento que então me invadia, ou das preocupações que, inexoráveis, me sobrecarregavam a velhice. Mas o certo é que resolvi dizer de mi.ª justiça às claras, possivelmente em tom aspero.

Felizmente houve quem visse bem; e comparece-me explicou a D. Maria Lina, foram a D. Julieta Ferrás e o Rodrigues Cavatheiro que se lembraram de que o centenário não poderia passar sem que se fizesse melhor em piér, no Ferreira Lima. E daqui veio a exposição que hoje abrimos « da coleção garretiana de Ferreira Lima » (segundo a expressão do catálogo) no palácio Galveias, ao Campo Pequeno, onde creio se concentram os serviços culturais da Câmara Municipal.

Lá fui, um pouco antes das 16 horas marcadas no convite; e tarde estava agreste, nevosa, muito desagradável até, tanto ~~de~~ em que seria mais simpático ficar em casa, recolhido e absorvido em qualquer leitura amena. Mas não queria nem devia faltár e lá fui.

A' entrada, ainda do pátio, avistei como que a receber os convidados, a figura desageitada, mas simpática, de D. Julieta cada vez mais olheira, ao lado do Jaime Lopes Dias, sorridente e affectuoso. Como bisonho que sempre fui e continuo a ser, deixei passar adiante um grupo de senhoras e homens que foram recebidos festivamente e eu conseguí passar despercebido para um canto um pouco escuro, junto de um vaso com plantas onde encontrei, tambem refugiado, o Possidonio Laranjeiro Coelho.

Olhei então para a assistencia que ia engrossando: ao centro, quasi encostado a um grande busto de Garrett, o Luis Bastar de Macedo, correcto, sempre empertigado e um tanto ou quanto esfiurgico, recebia as honras de dono da casa; e á volta, homens e senhoras que eu não conheci, em pequenos grupos, falavam, cumprimentavam, moviam-se. Pareceu-me ver nos assistentes, aparte o aspecto de mais ou menos distincção, certo ar de interesse; seriam certamente pessoas cultas, velhos amigos do Ferreira Lima, creaturas que se interessam por tais assuntos — enfim, gente de nivel

mental elevado que concorrerem á honreiragem ao infatigavel e honesto admirador do poeta das Folhas caídas.

A certa altura, o Pastor de Macedo consultou o relógio e fazendo um vago gesto de convite seguiu para a escadaria. A assistência seguiu; e lá em cima, em salas do 1.º andar, começou-se o exame da exhibição garretteana.

A D. Maria Lina á qual, ainda em baixo, se falava rapidamente, ia explicando e guiando, bem como a D. Julieta Ferrás. Todos se curvavam sobre as vitrines atentamente, quasi em silencio; e notei certo reconhecimento simpatico no exame de tantas especies de toda a ordem — tudo bem ordenado, bem diferenciado, com arranjo visivelmente artistico que denunciava organisadores de bom gosto e ~~conhecimento~~ de boa comprehensão.

Impressionou-me tudo aquilo que ali presenciava. O acto que ali estava a correr era coisa séria; meu espalhafatoso não houve girando-las de palavriado inutil ou deducções forçadas para levar a agua a molinho proprio co-

mo em outros actos comemorativos. Tudo se passava com a polriedade e distincão que o Poeta e o seu admiradôr requeriaem.

Eucostei-me a uma orniceira de porta, quasi encuberto por um grande ramo não sei de que planta e observei o movimento geral de curiosidade com que a exposição era vista. E sensibilizei-me ao lembrar o bom e querido Ferreira Lima cujo espirito de eleição ali se espatava e se sentia, naquell conjunto tão amerosamente olvidado e tão compreensivamente colleccionado.

Pobre Ferreira Lima! Ficou no caminho, inpletariamente, quasi a dois passos do anno centenario que ele esperava com o justo desejo de prestar a homenagem derivada á memoria de quem, durante quasi meio seculo, dedicou um carinho e uma comprehensão inulgaras. Comovi-me, senti-me sensibilizado ao pensar no bom amigo desaparecido, que eu estimava sinceramente e considerava como raro exemplo de amizade.

Quiz dar um abraço á D. Maria Lina e sair; ella, porém, tão rodeada andava

de pessoas interessadas e constantemente se-
vindo-se em parte satisfeita (e digo em par-
te porque a lembrança da falta do Pai não lhe
daria a satisfação completa) que abandonei
as salas sem nada lhe dizer — não fosse a
minha convicção empavonar-lhe os momen-
tos de relativo contentamento.

Cá fora a tarde escurecia, neorrinhen-
ta; e eu galinhei a lamma do Campo Pequeno
até ao eléctrico mais triste do que o triste eu-
vaderer.

Convicções da rectitude? Sei lá! Fosse o
que fosse...

Lista:

Dezembro: 2.

Estive hoje na Seana Nova com o Camo-
ra Reis — que teima em ser um y no últi-
mo apelido. Recebi entãem um postal dele
um pouco enigmático, devolvido de Coimbra
com passagem pela Paz.

O enigma desfez-se: a Seana necessi-
ta de dinheiro; meteu-se em edições caras,
aliás uteis e boas, e os copres pouco mais es-
tão do que rasios. Recorre entãem aos amigos
e um dos amigos a cuja porta sempre batê

é este pobre diabo que dessa maneira só ganha os encargos.

Mas enfim, adeante. Prometi, quando voltasse a Coimbra, ver o que poderia eu prestar. Eu papa ofereceu-me um exemplar da edição do Fr. Luis de Sousa de Garrett, edição crítica organizada pelo Rodrigues Lapa em 1943, quando se celebrou o centenário da primeira representação do grande drama. Como declarei que não queria juros, naturalmente a oferta era já uma compensação...

Enfim, vamos adeante. Mas não deixa de ser arreliadôr o facto de só se lembrarem de mim para os encargos.

Lisboa:

Dezembro: 3.

Hoje, á tarde, conferencia do Reinaldo dos Santos no Museu de Arte Antiga, integrada nas comemorações garretteanas. Lá fui atraído pelo nome do conferente e pelo tema da conferencia: O partido da arte na obra de Garrett; mas saí um tanto ou quanto desiludido. Esperava outra coisa do conferencista que costuma ser brilhante e costuma

tratar os assuntos com conhecimento de causa. Desta vez, pareceu...

Desta vez cheguei á conclusão de que o Reinaldo (que tambem não dispeza o y no nome) não lêra toda a obra de Garrett e que fugiu bastante ao assunto principal esfraindo-se em considerações banaes a respeito de outros escritores em cuja obra ha influencia de conhecimentos artisticos. E nestas referencias a outros escritores, quer portugueses quer estrangeiros, tambem notei que o conhecim.^{to} das obras que citou não me pareceu completo pois malgurnas quero crer que só o titulo o levou á citação.

Quiz-me parecer, até, que o Reinaldo não estava á vontade ao ter a conferencia; é natural que a consciencia o accusasse... E se na verdade o accusasse, fazia-o com razão. O Reinaldo é homem de seté officios, não teve tempo de aprofundar o assunto e assim tem um conjunto de considerações que não tem o merito de certa elevação ou belleza de forma literaria.

O Gacero da Mata que, não sei porquê, presidiu á sessão, no final disse que a lição do Professor Reinaldo fôra magistral e

perfeita, que se não poderia dizer melhor po-
lize a obra garretiana, etc. etc.

Até certo ponto está bem. O Casiro não
perceberia mais e deu-se por satisfeito.

Mas o Reinaldo, o Reinaldo... Todos os
grandes homens têm calcachouros, afinal
de contas.

Lições:

Dezembro: 8.

O que aí vai com o encerramento do cha-
mado ano mariano! A reacção ultramon-
tana espalha-se, movimenta-se, ultrapasa-
ra todos os limites do próprio decêro.

A Igreja católica domina absolutamente
e não se rislumbra uma atitude de protesto
ou de simples não concordância. Hoje deve
haver procissão nuestro, á noite, que irá
percever a cidade da avenida de Berne até
á Sé; já ha dias se distribuíram uns pa-
peis que, com a forma de convite, não é mais
de que uma ordem para comparencia ao acto,
para supalavar e iluminar janelas,
para cantar e rezar, para, enfim, ^{se} glori-
ficar ao maximo a « celestial padroeira de
Parbupal », a Senhora da Conceição — que,

desta vez, ná lá! mas foi substituída pela
moderna Senhora de Fatima.

Quando esse papel como curiosidade⁽¹⁾
Para lembrança futura.

Enfim, um regalo verdadeiro.

Lista:

Dezembro: 10.

Ontem, na Academia das Sciencias, o encer-
ramento solene do centenario da morte de Al-
meida Garrett.

Lá fui, dentro da minha casaca de cari-
monia, com o colar do Instituto ao pescoço, o
qual, por quasi desconhecido na capital do Im-
perio, dá que fazer á curiosid.^e das illustres cir-
cunstancias. Lá se á cunha, como nunca ni-
no chamado solar do duque de Lafões.

A certa altura, já passava da hora, a assis-
tencia levantou-se ruidosamente; eu tambem
me levantei por julgar que entrava o Presid.^{te}
da Republica com toda a alta e illustre compa-
nia; mas supaei-me: entrava apenas
o cardeal Borejeira, sorridente, cumprimen-
tando para a direita e para a esquerda.

⁽¹⁾ No final do vol.^o a pag. 282-283

Eu ia amuando com a histeria... O cavalheiro estaria lá dentro com todas as pessoas graduadas que costumam acompanhar o chefe do Estado; mas não adiante para verificar que o respeitavel publico se curvava reverente. Com certeza que seria assim pois não tardou muito que entrassem as altas personalidades. Fui reverendissimo meu notô, o sr. Cerejeira!

Final, não veio o braveiro Lopes; delegou no Paulo Cunha, ministro dos Estrangeiros, a missão de presidir ao espectáculo solene. Entraram então atrás deste, o Dantas, o baieiro da Mata, o Pires de Lima ministro da Educação, e outras graúdas pessoas encapadas e medalhadas, ou com trajo académico de varias universidades europeas — o que dava ao conjunto certa variedade de indumentaria que me fez lembrar uma frase da impetina do rez-do-chão quando ha tempos assistiu a qualquer solemnidade semelhante:

— Gosto muito destes espectáculos "folgue-
lericos"... dizia ella, m.^{to} convencida.

E na verd.^{de}, aquelle conjunto de fardas, casacas, capelos, capas episcopais, condecorações aos centros, era ~~uma~~, na reali-

dade, um tudo-mada folclórico... A in-
quilina que, de mais a mais é chefe de tele-
fonista, tinha alguma razão.

Mas vamos adiante.

Começou a sessão. O Dautão abriu-a
em nome do ministro Paulo Cunha dirigindo-
se primeiro ao cardeal:

— Eminência!

O ministro, representante do chefe do Es-
tado, ficou para segundo lugar... Seguiu-
se o Paulo Cunha q. Também em primeiro
lugar se voltou para o berejeira:

— Eminência!...

Depois subiu à tribuna o Rui Ulbrich,
com a sua rica farda de embaixador; como
os anteriores, saudou antes de tudo o patri-
arca lisboense; com curvatura feuda:

— Eminência!

E depois curvou-se para os lados da presi-
dência, com a humildade da primeira reínia.

As orações destes dois, foram banais e
por sinal que se repetiram alguma coisa; am-
bos trataram de Garrett diplomata e tiveram
viajado e não definiram o âmbito dos seus
respectiveos trabalhos. Pouco disseram além
do que já se sabia pelas biografias conhecidas,

pelas Memórias de Gomes de Azevedo e pelas monografias de Ferreira Lima?

Seguiram-se, então, os extraordinários delegados das academias: de França, Espanha, Bélgica, Brasil e Inglaterra. Os quatro primeiros, não começaram a breve oração sem primeiro se curvarem perante o dito cardeal Cerejeira:

— Eminencia!...

Só o inglês, apertado e distinto, é que, antes de ter um pequeno discurso, se dirigiu muito polidamente para a presidência e depois para o publico em geral. O cardeal ficou esquecido...

O Dantas, encorreu a sessão com muita dizia de palavras, banalissimas; mas não sem se curvar novamente perante o Cerejeira e sem dar uma "sugradela" ao Sr. Salgueiro, arcebispo de Mililene, sentado nas cadeiras da frente.

E assim terminou a sessão de encerramento do centenário de Garrett na qual as honras pueras ao autor das Viagens na minha terra foram compartilhadas pelo autor da Igreja e o pensamento contemporâneo. E nas palavras finais com que o grande

Julio Dantas encerrou a funcinada, com
 uma leve referencia houve á exposicao gar-
 rebausa que a Camara Municipal organizou
 no Palacio Galveas com as collecoes do Forei-
 ra Lima. Vápo esquecimento? Proposito?

Com estes grandes lumináres tudo me
 parece possível.

Par (Maia):

Dezembro: 14.

Depois de nós e tal em Lx.^a, voltei a es-
 te recanto palcio para fazer as malas e reco-
 ther a Coimbra.

Sentia - me cansado do bulicio da cida-
 de. Aquela balburdia constante, a necessidade
 das regras de transito p.^a se salvar a vida, a cla-
 ra mostra de egoismo e brutalid.^a que quasi todos
 — aborrecem — me cada vez mais e não tor-
 nando a cidade intoleravel.

Quando aqui chego e não sinto a barulhei-
 ra das ruas da capital e, á volta, ha tranqui-
 lidade quasi completa, experimento verdadei-
 ra sensação de alivio e consolo. Lembro - me
 da frase do José Fernandes de Noronha e Pan-
 de 2' A Cidade e as Serras ao comparar Paris
 com o sossego das serras duricenses quando

depois da aventura do Príncipe ele foi rever
a grande metrópole. Também eu, em Lis-
boa, «estava ... como perdido num mundo q?
"me não era fraternal» e também sentia que
«dois impulsos únicos... parecia estarem vi-
vos naquela multidão — o lucro e o gozo»⁽¹⁾

Etc. etc.

Por isso aqui, embora este ambiente não
seja de completo gosto, ao menos, sinto-me
livre de encontros, de grosserias, do risco con-
tante de morte e... do espectáculo desagradá-
vel do egoísmo colectivo. Debaixo deste aspec-
to, o luparêjo da Paz não desmente muito o
nome que manteve.

Coimbra

Dezembro: 21.

Depois de cinco meses de ausencia voltei
a casa. Pelo caminho, no caminho, princi-
palmente ao passar na região de Beira e
dois Portos, considere as aldeias espalhadas
por aqueles vales mais ou menos amplos,
quasi todas entre vinhedos e um ou outro
santo pitoresco.

⁽¹⁾ A pag. 369 da 2.^a edição.

Já não é a primeira vez que noto o aspecto tranquiilo daquelles aglomerados, a impressão de certo bem estar e até abundancia das propriedades. E fico-me a pensar que talvez por ali a vida corra serena e sossegada, que aquellos povoados aparentemente alegres e limpos não se sintam muito a ballardia que vai por esse mundo fóra.

Quem sabe! A rapidez do cambio não deixa fixar bem certos pensamentos; mas se q. ha uns annos para cá ando sempre em bolandas, fico-me a imaginar uma vida serena em qualquer daquellas casas ainda com seu ar antigo, aquella paz de planuras cheias de vinhedos, onde raramente chega-se o bulicio do mundo e onde só reinasse a quietação das almas e das coisas.

Soubos... que felizmente ainda é coisa sobre a qual o Estado Novo não pôde exercer censura.

Coimbra.

Dezembro: 28.

Hoje, no Largo 8 de Maio (ou de S. Antonio como querem os tradicionalistas) encontrarei, inesperadamente o dr. Joaquim de Carvalho.

Passados os cumprimentos do estilo e as perguntas pelas respectivas saúdes, o Dr. Carvalho abordou logo:

— Então o seu caso do Saldanha?

Gostei que fosse ele o primeiro a falar; respondi que estava tudo na mesma, a esperança de eu regressar a Coimbra e ficou combinado eu procura-lo em casa, depois do dia 6 do prox. Janeiro, para lhe mostrar o original e levar-lhe o calculo aproximado do numero de paginas que occuparia na Revista da Universidade.

Depois, referiu-se á minha presença na Academia quando ele falou acerca de Teixeira de Pascoais e confidenciou-me que o Julio Dantas não gostou da conferencia em especial da parte em que se referiu ao que ele entendia por a "creação poetica."

Pobre Julio...

Fiquei satisfeito com o encontro e principalmente por ver no Dr. Joaquim de Carvalho certo interesse pelo meu infeliz Saldanha e ainda por se não ter esquecido como acontece muito vez.

Será desta?...

Coimbra:

Dezembro: 29.

Fomos hoje almoçar à Pousada do Zereu que o reedifício religioso do ilustre António Ferro baptizou com o nome de S.^{to} António.

Seja como for, a verd.^{de} é que o local foi admiravelmente escolhido. A descrição que o Santana Dionísio faz no 3.^o vol. do Guia de Portugal não é exagerada. O ambiente é, na realidade, de grande bucolismo, de uma suavidade e tranquilidade admiráveis, impõe-se pela frescura e pela quietação da paisagem. Em frente, na outra margem do Tago, a aldeia de Mancinhatã parece um pouco os aglomerados de certos presépios antigos; e para o sul, os campos verdes vão esbatendo-se nos contrafortes do Caramulo que hoje real se divisava através da nevoa.

Na varanda envidraçada q. rodeia parte da pequena edificação, ao nível do refectório, pensei novamente em q. ali se passaria a vida com agrado. Idêntica sensação de quasi quietismo que me acudiu há dias, no comboio, ao passar entre dois Partos e Roma na linha de Oeste. Aquela varanda, com as

golltronas cómodas de varias familias e lârnq
nhos, era cuidadosa; será o uellice a pensar-
me no subterfuge? É' possível. Mas
quero crer que ali se passaria o resto da vi-
da subterfuge é contemplação e ao abandono.

O pior é que em baixo, na estrada, ha
constante movimentação de carros; e uma
vez por outra, em obediencia ás regras do
través, surta-se o roucar das buzinas.

Infelizmente é' certo o dito popular de
não haver bela sem pena.

Coinbra:

Dezembro: 31.

Não quero fechar o ano sem aqui deixar
o meu comentário a respeito da continuação
da História de Portugal, edição de Barcelos, di-
rigida pelo Professor Damião Peres.

Como se sabe, aquella História terminou
com o 7.º vol.º, nas alturas de 1913 e começo
da Grande Guerra. Agora, o dr. Damião Peres
quer continua-la «até aos nossos dias...»

Como é' que, com o actual regime polí-
tico, se pode escrever a história do periodo
republicano que vai de 1913 até ao «glorio-
so e nunca assaz louvado» movimento

regeneradôr de 28 de Maio de 1926? Como é que o ilustre professor Damião Pêres arranja colaboradores capazes de dizerem simplesmente a verdade?

Esta continuação da Historia poderá obedecer a dois fins: ou a ganhar dinheiro como é proprio do d.º Damião Pêres ou a perpetuar por forma aparentemente séria e por conta do ministerio da Educação ou da Presidencia, o periodo regenerador e paradisiaco que vem desde 1926 até ao tempo presente.

De qualquer modo, a obra projectada não é honesta. Os «objectividade e serenidade» proprias da Historia a que se refere o programma distribuido ha tempo não são possiveis ou colaboradores contemporaneos dos successos, com a agravante de se saber que os desejos constantes desta gente actual é de negar, ou até occultar, a accção dos diripentes republicanos de 1910 a 1926.

Enfim, o proprio programma, ao referirse aos 4 quinquenios deennio do seculo, confessa que eles são «correspondentes (...) a "uma substituição de gerações."»

E assim se vai fazendo a Historia de este agitado seculo.

-x-

E já agora, para encerrar o ano que foi para mim tão bom se tão ruim como os outros, sempre deixarei aqui uma simples nota dos dias que passei em casa, em Lisboa ou na Paz — para se avaliar o que foi a minha desambulação durante os trzeantês e sessenta e cinco dias passados:

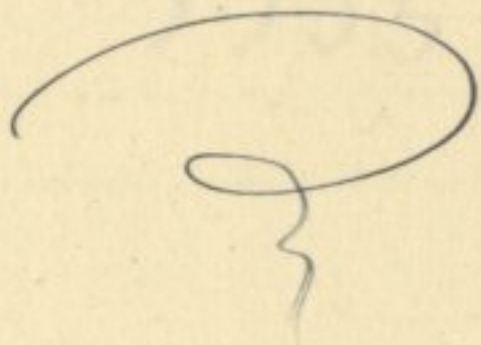
Coimbra	132
Lisboa	125
Paz, Mafra	102
Algarve, excursão	<u>6</u>
	365

Apenas 4 meses e doze dias passados nesta casa, onde tenho tudo o que me interessa e me dá conforto e... algum alento. Outros quatro meses em Lisboa, numa casa sem atractivos interiores e sem o minimum de comodidades. Tres mezes e tanto na quinta da Paz, durante um verão agreste e parte de outono frio.

Só aqueles seis dias do Algarve apparecem como um rasgo de alegria na larva

Tristesa do ano que está a findar daqui a
pouco. O resto, confunde-se entre preocupa-
ções e apaziguamentos, entre mágoas e desen-
ganos — alimento improprio da velhice q.
se aproxima mas que, infelizmente, pare-
ce ser o verdadeiro.

1955



a legal notice to the said ...
 of the said ...
 and ...
 to ...
 the ...
 and ...
 for ...
 the ...

...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...

the ...
 and ...
 to ...
 the ...
 and ...
 for ...
 the ...

The ...
 and ...

: 1955 :

«... eu hei-de exprimar as mi-
nhas parvoíces confessando-as.»

Camilo Cast.º Branco : Caracás
Cabeça e estômago, 3.ª ed. pap.
53.

Coimbra

Janeiro: 5

Começo o ano com uma nota fúnebre: a morte do Norton de Matos.

Eu não gostava do homem o que não quer dizer que não lhe reconhecesse o valor que, sem favor, era grande. Foi, na verdade, um grandeulto que eu che o período republicano de 1911 a 1926; e de tinha defeitos, como seria natural, tinha, em compensação, raras qualidades de acção inteligente e, em m.^{tos} casos, de verdadeiro estadista.

Ara hoje, ao ler a laimpa notícia do seu enterro, em Ponte de Lima, notícia que no Primeiro de Janeiro eu cheia algumas colunas, comovi-me... Porque?... Talvez porque vivi outros tempos; porque a figura desaparecida do Norton de Matos me fez recordar o período agitado dos primeiros tempos da República; porque senti o contraste entre essa quadra cheia de erros, é certo, mas em que havia vida, em que se debatiam opiniões e princípios, em que, enfim...

Que direi eu?... Mais nada, ponto final na digressão. Foi por tudo isso e pelo que ficou por dizer, que me comovi e me

seubi, verdadeiramente sensibilizado. Semilidade Tabuez; catunice, possivelmente. Tudo poderá ser.

E com a evocação dessa quadra já louquena, veio-me á memoria uma carta do Helder Ribeiro, ao tempo «Jovem Turco» no Ministerio da Guerra junto do ministro Correia Barreto, recomendando-me que vigiasse ou mandasse vigiar o então major Norton de Matos que viera transferido para aqui, de Vizeu, como suspeito.

Teu exercicio, nessa altura, fins de 1910 ou começos de 1911, as funções de commissario de policia. Procurei a carta, no maço de cartas do Helder, mas não a encontrei — e ficou perdida. Perder-se-ia.

O Norton de Matos, suspeito!... Tabuez por isso, eu nunca consegui reparar o major do Estado-maior que para aqui veio sob suspeição nos começos do regime, desse outro homem, de reais qualidades, que se cumpriu pouco depois e que, na verdade, esteve e justamente, o curto periodo de regime republicano parlamentar.

Coisas da vida.

Coimbra:

Janeiro: 10

Basicamente, encontrei - me hoje na cidade baixa com o dr. Joaquim de Carvalho. Novamente foi ele q. falou acerca do meu trabalho. Parece que está interessado. Não extraiu o sumário da obra, cerca de 270 páginas da Revista da Universidade. Disse até que isso lhe resolveria o problema da falta de original para o volume.

Enfim... Eu, contudo, ainda pergunto: será desta vez?

Coimbra:

Janeiro: 12.

Recebi hoje o diploma e o cartão de identidade de sócio da Sociedade Histórica da Independência de Portugal n.º 1:439.

No verão, o velho am.º coronel Raul Verdades de Oliveira Miranda falou - me no caso e mostrou vontade que eu pertencesse à histórica agrariação. Eu, confesso, não tive cára para me negar e disse - lhe que sim. Depois, esqueci - me.

Ara hoje aparecer - me em casa o diploma, o cartão de identidade e o emblema

para meter na casa da Lajela do casaco, tudo acompanhado com um amavel officio em que se notificava que eu ficava a dever por aquellas tres notaveis especies a quantia de 34000 : trinta e quatro escudos.

Não foi caro... Pertencer á chafarica patrioteira por 34000, não é coisa de exagero. O que é mais curioso é eu pertencer a sociedade.

Eufim... eu, patrioteiro!

Sempre ha coisas...

Crimbra:

Janeiro: 19.

Como prometi ao dr. Joaquim de Carvalho fui a casa dele mostrar-lhe o original do meu trabalho e confirmar o calculo feito acerca do numero de paginas que elle occuparia na Revista universitaria.

Folheou o calhamaço dactilographado, recusou a leitura amavelmente e pediu para eu ir a imprensa do Soaresma onde a revista se imprime saber a altura em q. sera conveniente eu entregar o original. E como eu lhe fiz ver lealmente que na Universidade poderia ser reparada a ju-

oblição dum trabalho recusado pelo Est^o do Maier e, além disso, pelo assunto ser unicamente militar, respondeu-me com o seu ar desengañado e risinho:

— Não tem duvida... O melhor é não se dizer nada acerca do caso e quando o volume da Revista aparecer... já não há remedio!

E com esta saída jocosa despedi-me. Parece-me que, realmente, sempre será desta vez.

Vamos a ver.

A tarde, fui ao Quartel-General, procurar o Alcade de Oliveira para lhe agradecer um pedido ha tempos feito. Depois, saímos juntamente; e como a conversação caiu na politica interna, disse-me ele que a boa vontade do Craueiro Lopes em modificar a situação num sentido liberal, esbarra nas pressões dos commandos militares.

Perante a m.^a admiração e a minha duvida, acrescentou que é verdade. Dos commandos não periodicamente confidenciais com indicações e sugestões e em todas ellas não ha o costume de tendencia para mo-

dificação do actual estado de coisas. O Pre-
sidente vê-se, pois, apertado.

Será assim? O Alcide é homem q.
deve saber alguma coisa. Está lá dentro de
lealdades e sempre poderá ouvir quais
quer palavras.

Eu, confesso, não imaginava que a
republica estivesse assim montada e que
no creer que os generais serão apenas os
vistos mandatarios da Igreja. Não os jul-
go capazes de grandes coisas e m.^{to} meos
de procurárem timonar a mão...

Assim será. Aqui fica a nota, com as
devidas e naturais reservas.

ad' noite, á hora em que escrevo, a tele-
fonia transmite-me, de S. Carlos, o Tan-
häuser. isto meos, é o que nos vale. A
musica sempre ajuda a esquecer as des-
grasas do mundo.

Coimbra:

Janeiro: 26

Entreguei hoje na imprensa, grande
parte do original manuscrito do meu traba-
lho malfadado acerca do Saldanha. O Gen-

resuma., dono da Imprensa de Coimbra, situada no Largo do Salvador, disse-me que o trabalho seguiria logo que terminasse um artigo do dr. Joaquim de Carvalho ainda não escrito de todo. Guardou o original e tranqui-
lou-me.

Sempre será desta?

Ora hoje vejo nos jornais, no Primeiro de Janeiro pelo menos, uma representa-
ção assinada pelo Mendes Cabeçadas e pelo advogado Adão e Silva em que se solicita do Presid.^{te} da Republica igualdade de direitos para os republicanos desde que a chamada
Causa Monarquica os tem.

A representação está bem feita, com logi-
ca e põe o problema bem. Porém, até certo
ponto, não será a solicitação o reconheci-
mento do actual estado de coisas?

É claro que não dão resposta. E se a de-
reza poderá originar umas armadilhas como
há cerca de uns 10 annos com as eleições. Não
sei se a resolução da Causa Republicana
foi acto habil e oportuno. O futuro dirá
e o que vier soará; mas este senhor que
ocupa a Presidencia não deve estar para

ausibilidades; não quererá a monarquia e é homem para assumir posição mas o que deseja é este liudo estado de coisas — e que a boa memória continue.

Quando, no final do vol.º a representação que é curiosa e sempre servirá para a ter como compensação de tristezas."¹¹

Quem, porém, mais ou menos rolou no Instituto para comemorar o centenario da fundação de S. Paulo, no Brasil.

Falarium, segundo o convite, dois sócios brasileiros, m.^{to} illustres certamente, mas que não vieram; os seus discursos foram lidos por gente de cá e por sinal que o do sr. José Pedro Leite Carneiro, da Universidade Católica de S. Paulo, era uma boa amostra de grossa reacção nária a que o leitor, o dr. Tarqueto de Sousa Soares, da nossa Facult. de Letras, deu relevo solene e intencional.

Mas o mais curioso é que a assistência do bispo auxiliar de Coimbra (a quem deham lugar reparado junto da mesa) occasionou o comentario que eu e alguns servintes fizé-

¹¹ A pag. 284.

ram a respeito das cortezias e salama legues
que lhe dirigiram: se, realmente, se celebrá-
va o centenário de fundação de S. Paulo se
se prestava homenagem ao padre...

O dr. Torcato Soares e o Teixeira de ~~Seixas~~
Seixas, que leram os discursos dos brasileiros
nos, ao passaram pela frente do bispo ajos-
tharam e beijaram o anel; o proprio Joa-
quim de Carvalho não passou sem uma li-
geira curvatura; só o Nuno Simões se man-
teve de espinha direita e se limitou ao cos-
tumado cumprimento á presidencia.

Enfim... Um espectáculo edificante
em, como diria o Traucoso: de proveito e
exemplo...

Coimbra:

Fevereiro: 4

Tive que recorrer, outem, ao medico
Mario Trincão. Quaisquer sinais esquisi-
tos, do lado esquerdo, por sobre o coração,
fizeraem com que fosse á consulta. Esta foi
demorada; levou-me á radioscopia e man-
dou-me fazer um electro-cardio-grama.

Assim fiz, outem mesmo. De tudo
se conclue, segundo julgo, um pouco de

esclerose na aorta, vapas tendências para miocardite e não sei que mais.

O começo da decomposição. E o mais notável de tudo é que, pela primeira vez na m.^a vida, vou levar injeções. Alguma vez havia de ser a primeira.

Vamos a ver o que isto dá. O meu receio não é a morte que me tirará do inferno da vida; é a inutilização física. Isso é que será um inferno duplicado.

Terfim, esperêmos.

Coimbra:

Fevereiro: 10.

Ha tempos, nos começos de Janeiro, o advogado Ant.^o de Carvalho Lucas em conversas com o Alberto Dias Pereira e não sei quem mais, concordaram em que não seria fóra de proposito reunir um grupo de coimbricenses por nascimento ou por adopção para discutirem problemas da cidade, propor supressões e tentar evitar mais descabidos e atentados como os que se têm feito e possivelmente continuarão a fazer. Daqui veio a ideia dum agrupamento de « amigos de Coimbra », agru-

pareamento sem estatutos nem qualquer pau-
 ção oficial, apenas pretexto para acaluar
 um pouco a furia destruidora de que se
 apossou há tempos a gente que governa em
 relação a Coimbra.

O Carv.º Lucas solicitou a mi.ª presença
 na primeira reunião que se realizou no seu
 escritório no dia 6 de Janeiro — dia dedicado
 aos Reis — o que, para um monárquico co-
 mo ele, poderia ter significação...

Lá fui um tanto ou quanto contrariado
 e apenas por não vencer o maldito tempe-
 ramento que tenho de não saber dizer redun-
 dantemente o não, claro e simples. Lá fui a
 hora marcada.

O Carv.º Lucas poz á frente do grupo a
 figura de prestígio do Armaudo Leal Gouçal-
 mes que lá estava, avultado, com 4 dedos
 e menos nas mãos por efeito do radio mas
 sempre com o seu espirito vivo e um tudo
 nada "espadachim". Concorreram o Alberti-
 nho Dias Pereira, o velho José Ernesto Mar-
 ques Donato, o Antonio Luis Marta, o nego-
 ciante Abilio Augusto dos Santos, todos co-
 ntimbriceuses de nascimento e mais ou
 menos interessados na terra.

Depois dum discurso do Carv.º Lucas lançáram-se as bases do agrupamento e tomáram-se resoluções. E de então para cá convocáram-se mais comitricenses como o lic.º Ant.º Alegre Martins, sobrinho do sr. Vro, actualmente secretario da Relação, e o engenheiro João Dias Urbano; e alguns de adopção como o P.º António Nogueira Gonçalves, o negociante e antigo vereador João Simões, e não sei quem mais que ainda não appareceu.

Fizeram-se visitas ao Presidente do Câmara, ao Governador Civil, ao Reitor da Universidade e á Associação Académica cujo Presidente foi solicitado para fazer parte do grupo. E hoje, para cumulo de trabalhos, foi resolvido ir a Lisboa com uma delegação para ao sublime Patrião, ao proprio Salazar e quem se quer expr. um certo numero de problemas que contendem com monumentos e locais historicos da cidade.

Eu não tenho entrado nas discussões e apenas vou ouvindo e observando, mantendo o meu ceticismo e convencido de que a tentativa não dá resultado benéfico e, antes pelo contrario, poderá dar qualquer

reusabaria. Mas, enfim, vou ouvindo e observando e ainda me dou por satisfeito pelo facto dos componentes do grupo não se lembrarem de ir cumprimentar o Bispo... Seria a occasião de eu tomar a palavra e desagradar. Mas não, ainda não soui falar em tal personalidade.

Válha-nos isso.

É cá fico á espera do aviso da ida a Lisboa — se o Patrão conceder a honra de nos receber e nos ouvir.

Lisboa:

Fevereiro: 16.

Novamente na capital do Imperio. De novo nesta barafunda de vida, neste constante tumultuar de audições e malquerenças. Cada vez mais movimento, mais encontros, menos respeito pelos direitos alheios. A mesma desfaçatez nas reuniões que parece quererem a completo emancipação... A mesma razão mais lufada, como quem recia sempre chegar tarde e de quer que seja.

Todos dizem, parem, que é mesmo assim. Assim seja, pois.

Não valerá a pena o pequeno incômodo de pensar o contrario.

Deixêmos correr o tempo que, segundo parece, vai correndo suavemente para todos. Assim seja, refilô.

Lista:

Fevereiro: 26.

Recebi, ha dias, o aviso de que a vinda a Lista dos Alunos de Coimbra e o encanção com o Patrão seria hoje, 26, ás 18 horas. O Carvalho Lucas preveniu-me de que a concentração (termo militar, co'os diabos!) seria no café Nicola, no Rossio, ás 17 horas e daqui seguiriamos para o Santuario.

Lá fui ao Nicola, á hora agendada. A tarde estava fria como o diabo; churiscos de neve, vento norte ou nordeste agressivo. Tudo convidava a ficar em casa, a ver por detrás dos vidros os outros passarem na rua acouchando as golas dos casacos. Mas, enfim, lá fui e lá me encontrei com tres representantes do agrupamento: o Carvalho Lucas, o João Simões e o D. Manuel de Vascelos — isto é: a representação do direito e, por consequencia, das Leis, do bo-

comercio e Industria, da Aristocracia e da grande Lavourea e finalmente do Exército que o Patrão com muita razão, deve abraçar cordalmente.

Um Taxi levou-nos á casa particular, aqui vizinha, na rua da Inconfreusa, á Estrela; ~~por~~ inspeccionados pelo olhar arguto dum homem gordo e agalado, entrámos no jardim da casa apalaçada que primitivamente foi residencia expressamente feita pelo velho banqueiro Soto-Maior para uma das suas amantes preferidas. Com a morte desta dama o edificio passou para o Estado e destinou-se para residencia do Presidente do Conselho.

A substituição prestava-se a commentarios se eu estivesse apara com bossa para a taracha.

Adiante.

A porta abriu-se; uma creadita farda da como nas comédias finas indicou-nos, ao lado, uma porta. O atrio estava mobiliado com luxo, tapetes, quadros, moveis ricos; e a sala para onde entrámos apresentava aspecto ainda melhor: um parco de Arrhar ao fundo, cobria toda a parede, pa-

nos do rec.º XVIII em dois intervalos de jor-
tas, quadros, móveis bons antigos ou fin-
gidos com candelabros, castiçais e estatue-
tas finas, e numa cómoda com rico relo-
gio monumental d. Maria I que trabalhava
na e estava certo.

Ambiente um pouco fresquinho, talvez,
certa severidade, mas agradável. Tempera-
tura de verão e luz ligeiramente velá-
da. Enfim, cenário próprio para o apa-
recimento dum grande homem perante
uns poltrões mortais.

O grande homem não se fez esperar.
E o mais curioso é que ele entrou, natu-
ralmente, como qualquer outro, sem jó-
gos de luz ou trovada de latas velhas de
efeitos cênicos como nas magicas. Não:
o homem entrou, muito naturalmente,
deu um meio abraço ao Carv.º Lucas e
cumprimentou os restantes com ar afec-
tuoso. Mandou-nos sentar e tomou lu-
gar numa poltrona onde havia varios
botões de campainhas electricas. Alguma
delas seria para a policia?...

Enfim, o Carv.º Lucas começou a ex-
posição, lenta, como é seu costume, com

prejuizo do pouco tempo de que dispunham até á hora do comboio; affirmou que os que lros presentes tinham atrás de si a gente boa de Coimbra e todo o palacado levou uma ou outra amabilidade talvez escusada e não sei se merecida ao grande homem que se viu impassivel a demorada arenga não sem deitar, de vez em quando, como quem sabe o valor do tempo, um olhar furtivo p.^o o relógio monumental.

Terminada a exposição e entregue o já falado memorial que se levava p.^o melhor com crealizações dos assuntos, o Salazar começou a falar e expoz os seus pontos de vista com clareza, diga-se a verdade, dando-me a impressão de que se interessa por Coimbra mais do que eu pensava.

Declarou que Coimbra e o seu rio são, para elle, « uma maravilha »; que, quando vai para o norte e chega á curva da estrada na altura da Quinta da Machada, quando sem pre parar o carro, apeia-se e fica a contemplar por um bocado « aquella belleza empolgante »; que o Mondego é um rio « de encanto » que o coimbricense não aprecia devidamente; e teve esta frase dita com cer-

to ar de descausado e de pessoa desanimada:

— Coimbra, quer-me parecer que está mais feia...

E como eu, sem querer, fizesse um movimento afortunado de cabeça, ele olhou para os quatro e acrescentou:

— Pais não é verdade?

E citou construções feias, o desenvolvimento irregular da cidade, o mau efeito do bairro económico do Calhalé visto do Penedo da Saudade, etc. etc.

O homem desabafou...

Pareceu-me que gostava, realmente, de Coimbra e talvez por isso concordou com o que se lhe disse e prometeu mandar estudar o que se lhe propunha.

Falou ainda das dificuldades que havia quanto ás exigências dos estudantes. Estes pediam tudo, queriam tudo e mais alguma coisa. Queixou-se mesmo das exigências dos rapazes; e com a ~~expressão~~ ininterrupta expressão habitual acrescentou que apenas se não pediram a organização de horários razoáveis para terem algumas horas em que podessem estudar... E esta foi a única graça que lhe ouvimos.

Notei que, em toda a conversa, ele não surprezava a primeira pessoa; dizia sempre «vai-se estudar...» ou «já se ventileu o caso...» ou «pode-se mandar fazer o estudo...». No entretanto, deixo dum tempo sem devida amarel e correnteis, notei também que falava como dôno ou patrão, que mostrava certa firmeza no que dizia, firmeza amarel que não deixava grandes aberturas para discutir.

Pareceu-me, pareceu, que teria vontade em atender os nossos propositos e com um á vontade a que achei graça porque quebrava a anterior impassibilit.², pouco depois das 18 horas, olhando para o relógio monumental disse-nos:

— Mas os senhores não perder o comboio...

O Carv.^o Lucas como é surdo e não ouviu bem o dito, queria insistir ainda em certos pontos e foi demorando — até que o grande homem teve que descer á terra e ser bem claro:

— Não os quero mandar embora, mas a verdade é que o comboio não espera e os senhores perderem-no.

Levantámo-nos e fizemos as despedidas. Ele mesmo abriu a porta da rua e eu não estive com cerimonia e vesti o meu sobretudo antes de sair — operação que ele, deus craticamente, fez meação de ajudar. De fóra vinha o ar agreste da noite e apesar disso ele saiu ao patapear da escada exterior de pedras para fazer os seus cumprimentos. Eu ainda lhe disse:

— Sr. Dr. não páia, que a noite está desagradavel.

Ele encolheu os ombros e respondeu:

— Eu estou habituado.

Do fundo da pequena escada voltámo-nos para as ultimas cortéias e eu vi-o entrar no Santuario, serenamente, enrolando o memorial que lhe deixámos. E a figura sinistra do jesuita que encubria o seu desdenho pelos subditos, durante a conversa, com a apparencia de amabilidade burguesa vulgar, desapareceu á minha vista.

E eu pensei, então, enquanto percorria o bocado do jardim até as grande portas da entrada, como foi possível concardar em acompanhar os amigos de Coimbra sem quebra a minha natural intransigencia.

Coisas da vida que ás vezes aconteceram.
A m.^a curiosidade de observar e memo-
rialista, naturalmente na luta do subcon-
sciente venceu a repugnância.

Assim seja.

Os tres amigos meteram-se no taxi
para verem se ainda apauhariam o comboio
e eu vim para casa e reuser o encontro e
as particularidades que a m.^a observação
pode notar.

E aqui ficam, mais ou menos, as im-
pressões do momento. O grande homem en-
deusado, se bem que mantendo a solenidade
requerida, descêra á terra...

Eu, pobre mortal, é que não subi ao
céu: contentei-me em observar o ditador
e imaginar o que haveria ~~em~~ dentro de toda
aquela urbanidade...

E pronto.

Lista:

Fevereiro: 27.

Os jornais dão a noticia da morte do dr.
Luis de Silva Ribeiro, em Beira do Borsismo.
Mais outros companheiros e amigo que par-
te definitivamente.

Conheci-o em Coimbra quando para lá foi estudar Direito. Dei-me depois bastante com ele, acamaradando até em sociedade: secretas em que ele adoptara o nome de Alexandre Herculano — realmente um tanto ou quanto adequado ao seu espirito pouco comunicativo.

Depois de formado voltou para a sua Ilha Terceira de onde veio apenas umas duas ou tres vezes em occasias de reuniões do curso. Já sempre a Coimbra, sempre um tanto ou quanto emamorado da terra em que passou uns anos amênos e de qual, em cartas, sempre falava com saudade.

A certa altura da vida, ainda relativam^{te} novo, a doença impossibilitou-o p.^o vários embora continuasse a trabalhar com afino e até fundasse o Instituto Historico da Ilha Terceira, tarefa meritaria que sustentou durante uns dez ou onze anos. Emuehce-se, precocemente, e fizicamente era, como ele dizia, «uma ruína.»

Mas o espirito sempre vivo e atento e capacid.^e de trabalho que não cedia muito com a invalides fizica. Ainda no ano findo conseguiu comemorar o centenario

da morte de Garrett e publicou umas cartas dum Terceireuse p.^o o Poeta.

Enfim, o espirito de pauperado não resistiu a qualquer abalo mais forte. Caiu, certamente, no seu posto de trabalho. E lá foi mais um companh.^o e amigo para a viagem definitiva.

Lisboa:

Fevereiro: 28.

Morreu outro mais outro da minha geração: o dr. Anselmo Ferraz de Carvalho. Tinha com ele apenas relações cerimoniaes mas tratou-me sempre com toda a deferencia e atenções.

Era um homem de ciencia, trabalhador probo e modesto. Não alardeava sabença como muitos sabios que por aí pululavam, mas creio que, na sua especialidade, era um verdadeiro sabio, mais conhecido lá por fóra do que no País.

Agora, o Instituto vai ficar sem cabeça; já se falava no Pacheco de Deusim p.^o a successão; ~~isto~~ sendo assim, a Reacção tomará conta do mundo e teremos muito que contar.

O dr. Anselmo, em politica, era um tanto seu quanto impetuoso; mas era sério e seguro nas suas convicções. Vai fazer falta ao Instituto não só pelo seu prestígio científico como pelo seu caracter.

Lisboa:

Março: 1.

Tive hoje encontro com o Pires Monteiro e, por consequencia, tava conversando que ver com acerca de variados assuntos.

Um deles foi o artigo do ult.^o numero da Revista Militar relativo á morte do Norton de Matos. A Revista dá sempre solemnidade ~~em~~ á comemoração principalmente quando se trata de societario de certo vulto e é costume o artigo necrológico ser feito por socio que me-ther conhecesse o morto e sair com assinatura do autor. Ora no caso presente, o general Teixeira Botelho não entregou o encargo do artigo a ninguém, com medo de qualquer descaída politica e resolveu fazer ele o trabalho. ~~com~~ O Pires Monteiro ainda sugeriu o nome do Ferreira Martins que lidou de perto com o Norton; mas o general presidente, do alto dos seus teimosos movimenta

anos, não fez caso da sugestão e escreveu o artigo que pouco mais é do que um extracto da folha de serviços do morto e com a agravante de vir sem qualquer assinatura, o que corresponde á responsabilidade da direcção da Revista.

E aqui está como a Revista Militar comemora o desaparecimento de um dos meus notáveis socios e, inadvertidamente, um dos portugueses dos ultimos tempos que ficará na historia politica e, especialmente, na historia colonial. O medo... o medo aos movimentos e um anos!

E o mais curioso é que o general Teixeira Botelho mostrou-se irritado, dentro, é claro, da sua estreitada educação, quando o Pires Mont.º lhe falava no Norton de Matos e na justiça de uma homenagem condigna.

Casas pouco confortáveis.

Durante a nossa deambulação, encontramos o Antonio Ribeiro de Carvalho a quem fui apresentado. Não direi que o achei velho; mas como tinha na memoria de ha uns 30 anos um rapaz estulto e desempenado, estranhei ver um homem levemente encanecido

eido, despreendido no traje e modesto no falar — se bem que mantendo ainda certo apuro e modos rêsos.

Julgava-me ele filho dum certo adual do Belisario Barbosa, que morreu coronel de Infantaria, official de modelo auctivo, régido, disciplinador, de prolixidade com pouco fôra do tempo, de quem o pai dele, Ribeiro de Carv., falava com admiração e amizade. O meu nome de baptismo arripinára a confusão; de mais, expliquei eu, os temperamentos dos dois Belisarios eram bastantê diferentes...

Lisboa:

Março: 3.

O Collegio Militar celebrou hoje mais um anniversario da sua fundação. Houve, por consequencia, festa, rija na qual o tenente João Lima teve que fazer a allocução solene perante os alumnos em parada.

Fui lá por atenção para com o Cristiano; festas militares dispendio — as de boa mente. Mas lá fui. Tarde churisqueada, com m.^{ta} humidade e frio. No claustro, onde se realizou a parada, estava muito des-

agradável. No entretanto, os visitantes enchiam os espaços vazios: antigos alunos do Collegio, ~~alunos~~ famílias dos rapazes actuais alunos, etc. etc.

Formatura, continência á bandeira, homenagem ao fundador prestada em frente ao seu busto em bronze, discurso do director e ... alocução do Christouad.

Não traria para aqui este episodio se não fosse o reparo que fiz a certo passo da alocução, aliás bem escrita e bem orientada, fôra, até, dos moldes vulgares de tais discursatas. O reparo é simples: quem do referir-se a velhos alunos que depois na vida pratica tiveram situações de relevo ou por qualquer motivo se notabilisáram, só citou os modernos nomes da actual situação politica: Gomes da Costa, Carrmona, não sei quem mais e até o proprio Craveiro Lopes, actual Presidente da Republica.

Ora a alocução, orientada no sentido pedagogico e feita com certa elevação, não exigia que se citassem nomes de velhos alunos. Para que não, pois, essa nota escusada? E vindo ella porque é que se não citaram outros nomes não menos ilus-

três ou até muito mais illustres? Não compreendi... O Cristovão não é creatura de pulserências ou saluíficos; e não creio que ele esteja convencido de que os nomes citados correspondam a expoentes verdadeiros.

Não sei. E como não sei... passa-se adiante e o Mundo que continue a rolar por esses espaços fôra.

Lisboa:

Marco: 11.

Hoje, á tarde, concertó no Teatro S. Luis pelo agrupamento Collegium Musicum Italicum que só tocou peças de Antonio Vivaldi.

O programa, á primeira vista, pareceu-me monotono: só Vivaldi! Mas qual!...

Vendo de lá não direi maravilhado para não dar impressões de exapêro, mas verdadeiramente encantado. Sua beleza de musica, que perfeição de execução, que admiravel conjunto! E, dentro da maneira propria do autor, que variedade de temas! No programa, o Lopes Graça fala na extraordinaria invenção musical de Vivaldi e na sua maravilhosa fantasia; na verdade, só assim

com tais qualidades, é que um autor se põe de tocar durante um concerto inteiro sem provocar cansaço dos ouvintes e, pelo contrario, deixando nos ouvintes uma impressão de encantamento.

Bela tarde, grande tarde!

Era para que, durante a tarde, meu tudo fosse extase e concentração, deu-se um episodio curioso que não quero deixar de mencionar como curiosidade. No intervalo do concerto subi ao antigo foyer do teatro hoje convertido em elegante mostruario de roupas e de joias caras. Muita gente, muito luxo; ouviam-se conversas em varias linguas; atmosfera carregada de fumo perfumado; etc. A certa altura, meu querer, dei um encontro com um individuo qualquer. Voltei-me logo com um delicado: "Pardão!". O individuo tambem se voltou e balbuciou um amavel: "Pardon"!...

Era sua magestade o rei Humberto de Italia!...

Segui o meu caminho como se o encontro fosse dado em qualquer lugarejo da minha terra; mas ao mesmo tempo pensando em como os reis andam cá tão

por baixo que, sem mais nem menos, já
estávamos com qualquer cidadão — e neste
caso, bem suspeito...

Enfim. São as voltas do mundo...

E ainda bem.

Lisboa:

Março: 13.

Nesta rua onde meiro que afinal é rua
de terceira ordem pouco mais ou menos, há
durante a manhã um aspecto da vida da
capital que muitas vezes me impressiona:
os preparos dos vendedores ambulantes.

Há uma mulher, vendedora de peixe,
cujo preparo me impressiona especialmente.
A voz é já rouca; sente-se que lhe deve
ser m.^{to} penoso o grito; o seu aspecto é mi-
seravel — mas o afan com que rola a rua
e larga, com pequenos intervalos, o preparo,
mostra bem a necessidade de ganhar alguma
coisa. Coitada da mulher!

E isto é todos os dias, mais ou menos
à mesma hora. Espreito-a por detrás das
cabinas, quasi sempre, com curiosidade
valer deus; e digo de mim para mim que
a Sociedade está maravilhosamente organi-

sada e, como queria o patrio Pauposo, tudo vai correndo no melhor dos mundos...

O mesmo penso, muitas vezes, á noite quando me deito, depois de ler no termometro exterior que o mercurio está a 2 ou 3 graus acima do zero; o calor da cama e certo conforto do quarto trazem-me ao pensamento os milhares de creaturas humanas que áquella hora estarão a tremer de frio, por barracas esturadas ou recolhidas em qualquer recanto de portões fundos.

Não ha duvida que o Sociedade está maravilhosamente organizada.

Coimbra

Março : 21.

Aqui estão, novamente, em casa. Cheguei sem novidade na viagem de carne boia; apenas com o ~~sem~~ desgosto resultante da morte de dois companheiros que os jornais annunciam com a natural indifferença do viciario vulgar.

Um foi o João Passos Pereira de Castro J.^o meu condiscipulo da Escola do Exercito, bom amigo, espirito alegre, homem serio, com grandes qualidades intellectuais mas dotado

de bom senso e bons sentimentos de tolerância e compreensão. Era um excelente companheiro que eu gostava de visitar quando ia a Lisboa e que ontem ainda vi, dormindo do delírio da acção da morfina, umas horas antes de morrer.

Tremendos momentos. Saí do quarto impressionado, depois de me despedir do filho que me disse que a causa da morte era meu mal mais meu mal que o cancro nos ossos. E o bom Passos dizia-me, com o seu constante bom humor, que os seus males eram a descalcificação dos ossos e o reumatismo — males com remédio, segundo os médicos diziam e ele acreditava.

Bom Passos Pereira de Castro!

Mais outro arrimo que desaparece...

→ V. pag. 287 fim do vol.²

O outro morto que os jornais meucis nam era o Agafito Pedroso Rodrigues, jurista e companheiro de outros tempos, antes de ele entrar no caminho da diplomacia. Não o sabia deente; foi para mim surpresa a morte dele.

Falarei ~~em~~ qualquer dia. Por hoje basta de impressões desagradáveis.

Coimbra:

Março: 22.

Ainda mal refeito do abalo causado pelas mortes do Passos Pereira de Castro e do Pedroso Rodrigues, mais outro golpe veio ajudar o mal-estar em q. me sinto: morreu hoje, de manhã, o fluminense Barja dos Santos Pinheiro.

Era um bom amigo, sempre abripado na sua correcta modestia, mantendo sempre com deferencia a distancia que vai dum barbeiro a um official do exercito, como se houvesse alguma distancia apreciavel. Bom homem, letrado e digno, ~~com~~ conseguiu viver com aforno uma vida errada devido a preconceitos paternos.

O pai queria que elle fosse medico; o rapaz, desde m.^{to} novo, revelava tendencia differente: queria fazer os cursos de physica e quimica das Escolas Industriais e dedicar-se a preparar nos laboratorios das mesmas escolas. O pai teimava; meu tio Albino da Silva interveiu a favor do rapaz, procurou convencer o pai (Francisco Barja dos Santos com barbearia e amolacao no Almo de Baixo, atroz de igreja de S. Bartolomeu) de

que seria grave erro contrariar a vocação do filho; ofereceu-se para auxiliar, no que podesse, a carreira desejada. Mas tudo foi inútil. O velho « mestre Francisco » como nós lhe chamávamos, foi irreductível e, ao fim de discussões caseiras e inquietações de família, disse um dia ao filho:

— Se não quizeres ser medico, ficas barbeiro!

E o rapaz respondeu logo, movido por um pulso de caracter mas possivelmente com irreflexão:

— Pois nesse caso... ficarei barbeiro...

E ficou barbeiro e amolador (no que era aliás habilissimo) toda a vida, para manter a afirmação feita solenemente.

Foi, pois, um transviado, ao tempo dos seus quasi 73 annos. Inteligente, trabalhador, excellentê chefe de família, cumpriu os seus deveres de cidadão com irrefreavel correccão. E fiquei-lhe deverdo uma boa amizade a que ele dava feição respeitosa que eu fingia não perceber; que era solida e affectuosa como só os espiritos bem formados são capazes de ter; e que, nestes tempos

de confusão e egoísmo, constituem um caso raro e bem consolador.

Pobre Hermenegico Barja! Sofreu muito, na infância — como se a Natureza quizesse pôr à prova as suas qualidades de bondade e de capacidade de sofrimento.

Coimbra:

Abril: 23

Hoje, ao acompanhar ao cemitério o corpo do Hermenegico Barja dos Santos, notei grande movimento de carros e de gente "fina", da "alta sociedade", coimbricense no mesmo sentido. Vim a saber que morrera também em Lisboa a Maria de Paula Aires de Campos, filha do conde do Ameal e viúva ou divorciada do dr. Guitherrmino de Barros, e que se esperava a chegada do corpo, a toda a hora, para as cerimónias fúnebres.

A morte desta senhora trouxe-me recordações da mocidade. Ela era rapariga do meu tempo de rapaz; tinha uns olhos brilhantes, um rosto moreno que sem ser tipo de beleza era de superior expressão. Eu notava-a por esse conjunto que me fazia lembrar seu passar, e' claro, de muito tempo.

gingua apreciação; olhava-a sem querer dar na vista e apenas por me regalar na contemplação furtiva dos seus esplendidos olhos. E o tempo passou. Veio a casar com o Guilherme de Barros que não era homem para ela; a vida conjugal em pouco tempo desfêz-se porque ela deitou às ortigas o quanto da fidelidade conjugal... Veio a separação inevitável e a Maria de Saude, estabelecida em Lisboa e á vontade, viveu uma vida de aventuras até quasi á velhice.

Ora estas palavras que aí ficam foram provocadas pelo seguinte: vim a saber, muito tarde já, que a Maria Aires de Campos reparára nos meus olhares românticos de rapazinho platónico; um dia disse-o a me^a Filha, que encontrou, já esta era mulherzinha, em casa do Azeiteira Lobo. Com certo descaramento que aliás lhe era proprio e natural, disse-o e acrescentou o parecer curioso:

— E olhe que meu Pai era um lindo rapaz...

Esperava-me nas minhas recordações de rapariga de sangue quente; mas a con-

fissão não deixa de ter graça e de prosnelmente me lisapear. E aqui está como a Kristera ~~em~~ causada pelo enterramento do neto Hermenrico Berja teve um parêntese que me desviou a atenção por uns momentos para evocações da mocidade.

Crimbra.

Abril: 9

Fomos hoje a Góis comer um almoço á familia Baeta da Veiga.

Dia excellenté, boa temperatura se bem que com certa nebulosidade que não deixava ver ao longe com nitidez. Estrada da Beira fóra, Foz do Arco, Lousã, Vilarinho, Portela de Albergaria, Portela de Góis, as paisagens succediam-se com encantadora variedade.

A vila de Góis lá estava, na sua fundação baixa, nesta altura cheia de verdura; lá estava na quietação de seculos, com a apparencia de atêia ao que se passa para além das serranias que a encolhem parece que avaramente. Mas que bello conjunto de serra e marzeas! Ao descer pelas curvas constantes da estrada desde a Portela tem-

se a impressão de que se abandona o mundo e se mergulha no esquecimento.

Que bom que é sentir a impressão do isolamento e de que se está longe da barafunda do mundo moderno!

A vida em Góis deve ser estéril, bem sei; há, até, a tradição das más vontades entre agrupamentos de famílias a que, noutros tempos se chamava, creio que com propriedade, a «rainha de Góis.» — rainha que provavelmente viria dos seus primeiros possesores, os esforçados campalheiros de Afonso Henriques.

Seja como for. O que sei é que o dia passado ali, no sossego e abandono daquelle grande valeiro — foi de verdadeira consolação.

E ao entardecer, a passagem pelos penhascos da S.^a da Caudosa sobre o beira, pacientemente, durante seculos, abria ~~para~~ ~~o~~ a pitoresca brecha — foi realmente quasi comovente para o dia tão agradável e leve corrido. Ainda ás vezes, no meio de tanta amargura, surge uma ou outra hora consoladora.

Coimbra :

Ateril : 17

Hoje, ha jogos de foot-ball sensacionais segundo parece, pelo País. A movimentação de carros e caminhetas é assombrosa. Ha comboios especiais com composições tão grande que não cabem nas estações como aconteceu hoje a um que veio de Lx.^a e que parou na Avenida Navarro para mais facil desembarque.

A Emissora Nacional, de certa altura em diante, só se ocupou dos desafios; nas praças ha aglomeração de gentes perante os amplificadores de som para se seguir este ou aquele jogo nesta ou naquela terra.

Em Coimbra, hoje, andam tudo maluco porque o Benfica veio jogar com a Academica; a cidade encheu-se de gente estranha; ouvia-se o berrinar dos claxon por toda a parte e constantemente.

Leucura colectiva?

Ou será assim o verdadeiro desporto?

O que sei é que, com certeza, tres quartas partes do País estiveram suspensas ~~em~~ ~~de~~ da maior ou menor habilidade dos jogadores da bola... Isto é, todas

as atenções se concentraram nos pés de certo numero de rapazes que se convencionei ou chamar atletas.

É pronto. É viva a Inteligencia...

Coimbra

abril: 18.

Hoje, ao ler umas paginas do livro celebre de Alexis Carrel: L'homme est incon-
nu, lembrei-me da consulta que ha dias me^a Filha fez ao Miguel Barpa e a que eu assisti.

Depois do exame e de expôr a sua opinião acerca do real, entrou na apreciação do actual estado da medicina e no criterio da grande maioria dos meus colegas. É dizer que a medicina não se preocupa muito com a natureza psicologica do homem e da sua individualidade, reduzindo as suas observações a casos particulares, etc. etc. Alegou as deficiencias do ensino universitario que fazem com que um rapaz, recebido de sua carta de medico, venha para o mundo desprovido das noções necessarias para distinguir no doente os caracteres proprios, etc. etc. Foi uma bella lição dada com a sua

maneira um pouco rude, mas com admirável clareza. Sentê-se encantado em ouvir as suas conversas e a sua fisionomia que lembra a de certos quadros de pintura primitiva, parece transfigurar-se.

Grande medico, talvez, perdido na barra fundo deste mundo egoista e material.

Ora isto veio a proposito da leitura dos ~~capitulos~~ paragrafos I a IV do cap. VII do livro de Carrel. Não sei se me fez perceber mas o que aí fica é o que sei expôr.

Cimbra:

Abril: 20:

Estive aí, e representou no teatro Aueri da a peça As mãos de Euridice, o discutido actor brasileiro Rodolfo Mayer.

Parece-me que, na verdade, se está na presença de um verdadeiro actor. A peça está feita em moldes novos; mas o intérprete sem deixar de ter a arte de representar de todos os tempos, apresenta qualquer coisa de novo que se não apavia logo mas que deixa no espectador uma sensação estranha de admiração. Foi, pelo menos, o que a mim aconteceu ao ouvir e ver o homem no pal-

co e ao voltar para casa e a querer recuar
viver o magnifico espectáculo.

Na verdade, um grande actor.

Coimbra :

Abril : 22.

Slope, eleições no Instituto de Coimbra p.²
novas corpos gerentes. Como atraz deixei di-
to⁽¹⁾, com a morte do dr. Anselmo Ferraz de
Carv.^o e a ascensão á presidencia do dr. Pa-
checo de Auerim, o Instituto poderia cair
nas mãos da reacção. Fui lá para verifi-
car o que se passava.

Realmente, o Pacheco de Auerim foi o
eleito; e o João Pereira Dias ficou vice-presi-
dente. Isto é um reaccionario e um esta-
fermo adaptavel a tudo...

Bem sei que o Instituto necessita de al-
guem bem aceite pela actual situação politi-
ca; o dr. Anselmo nada conseguia por ser
contrario. Mas... nem tanto ao mar nem
tanto á terra. Vamos a ver ^{que} quem. Ao me-
nos, o Pacheco de Auerim é pessoa simpáti-
ca e homem compreensivo.

⁽¹⁾ A pag. 169 deste volume.

É já agora . . . sempre quero contar que estava presente, na sessão, o Luis dos Reis Santos, de braço ao peito, porque quebrau, devido a uma queda, o braço direito. Como está professor da Facult. de Letras, torna ares este drabicos e já me fala com ares superiores e importantes.

A figura é que está cada vez mais suspei-
ta; não sei porquê, acho-o com ademanos al-
go equívocos, e mais me confirmam a má
impressão que tive ao falar-lhe pela primeira
vez, ha anos — como aqui deixei escrito.

Enfim, adeante. Isso é lá com ele. O que
me leva a este tipo de comentário é o leu-
tar-me da maneira humilde, quasi, com q-
se me dirigiu quando se me apresentou, co-
mo quem pede protecção; e o reparar nos
modos inferiores e superiores com que ho-
je me fala, de cima para baixo, de homem
superior para qualquer pobre diabo.

Por este andar temo-lo qualquer dia de
sapêlo e tanta hominis causa. O diabo o ju-
re . . . a Universidade tem poderes para es-
ta como para outras asneiras: refiro, o dia-
bo o jure . . .

Coimbra

Abril: 26.

Ontem concerto do Circulo de Cultura Musical, o 4.º concerto com o violinista francez Charles Cyrulnick.

Tocou Beethoven, Brahms, Glazourof e Ravel. Excelente artista, ainda novo, com 33 annos, seguro do que toca e como diz o programma com «qualidades autenticas de tecnicismo» — eu seja o que hoje chamam «virtuosismo.»

Mas... não sei porque, deixou-me frio; e na sonata de Beethoven que aliás tocou muito bem, não me deu a impressao do grande génio do homem da 9.ª Sinfonia.

Seria pelo exagerado virtuosismo? Seria porque hoje, nestes tempos de velocidades e positivismos, os artistas pintam a tentação dessa presteza de dedos, desse realabacismo que deixam o curvinte de boca aberta?

Quando oigo estes artistas do violino cujos dedos assombram pela rapidez quasi se pode dizer acrobacia — eu penso na arcade do velho Caggiari, o velho Julio Caggiari que fez as delicias da 1.ª mocidade ouvindo-o no sexteto do Casino Peninsular de Fi.

queira da Foz, com o consciencioso violoncelista Morais Palmeiro. Que estufendas arcaicas! Já hoje se não ouvem.

Parece que a quadra que atravessámos dirige ao abandono desses processos a que talvez chamem sentimentais, para se lançarem no «virtuosismo» trepidante, excitante, malabarista...

Atéiem seja e... bom juzeiro.

Coimbra:

Abril: 29:

Ora hoje, anniversario da Carta Constitucional de 1826, deu-se começo um episodio curioso que não deixa de merecer referencia neste amontoado insulso de noticias.

Dirigi-me ao Arquivo da Universidade para saber o que havia de responder ao Guilherme da Assunção, de Mafra, que me sollicitou informações acerca da vida conventual do convento joannino. Entrei e subia vagarosamente a escada para o 1.º andar, quando uma voz me disse lá de cima «que tirasse o chapéu...»

Olhei e vi um rapazoto, em mangas de camisa, ao cimo da escada; muito natu-

reluctante, frequentei se era comigo que falava; o rapaz repetiu a intimação e acrescentou que eram ordens.

Nesta altura, senti qualquer coisa que subia por mim acima e disparatei... Ali, numa escada, tirar o chapéu?... E por ordem superior?... Não e não!... Que ficou sem eu ter paz que não acabava ordens e sufrições!... Etc. etc. Berrei e barafustei e... saí alterado — o q. sinto me não fazer bem. Vim para casa indignado.

A ordem será do Mario Brandão? A quem me queixar? Contra quem protestar? Cheguei a casa mal disposto, com as pulsações apressadas e um pouco de febre.

Ora os estúpefos!... Que não para o raio que os parta — para não dizer coisa pior.

Coimbra:

Mais: 4.

Hoje, em conversa com o Heliodoro Veiga, pai do licenciado em Letras Paulo Veiga a quem eu ia procurar, no ult.º dia 29, ao Arquivo da Universidade onde é archivista e segundo me dizem, competente — contem.

me aquele que o filho lhe fôra relatar, aborrecido, o incidente que se dera comigo e que no Arquivo o caso foi falado entre o pessoal superior — lastimando todos o sucedido.

E o mais curioso é que, no dia imediato, o general Sousa Gomes que opera comanda a região, foi ao Arquivo para falar com o Aluel de Almeida e Sousa e ao subir a escada recebeu a mesma inibição a respeito do chapéu — inibição com que reboantei e por causa da qual, como eu, fiz barulho e levantei protestos.

Ainda bem! O meu protesto teria passado como madureza; mas o do general já representa mais alguma coisa e sempre pode dar algum resultado.

Vamos a ver...

... E eu, impénuamente, a julgar que me dessem alguma explicação ou algumas desculpas!

Sual! O caso foi discutido, falado e mais nada. Possivelmente foi levado em conta de caturrice — e assim ficou.

Eu, porém, com a caturrice fico e não volto lá. Que tenham m.^h saúde.

Coimbra:

Mais: 6.

Encontrei hoje, na rua de Tomar, o Pedro de Moura e lá que sabia pacatamente com livros debaixo do braço e folheando um deles. Quando o encontro em Lisboa é sempre assim: livros debaixo do braço e em braçada e folheando qualquer deles.

Aquele rapaz deve estar repassado e bem repassado de leituras...

Quando me encontra faz-me sempre aquele acolhimento; mas hoje foi mais longe porque acrescentou às usuais banalidades do encontro casual:

— Eu leu-te-me sempre da influencia que V... teve na minha mocidade. Não esqueço o que me devo...

Perante um gesto meu de certo espanto e de duvida, ele acrescentou e serio:

— Creia no que lhe digo, que é dito sinceramente.

Na verdade, quando ele era garoto e lis a torto e a direito e queria ter opiniao acerca de tudo e de nada, como qualquer menino predepio de terceira classe, eu chamava-o

Tanto quanto podia á razão, aconselhava-o, tratava-o bem, quasi como camarada. Esta maneira de tratar com ele quando os outros o troçavam e disputavam, ficou-lhe gravada no espirito com reconhecimento; e como é creatura de boas qualid. morais não o esqueceu e confessou-o.

Eu tratei-o assim como aliás trato qualquer outro em quem reconheça qualidades apreciaveis. Notei que ele era inteligente, tinha grandes curiosid. de saber e procurei orientar essa desordenada curiosidade em certo sentido desenfreado. E foi essa a m.ª influencia que ele já ha tempos confessou a m.ª filha.

Apenas não conseguí desvri-lo do caminho integralista; outras influencias o levaram para lá, influencias dominantes no tempo dele ser estudante. Ficou Antonio Sardinha — o que não impediu de ficar meu amigo e de confessar a minha saudavel influencia.

É boa pessoa. Conta hoje cerca de 48 annos; está quasi todo branco e parece-me um verdadeiro vencido da vida. Não sei o que ha ali que o faz assim, um qua-

si velho, com ar desarrimado, e falas
 brandas, sem brilho. É solteiro e, não sei
 porque, tenho a impressão de que é abstei-
 nido em matéria sexual. É possível que
 esteja aqui o segredo.

Cóimbra:

Mais: 11.

Ha dias appareceu-me ai um rapaz
 de familia mirandense, Luis Mauro de
 Figueiredo, actualmente em Beiraueute
 não sei a fazer o quê. Tem os seus trinta
 e tal annos, forte, desempenado, e para não
 desmentir a influencia do ambiente, com
 trajo ribatejano. Contou-me que veio pas-
 sar as suas "ferias" a Miranda do Corvo e
 interessado por certos pontos da sua historia
 e em especial pelo ruorro onde existiu o
 castelo, falou com varias pessoas entre as
 quaes o adorado Carlos Batalha; todas es-
 sas pessoas lhe disseram que só em patria
 a historia da vila e do concelho — e daqui
 veio o desejo de me conhecer e de saber
 onde estavam á venda os livros que tenho
 publicado sobre a sua terra que, embora
 leve, sempre estima, etc. etc.

Se bem que habituado a estas explosões de interesse pelo passado de Miranda que, como todas as explosões, passam depressa e podem deixar uma vez ou outra algum cheiro a sulfídrico, a verdade é que não desgostei do rapaz que me pareceu um pouco mais sincero ~~mas~~ do que outros que me têm aparecido.

Contei-lhe, então, e em resumo, a "odisseia" dos meus trabalhos de investigação e mostrei-lhe as caixas dos resquetes e os volumes das cópias dos documentos. Pareceu-me que compreendeu bem a m.^a exposição.

Encerca do castelo, disse-lhe o que sabia sobre o assunto e contei-lhe a inutilidade dos meus esforços para se reconstituír a planta da fortificação e, até, a averiguação do que seria a abertura que se vê junto da Torre sineira ^{a)} que a lenda tem dado certos fôros jurídicos. Pareceu-me, também, que compreendeu bem o que lhe disse e que seria com o maior interesse.

Chegou a hora do comboio, confessou-se encantado com a minha « lição », agradeceu muito e foi-se embora com dois dos folhetos que ainda me restam dentro tem.

jos e que ainda para aí tenho á los vida no quarto de arrumações.

Ona hoje appareceu-me novamente o Luis de Moura Figueiredo. Vinha com um de pessoas contentes e disse-me que, circumnavigado com a sua exposição de ha dias, fôra para Miranda e falára com varias pessoas entre as quais o Prior para se fazerem pesquisas na tão falada cisterna. Conseguida, por subscrições, certa quantia, chamaram uns homens e desentulharam a abertura onde havia terra e muitas ossadas; e chegaram ao fundo, cerca de 5 metros de profundidade, verificando pelo estado das paredes ainda regularmente conservadas que, na verdade, se tratava duma cisterna. Uns pedregulhos de que ainda me lembrava, salientes na parte superior, diz ele que desapareceram e apenas ha, num dos lados, sinais de começo de abobada certamente cobertura da cisterna. Disse ainda que escaváram exteriormente o entulho accumulado para deixarem á vista ~~o~~ os rebordos existentes e vão arranjar uma cobertura provisoria para evitar a accumulacão, no fundo, das aguas da chuva.

Enfim... o rapaz vinha contente. E de facto conseguiu uma coisa que eu nunca conseguira: saber o que aquilo era. Ficou-se sabendo agora que era a cisterna da fortificação e desfez-se a lenda das meiras encantadas que iam de noite, ao Alheda, buscar as varilhas de agua...

E foi piada. As lendas são tão bonitas, algumas, que é uma barbaridade da História vir acabar com elas.

Crimlana:

Mais: 12.

Esqueci-me onde me de dizer, a propósito das pesquisas que o Luis Moura Figueiredo fez no muro do castelo de Miranda que, pelo sim pelo não, foram dando notícia nas gazetas da obra que empreendevano.

O Diário de Crimlana, no dia 7 deste mês trazia uma notícia muito curiosa que recorrei e arquivou, adiante, neste volume. "O título que deram á notícia é de arreventa."

Mas, enfim, vá lá: descubriu-se a cisterna — e com esta descoberta o caso

(1) No final do vol.º a pag. 287.

pendente do jornal espera grande afluência de turismo a histórica vila de Miranda do Corvo...

Polina gente.

Coimbra:

Mais: 14.

Ha dias, na secção dos manuscritos da Bibliotheca da Univ. de Coimbra, o lic.º Jorge Peixoto que é, agora, o seu director, falou-me no Arquivo de Bibliografia recentemente publicado, órgão officioso da Bibliotheca de que é director o dr. Manuel Lopes de Almeida; e na conversação, veio a sollicitação para eu colaborar com qualquer coisa.

— Mais colaborações! pensei eu, de mim para mim, com certo terror.

Ta-me a escusar quando me lembrei de que poderia oferecer as notas bibliograficas relativas as especies impressas na typografia de meu avô Manuel Caetano, no periodo em que esteve em Miranda do Corvo, especies totalm.º desconhecidas. E agradecendo a oferta do Arquivo, disse que, neste momento, só poderia dispor de tais notas que, me pareciam, estavam dentro de in-

dolo da publicação. O Peixoto achou excelente e o caso ficou por aqui.

Em 11 deste mês, isto é, dois ou tres dias depois da conversa, recebi uma carta amavel do Lopes de Almeida: soubera pelo Jorge Peixoto que eu tinha « um estudo " sobre a imprensa em Miranda do Corvo, " assunto que cabia excellentemente naquella " magna empresa do Arquivo » e não se limitava a pedir-me as notas semão a « honrar aquellas papinas » com o trabalho todo.

Hoje fui procura-lo e agradecer o convite; entende ele que o estudo ficará bem, todo ele, no Arquivo; e perante a m.^a objecção de que era um pouco extenso, ele respondeu que se publicaria em dois numeros seguidos. Quanto a gravuras com que eu quero illustrar o trabalho é que ha difficuldades, isto é, não ha verbas p.^a isso... Sempre a mesma miseria das nossas publicações! Ficou assente que eu pagaria as gravuras bem como as reparatas... A tristeza de sempre: quem trabalha é que tem de pagar o seu trabalho. Mas, enfim, eu tenho interesse em publicar a pequena monografia e afeito ao maré que... me vai ficar cara.

Mas que fazer? Tem que ser assim e assim será.

Fiz o trabalho, e pago as gravuras e as separatas — para oferecer aos amigos. E pronto! É assim mesmo.

Coimbra:

Maio: 15.

Ontem, ao regressar a casa, no electrico, depois de ouvir a Traviata de Verdi, no grande Teatro Avenida, sentei-me ao lado do Miguel Torga que tambem vinha da opera. Falou-se do espectáculo e da falta de um teatro em termos em Coimbra; mas o Torga, com gesto decidido, diz-me:

— Ainda ha pouco, no intervalo, o Octaviano de Sá me falou na falta que faz em Coimbra uma boa sala de espectaculos... Eu disse-lhe e repito, Coimbra tem a melhor sala de espectaculos do Pais e não a afrouxei-ram convenientemente... Então o sr. coronel quer coisa melhor que a Sala dos Capellos?... Ali faz-se tudo! E veja V...: aquelle conjunto, o ambiente, é de verdadeira opera; a chararmela dá concertos; alguns dos actos grandes dão para drama ou para co-

media conforme os candidatos ou os assuntos... Que mais quer Coimbra?

É neste tom, com muita graça, continuou a expôr as excellencias da Sab dos ba-jelos como sala de espectaculos; e a minha zêna foi chegar á parapeira propria e ter de me aprear.

É interessante foi notar que a conversação foi em voz alta e os circumstantes deviam ter ouvido: uns com gosto; outros, os ba-ristas que põem os olhos em alvo quando se fala na "nossa gloriosa Universidade", envi-riam com indignação.

Foi conversação para todos os paladares. No entretanto, disse, que, quanto a mim, o Miguel Torga tem razão. A ideia é exoti-ca, diga-se a verô^{te}; mas lá que tem carac-tas de razão, também é verdade.

Coimbra:

Maio: 18:

Até ir hoje, depois do almoço, para a Bi-blioteca da Universidade, encontrei parado em frente de uma das entradas do edificio em construção p.^a a Faculd.^e de Medicina, o deu-xar Joaquim de Carvalho. Gostei plausa

as medallhões que os architectos se lembrá-
ram de pôr, uns sobre os outros, como um
nuclo do grande portal. Eu já chamára
a atenção do dr. Carvalho para esses meda-
lhões e um especial para um Marquês de
Pombal, bastante emagrecido, colocado por
cima dum outro medallhão que representa
um padre jesuíta; hoje, como se lembra-
re dessa m.^a alusão, meim ver e estava a
achar interessante a colocação dos altos-rele-
vos e da posição do marquês em relação ao
padre.

É simples acaso no dispor das figuras?
Intenção irónica de certo não foi; e o deu-
tor Carvalho commentava:

— Falta aqui uma grande figura de ci-
rurgia nacional, da cirurgia do coração...

Perante a m.^a expressão interrogatória
ele explicou:

— ... o nosso D. Pedro I, que fez a nota
nel operações aos mastadores de Inês de Cas-
tro, de extrair o coração pelas costas...

Eu ri-me e acrescentei:

— De-mais a mais sem anestesia...

— É verdade, respondeu ele; sem qual-
quer especie de anestesia...

É com esta taracha nos despedimos; e eu fui pensando que este dr. Joaquim de Carvalho, nos nossos últimos encontros que não fala da composição do meu trabalho sobre o Saldanha. Será impresso ou desconfiança minha?

Já tenho pensado numa possível re-consideração e... enfim! adiante.

O que fôr soará.

Coimbra:

Mais: 24:

Estão correndo as festas da Queima das Fitas. Hoje é o dia principal, o do cortejo, cheio de barulho, de movimento, de extraordinária animação. O que aí vai de arrombos de fôra, ás centenas, arrumados por todos os cantos, enquanto não passa o cortejo algarico. E os rapazes e raparigas, alegres, satisfeitos, radiantes, não se lembram de que estas festas são quasi o final da sua vida académica, de que estão em vésperas de deixar a vida livre e alegre.

Coitados deles, penso eu, ao vê-los aí com a despreocupação própria da idade e do momento festivo; mal sabem eles que

a vida é dura e que, por agora, tudo é cor
de rosa e, como escreveu Tola, todas as espe-
ranças são realidades.

Mas, enfim, deixa-los entregues á ale-
gria; eu, que nunca fui verdadeiram.^{te} rapaz
alegre, também tive momentos de alegria —
que tenho hoje bem poucos.

Adiante.

Coimbra:

Maio: 25.

Hoje, procurando entender a m.^a netá Ana
Maria que veio assistir á festa académica
de ontem, fui ao Museu Machado de Castro
eude lá muito não ia.

A transformação é enorme. O museu
de arte industrial que foi sempre o sonho do
velho Ant.^o Augusto Gonçalves e que consti-
tuiu uma curiosidade artística notável tão
apreciada por artistas estrangeiros, desape-
receu por completo. O que lá está agora é
um museu bem arrumado, de tipo comum,
em obediência á uniformidade dominan-
te. Já com o Vergílio Barreira, a obra do
Gonçalves começou a ser modificada; mas
se esperou pela morte deste que, aliás, se

avizinhava, para a transformação. E essa falta de respeito pela grande obra do Mestre não influencia pouco para o desenlace de uma vida tão meritória.

Enfim. Percorri, com a Ana Maria, as salas abertas ao publico que não são muitas; o resto está fechado... para obras. Continua pois a transformação para desaparecimento completo do que foi o museu de arte industrial tão característico e tão notavel.

Primeiro o Vergilio Correia, depois os « senhores de Lisboa » como o Reinaldo dos Santos, o Baltazar de Castro, o Gomes da Silva, Director geral, etc. etc. — toda essa pleiade de superheiros, architectos e criticos que do meino hoje p.^a quem as obras alheias não tem valor de qualquer especie. E como essa grande obra do Goucalves vinha lembrar a sua personalid.^e de tão alto relevo e, em especial, o seu intransigente anti-clericalismo, vá de deitar abaixo o museu e fazer desaparecer tudo que cheirasse ao velho democrata livre-pensador.

Acabou-se. Para que lamuriar aqui, sem remedio? As coisas são o que são e lamurias... são apenas lamurias.

Quasi no fim da visita, encontrei o director, o Luis Reis Santos. É figura que me faz certa impressão desagradavel; e agora, que está professor da Faculd., e toma ares superiores, a impressão é bem fria. O cabelo cortado é garçonne, o andar esguio, a mão que estende aos outros sempre mole... Tudo me faz o efeito dum deguegado, tudo me deixa duvidas acerca da sua mentalidade e da sua moralidade.

Mas, enfim, nada tenho com isso; ele que tenha muita saúde e pronto. Demais, devo dizer: continua a tratar-me com toda a deferencia; já não é a posição humilde como se me apresentou ha tempos e eu creio aqui deixei mencionada; agora fala já com modos "professorais", mas que não deixam de ser amáveis, correctos e de certa deferencia. Ha anos era o velho diabo que queria apois; agora é o cidadão bem instalado que fala de igual para igual, embora queira parecer atencioso e deferente. De certo se ha-de lembrar da maneira como se me apresentou.

Inteligente parece que é; e está novo já, mas tem a memoria esvaída.

Coimbra:

Junho: 1.

Ha umas semanas vi no encadernador um volume para mim desconhecido, de autoria do Humberto Delgado, que me chamou a atencao por causa do titulo e do indice que logo fui ver. Mandei-o vir de Lisboa e li-o, ao principio com interesse, depois com certa impressao de nojo.

Trata-se da seguinte obra: Da Justice do "Homem patrio". (Da Monarquia de riparietas para a Republica de laudidos á ditadura de pa-pa). O titulo ja cheira um pouco mal; mas o texto e', na verdade, uma porcarias.

Como se pode escrever assim!

Proza no genero de Henrique Teixeira a quem chama, a certa altura, « mestre da Democracia. » Parece que aprendeu a escrever com a leitura do Povo de Aveiro e realmente a prosa sai desconexa, aos barbaes, cheia de termos reles, sem tom nem som.

Eu conheci este Humberto Delgado em Vaxias, no anno de 1935, quando lá estive como Tenente-coronel; ja ele tinha publicado o Linenco e Virávia, eutáo, o curso do Estado-maior; era um rapazote simpáti-

co, muito correcto, com ar desembaraçado, e aspecto de inteligente. Fiquei a gostar do rapaz que frequentava muito a rua, ás tardes, pois morava num chalet quasi pegado. Eu achava-lhe graça a uma desenvoltura que tinha muitas manhas: como já era aviador e tinha quasi quer serviços na escola da Graça do Marquês, voava, a baixa altura, por cima da casa dele em cujo jardim umas crianças, os filhos, tres se não me engano, brincavam; os pequenos agitam as mãos e ele deixava cair uns pedrinhos com rebuçados ou qualquer especie de docearia e... levantando o vôo, desaparecia. Achava graça se bem que pensava na possível má consequencia da brincadeira, pois é assim que se arranja um desastre.

Passados anos, quando commandava o regimento de Infant.^o 7, o Humberto Delgado appareceu-me duas vezes em Leiria, por qualquer motivo de serviço. Sempre correcto, já era então capitão ou major (não me lembro) ia ao quartel cumprimentar-me e conversar um bocadinho. E nestes cumprimentos apresentava-se me^{te} bem, desem-

baraçado, parecendo-me até creatura com certa cultura geral. De uma outra vez que passei em Leiria, por horas, sobre a tarde quando as secretarias estavam fechadas, e sabendo que eu ia ao teatro, foi cumprimen-
tar-me ao camaroté onde estava com m.^a mulher e explicar a razão da sua ida a Leiria. Depois disto nunca mais o vi.

Hoje é general a seguir a uma ascen-
ção relativamente rápida e occupa qualquer posição elevada nos Estados Unidos se me não expauro. Não quero negar-lhe os me-
ritos, pois quero crer que os têm; o pouco que fiquei conhecendo dele levou-me a es-
ta conclusão. Mas... agora, lendo o liuré-
co e recordando as minhas relações com
ele e ainda raciocinando sem qualquer má
vontade, fico a pensar se esses meritos,
que julgo apreciaveis, teriam sempre sido
aplicados com verdadeira honestidade mo-
ral. Seriam?... não seriam?...

O liuréco é uma revelação desagrada-
vel, muito desagradavel até. Uma autén-
tica percaia que me levou, ao terminar a
leitura, a relembraer a celebre frase do Dr.
Bernardino Machado para o Anibal Soa-

res, aí por 1907, comparei-me com meu
cunhado Costa Ferreira que testemunhou:

— Meu caro Amílcar Soares: está
muito a ganhar a vida honradamente...

E por aqui me fico.

Coimbra:

Junho: 9.

Hoje, procissão do Corpo de Deus, com o
aparato do costume. Grande manifestação
reaccionaria que eu fui observar ao fundo
da m.^a rua. E foi, realmente, uma grande
parada da Reacção que cada vez se afirma
mais e mais se consolida.

Para consolação — sempre ha uma ou
outra consolação! — ás 4 h. da tarde a tele-
fonia sem fios fez-me ouvir a 5.^a Sinfonia
de Beethoven, tocada por orchestra austria-
ca e, por consequencia, bem tocada; e ha
bem pouco, seriam 2 h. e meia, transmi-
tiu-me, do Porto, a Sinfonia Pastoral, to-
cada pela Orchestra Sinfonica do Conserva-
torio portuguez. Qualquer delas me sensi-
bilizou; e porque é que me sensibilizam
as sinfonias beethovenianas? Não sei. O q.
sei e creio que já aqui tenho escrito, é que

quando oigo Beethoven, he qualquer coisa que me impressiona até á morte.

Seja o que for. O certo é que hoje tive sorte: duas sinfonias ouvidas, com recato e sem interrupções incômodas. A primeira... essa, foi um episodio como qualquer outro que não impressiona; apenas me serviu p.^a verificação da altura a que vai chegando a onda ultramontana — o que, diga-se com verdade e amargura, já não é pouco.

Câmara:

Junho: 14

Hoje tive novamente a boa parte de ouvir o Pastoral de Beethoven. A Emissora Nacional, ao acabar o meu almoço, anunciou a repetição do concerto da Orquestra Sinfônica do Porto. Deixei-me ficar. E ao mesmo tempo que a sinfonia se desenvolvia, eu ia olhando o quadro de Anunciação que tinha em frente: uma planície serena, á esquerda o arvoredo classico da escola e como figura central uma vaca branca; ~~qualquer~~ qualquer coisa no quadro acompanhava a musica; a paz dos campos, a serenidade da atmosfera,

a grande sombra acolhedora. Nunca dera por isto, nunca reparára que podia servir a lateral em frente daquele quadro.

Batheu hoje. E no fim, pensei que apesar de tudo, ainda ha bons momentos na vida. O que são e poucos.

Coimbra:

Junho: 17:

Fui hoje bater á porta do Alvaro Vieira de Leuz. Já tinha certas saudades desse visionário, sempre embetido nas suas ilusões, sempre acreditando que é possível vencer a realidade e que poderá realizar ainda uma ou outra das suas obras de pura pedagogia.

Bom sonhadôr! bom se deixa iludir infantilmente, apesar dos seus setbacks e tal tem cheios de transtornos e dificuldades!

Quando conversei com ele sinto-me outro; parece que a sua serenidade e a confiança nas suas boas ilusões contaminam e amolecem o meu escepticismo ~~com~~ assim como aliviam um pouco as minhas amarguras. Bem hajam as ilusões!...

Coimbra:

Junho: 20.

Acabei hoje de ler o Journal do Vasco da Gama Fernandes, advogado em Leiria.

Recebi o volume com uma circular interessante; fiquei com ele e mandei logo em vale do correio os 3000 indicados — o que, aliás, não foi agradecido.

Li-o, depois, aos bocados. Não deixa de ser curioso; tem papinas boas; mas... é bastante pretencioso.

É homem novo e está cheio de vida; é justo, que diabo! que tenha uma ou outra parcela de vaidade.

Coimbra:

Junho: 23

Ha dias entreguei á recção dos reservados da Bibliotheca da Univerid. com certos numero de especies: cartas, autographos, gravuras e uns opusculos de bibliographia juruistica — especies que me não serviam e que fazem figura em uma recção especializada.

Já ha tempos, quando para lá dei uns manuseritos, appareceu nos jornais a noticia da oferta com palavras de louvâr. Criaio que

a publicação desta notícia têm por fim estimular a vaidade de certas pessoas que têm espécies bibliográficas e iconográficas e gostam de ver os nomes nos jornais. Mas eu, confesso, não gosto muito e imagino até que os que têm a notícia poderão julgar que sou eu o autor.

Enfim. Para lembrança ficam no final do vol.^o coladas devidamente.⁽¹⁾

Coimbra:

Junho: 26

Estive hoje a ler, eu até, a reler o poema Finis Patriae de Guerra Junqueiro. Há quantos anos não lhe pagava! Apesar de isso ainda tenho de citar algumas estrofes, algumas mais caudentes que na mocidade entusiasme a rapaziada. Porque, na verdade, os poemas de Junqueiro eram decora- dos e recebidos com aluna.

Pois bem. Agora, lido a frio, já sem paixões (como há dias com o poema O Sereje de Gomes Leal) chega-se a fim e... fica-se com a impressão da vacuidade.

⁽¹⁾ V. pag. ...

Realmente a poesia é bela, o ritmo solerbo, os versos viberam — tudo encanta e tem o seu quê de grandiosa. Mas... o que é que ha na base de toda aquella arquitectura brilhante?

É possível que o que vejo seja o fruto da m.^a desilusão e da velhice a frequentada. Mas também é possível que hoje aquella poesia não seja compreendida.

Seubi, verdade, verdade, certa comoção ao reler certos passos; mas essa comoção seria mais da lembrança dos tempos em que decerava as estrofes mais revolucionárias e instinctivamente comparava com a quadra actual em que eu me sinto velho e sinto que os novos parece conformárem-se com a triste condição de escravos.

É fiquei-me a olhar:

«Oh mocidade!... Ergue os teus braços...»

Não! a mocidade de hoje ergue os braços, de certo, mas nos campos de foot-ball para aplaudir e incitar os brutamontes que se agitam no chamado «rebuado...»
É meu querer, neste momento, lembrar os

versos de certa estrofe que ainda tenho gr^{va}
 nante toda inteira:

«A Pátria é morta! A Libert.^{de} é morta!...»

Atteuê. Estão hoje funebre. O que em
 mim, aliás, é vulgar.

Coimbra:

Julho: 1

Tenho seguido, com m.^{to} interesse o caso
 da Argentina. A Igreja católica julgava-se
 senhora do país e deitava demasiadamente
 os braços de fora. O Estado reagiu, não sei
 se por influencia do proprio Peron se por ac-
 ção do anti-clerical Barleughi, ministro do
 Interior. Daguei a luta entre o Estado e a
 Igreja, com manifestações, disturbios, incen-
 dios, etc. etc.

Nesta altura entram as forças armadas
 em cena. Com o pretexto de manter a ordem
 revoltam-se; e como a revolta não teve exi-
 to, purgam os generais com o mesmo pre-
 texto da manutenção da ordem e dominam
 a situação. Péron parece apagar-se...

Evidentemente que, deste meu canto,
 não posso afazerer com precisão o que vem

a per Val Barafunda; mas estou certo de q̃
 não audarei torpe da verd.^{de} se disser que a
 Igreja insinuou a revolta e que, perante o
 desastre, provocou o aparecimento dum qua-
 si ditador para manter a ordem nas ruas e
 a paz nos espiritos.

Vamos a ver se me enganou. A Igreja
 triunfou. Moveram umas dezenas de pes-
 soas; mas isso pouco importa... O essencial
 foi vencer. E agora, com o Exército unido pa-
 ra manter a ordem... vamos de vento em
 pó! O Papa, de certo, levanta a excommu-
 nição e, segundo os jornaes, no dia de S. Pe-
 dro, o presidente Peron mandou uma sanda-
 ção ao Santo-Padre...

Afinal, tudo acaba bem... E vai rei-
 nar a boa paz na rebelde Argentina — que
 ia a cair na terrível heresia. Salvou-se
 a tempo de cair no Inferno.

Enganar-me-ei eu? Ou o que digo é
 consequencia das minhas desconfianças e
 do ~~meu~~ meu ceticismo?

Não me devo enganar. A Igreja tem
 artes para tudo e sabe fazer as coisas com
 perfeição.

Coimbra:

Julho: 3.

Ante-onhem morreu na sua telhada do Abricero, perto da Portela do Mondego, o velho amigo José Augusto Pereira de Vasconcelos, com 89 anos feitos em outubro passado.

Sobrevivente da geração do 31 de Janeiro, foi sempre o mesmo idealista dessa quadra; durante toda a vida acreditou ~~na~~ no poder dos princípios e conformava-se com os sucessos como incidentes passageiros que não destruíam o caminho ascensional dos Ideais.

Durante a Monarquia, sonhava com a República; proclamado o regime republicano, não teve ambicões, continuou no seu cargo de ajudante de notário e atravessou os períodos de reacção política com a mesma serenidade e com a mesma confiança no futuro.

Era bom homem e homem sério. Sábias do seu ofício como poucos; o cartório de notário onde ele estivesse era o preferido pelo publico e por uma destas injustiças das leis e principalmente dos homens que as fazem, nunca foi incluído no quadro res-

presbivo e aos setenta anos não foi para o
 meio da rua sem qualquer apresentação
 porque na Secretaria Notarial precisavam
 dele e mantiveram - no por algum tempo.

Porem... Oh miséria da vida! A certo
 altura, os notários começaram a ver que
 o ordenado que mantiveram ao velhoaju-
 dante saía - lhes do bolso... E a pouco e pou-
 co foram dando a entender que o velho Vas-
 cancelos era demais...

Disse - me ele um dia que se ia em-
 bars; contou - me o que se passava e que
 não esperava ordem ou continuação para
 saída. Era ele que tomava a iniciativa e
 certo dia largou o trabalho ~~o~~ que há uns
 60 anos se dedicava e em que era ~~uma~~ re-
 gero e honesto como raro.

Pouco depois vendeu o prédio que con-
 struiu na rua do Dr. Ant.º José de Almeida e
 foi comprar no Aricero um casal, voltado
 a sul, com a vista do vale até a cidade e,
 por sobre o pobre casario do Lapaço, com a
 perspectiva das serras de Miranda e Bevela.
 Ali se refugiou, conformado e satisfeito;
 dedicou - se às flores e às couves e às ar-
 vores de fruto; e quando eu lá lhe apare-

cia, umos vez por outra, para o uêr e con-
versar um pouco — era uma alegria de
proprietário, alegria de velho amigo, ale-
gria de isolado que tinha que mostrar a be-
leza dos produtos da terra, que descrevia a
contar episódios passados e a exaltar o
possego da aldeia e a pacificação de animo
a que chegára depois de mais de meio secu-
lo de trabalho incerto.

Teram tardes agradáveis essas, na sa-
rada da casa, sobranceira ao vale. Vinha
à colação toda a vida passada, os successos
vários de 3. fôrmos testemunhas e no fim
o comentário ás cousas um tanto ou quan-
to asperso ás cousas e aos homens. Mas o
Vasconcelos nunca vinha sempre a mesmo re-
tiro de julgamento e acreditava ainda
na transitoriedade dos vários períodos de
reacção política e tinha fé no caminho pa-
ra melhor vida. Era o mesmo velho
idealista, creado em tempos de certo candu-
ra política e de firmeza de princípios; e
a sua própria figura, de cabelo crescido, todo
branco, penteado para trás, ajudava a ver
nele um homem de geração passada, ho-
je incompreendida e quasi troçada pelos

novos que só vêem na materialidade da cultura física a verdadeira salvação.

Morreu quasi de repente. Um derrame, pelo meio-dia, alarmou a familia; o medico reviviu-o por umas horas depois de umas injeções mas diagnosticou logo a morte proxima. As 18 h. morria novamente, recomendando com insistência que queria entéro civil e que fosse eu o portador da chave do caixão.

Quando cheguei ao Arquivo, $\frac{1}{2}$ hora antes da saída do funeral, a sobrinha que com ele ultimam^{te} vivia, depois da morte da esposa, contou-me os ultimos momentos do velho amigo e que repetia mil^{tas} vezes que ~~eu~~ não dessem a chave do caixão a outra pessoa, e que, se eu não podesse aparecer ao entéro que o portador dela fosse um asitado da base dos Polvos a quem gratificariam pela incumbência.

Polvo amigo! Parece que já calculava que a unica pessoa da cidade que o acompanharia até ao cemitério seria eu. E na verdade, tirante umas pessoas de familia da esposa (já ha anos falecida) só lá vi gente do luparêjo, gente modesta que

lastimava com sinceridade a perda do
bom amigo que espatama, pela aldeia,
tudo o bem possível.

Dos notários, a quem ele questionou os
maiores serviços, só compareceu o dr. Ma-
ximo de Figueiredo que não acompanhou
o enterro porque tinha serviço marcado a
essa hora; os outros, como o enterro foi
civil, não quizeram ir contra as suas
crenças religiosas...

As crenças religiosas!... Excelente
pretexto para mata-bros! Como se esta
espécie de gente pudesse ter crenças religio-
sas...

Enfim. O velho Vasconcelos lá foi ar-
rurnado numa grateleira do seu jazigo,
em frente do caixão onde está a esposa. E
lá ficou, acompanhado pelas lagrimas da
gente modesta do lugarêjo que, quero crer,
foi sincera no seu pesar.

Os outros... aquelles que muitos tem-
pos o procuravam e incomodavam, esses
brilharam pela sua ausencia; e até os jor-
nais, sempre prontos para encher espaço
com toda e qualquer bagatela, deram a no-
ticia seca, simples, de chapa, como a que

vai no final do volume⁽¹⁾, sem uma ~~opção~~ referência ao seu valor profissional e, nos jornais que se dizem republicanos, sem qualquer alusão à sua vida firme de democrata. Tudo passa. O Vasconcelos meteu-se na quintarola da aldeia e des- de esse dia... morreu.

E o mundo continúa a rolar pelos es- paços com toda a regularidade.

E é o que vale...

Coimbra:

Julho: 9

Houve reorganização ministerial. De- vêr-se quando o Salazar muda as pé- dras do seu tabuleiro de jogo e desta feita, segundo se diz com insistência, com des- agrado dos amigos monárquicos que ainda- raem ultimamente um pouco de rabo alca- do. Parece, pois, que a subida do Marcelo Bastano, imposta pelo Craveiro Lopes, com seu indignação e desânimo nas hostes restauracionistas — que parece esperá- vam facilidades futuras.

⁽¹⁾ ed pag. 286.

O que ha de temeroso por detrás dos bastidores desta politica actual! A Campanha de Jesus não tava a jurasa, certamente; encolhe por momentos as garras, deixa esquecer e depois ajusta as contas.

Quero crer em certa sincerid^d. no procedimento do bravo Lopo; mas terá ele capacidade para lutar com tal genero de adversarios?

Coimbra:

Julho: 10.

Estive hoje aí, sentado na poltrona do costume, o P.^o Antonio Nogueira Goncalves que me appareceu mais gordo, como homem que come bem e bebe melhor. Gosto sempre da conversação deste P.^o Nogueira e, creio já o tenho aqui escrito, ainda não conseguí definir com a possível precisão a sua personalidade. É simpatico, tem palestra atraente, é bom companheiro, sabe bem o que diz, mas... ainda não fui capaz de fazer juizo mais ou menos seguro a seu respeito.

Como padre, parece-me que necessitamos que qualquer livre-pensador the

procurasse provar a existência de Deus; quero crer que a sua crença na religião não deve subir muito alto. Mas deixê-mos isso... Ele que se aguentê, nesse ponto, conforme puder.

Uma das razões da visita era insistir na "necessidade" da organização de uma Tertulia de meia dúzia de amigos, em q. se discutissem ideias, se apresentassem planos, se promovessem pequenos passeios a sítios pitorescos ou a monumentos — em fim, se creassem pretextos para cultivarem a espiritual laborosa e elevada.

Esta insistência do Padre é interessante e lembra-me que também eu, desde novo, tive essa preocupação aliás sem resultado. Agora, porém, para se conseguir alguma coisa, mesmo terra como Coimbra, há grandes dificuldades. Mas não desanimou o Padre e disse-lhe que, não se conseguindo meios-dúzia, poderíamos reunir tres... tres apenas: ele, o Alvaro de Lemos e eu e, com esta trupe, desafiaríamos a arte, a graça, o Bom-humor e possivelmente a própria glória!

Amen!

Coimbra:

Julho: 11.

Creio ter aqui falado numa oferta de varias especies bibliograficas e epistolares ~~reservadas~~ á secção dos reservados da Bibliotheca da Universidade. Como no pessoal da casa ha varios correspond^{tes} de jornais e o proprio Lic.^o Jorge Peixoto trabalha creio que no Primeiro de Janeiro, essas ofertas são logo assoalhadas nas noticias.

No fim do volume não guardadas duas dessas noticias saídas em 21 e 22 do mês q. passou.⁽¹⁾ Mas o mais curioso é que no numero de ante-ontem do jornal Republica (de que apore sou assinante para acudir á sua aflitiva situação economica) vem uma nota a meu respeito a proposito dessas ofertas.

Devo essa nota que fica aqui arquivada⁽²⁾ ao Prof.^o Almeida Costa, antigo inspector primario e hoje a ganhar, creio eu, o pau que o Diabo amassou. Este professor é o representante em Coimbra do jor-

(1) A pag. 288.

(2) No final do vol.^o a pag. 288-89.

mal e quiz ser amavel. E pronto... Lá
veiu uma discreta alusão á minha su-
perior personalidade...

O que vale é a boa intenção.

Coimbra:

Julho: 13

Amanhã de manhã, abalo para a
Paz e... por todo o mundo! Estei empaco-
tando papelada e livros para enfrentar o
tempo naquele deserto.

Não me custa estar lá uma temporada
da qualquer; não me sabe mal o isola-
mento, o ar do campo, os novos aspectos
da vida; o que me custa é ter por este meu
quarto de trabalho, este cenário de livros,
de quadros, de retratos, de tipografias ar-
tísticas que conheci ha mais de 40 anos
e me contenta as ambições.

Comôvo-me sempre nas mesetas
da parbida, tanto mais que vou para um
briente que me não fala e eu que me sinto
quasi expatriado.

Mas, enfim, a vida é assim mesmo;
e eu, pobre diabo, vou-me sujeitando aos
seus encontros. Para que hei-de eu ter-

ma - la piór se começar a repontar e a que-
rer dar-lhe outra forma?

Haja saúde! como diz, com resigna-
ção, o povo. Mas o piór é que creio que a
saúde ainda precária.

Adiante.

Paz (Mafra)

18 de Julho:

Cá estão desde o dia 14, pelas 13 horas
pouco mais ou menos. Nevos constan-
tes, vento desagradavel. Ainda não avis-
tei dentro nem sequer o luar. No ar an-
dam constantemente aviões; o ron-ron autê-
ntico é quasi permanente; na estrada, um
nunca acabar de carros automoveis para
um e outro lado, com o desagradavel lu-
nar regularmente. É pronto. Aqui estão
contemplativo, á espera da hora do regres-
so a casa, ao meu ambiente preferido e
quasi necessario.

Ora hoje, ao desdobrar os jornais, deu
com a seguinte noticia que para mim é
quasi sensacional: « O sr. Presid.^{to} de Re-
publica recebeu ontem, no Palacio de Belem,
o almirante sr. José Mendes Cabeçadas. »

A noticia simples, poderá ter passado despercebida para muitos. Mas eu perguntei aos meus botões:

— O que haverá?...

Respostamente, a visita do Cabeçadas ao bravo Lofes fez-me lembrar o recente caso do Peron, na Argentina. Não tem grande parecença, é certo; mas... mas... Quem sabe?

Lisboa:

Julho: 29.

Em Lisboa, amanhã aos de Netá; depois de amanhã, aos de Filha. Enfim, convenções, costumeiras.

Ora hoje de manhã, num engoradão das vizinhanças, ouvi uma historietta que não deixa de ter sua graça e que não perde em ficar arquivada.

O engoradão, o sr. João "Qualquer Coisa", está estabelecido naquelle não de escada ha já mais de 30 anos; rua de S. Bento, em frente ao jardim onde, noutros tempos, houve um mercado. É homem de certa idade, de talarreja, apparencia de forte e conversos certo ar de bonhomia e conformid.ª com a vida.

Quando entrei e me sentei na cadeira vazia, o sr. João conversava com um freguês sobre qualquer assunto que envolvesse o nome do velho conselh.º Julio de Vilhena. Ao sair o freguês, eu perguntei ao homem:

— O sr. João conheceu o conselheiro Julio de Vilhena?

— Então não conheci! Eu estou aqui há mais de 30 anos e o sr. conselheiro mora na ali acima, na esquina da rua de Santo Amaro e ás vezes apparecia por aqui... Era, sem desfazer, muito boa pessoa...

E enquanto me dirigia os sapatos ia discorrendo ao sabor da memoria:

— Um dia o sr. conselh.º appareceu-me aqui á porta, muito bem vestido, com chapéu de côco e pediu-me para lhe dar uma pintura na alva da frente do chapéu, bastante cozida pelos dedos por causa dos cumprimentos. Eu fiz-lhe ver que não ficava bem, que seria difficil igualar toda a alva; mas o sr. conselheiro disse-me que o chapéu estava bom e ainda duraria m.º tempo... Eu, para lhe fazer a vontade, fui preparar a tinta e realmente pintei a parte cozida que, na occasião, ficou bem. O sr. conselheiro

olhou e pareceu contente. Perguntou-me quanto me devia; eu disse que o trabalho valia um vintém; ele pagou um vintém e saiu muito satisfeito...

Depois duma pausa, olhou para mim e commentou:

— Seja o sr. comandante: um homem naquella posição e rico como era, a sujeitar o chapéu a uma pintura de graxa...

Eu encolhi os ombros; e o sr. João de pois de outra pausa, concluiu:

— O certo é que, passado tempo, voltou cá com o mesmo chapéu p.^o a mesma receita; eu fiz outra vez a tintura e ele pagou o mesmo vintém e saiu satisfeito... A terceira vez é que eu lhe disse: "sr. Comandante, agora, a tintura já não pega... Uê, o que tem é que comprar outro chapéu..." Ele parou-se, olhou bem para a aba m.^o coçada e pareceu-me concordar... E foi-se embora com o mesmo ar satisfeito.

E o sr. João concluiu:

— Com franqueza, sr. comandante; já me parecia mal a engraxada do chapéu dum homem como aquelle... Ele não teria dinheiro para um chapéu novo?

Aqui fica a historietta. Lastimo não conseguir dar á narração o sabor gracioso e irónico que o sr. João lhe deu. Mas na essencia a ~~historia~~ historia está exacta.

A tarde, acompañei a Ana Maria á lição de desenho com o Anjos Teixeira, filho. A sua officina, num patio do bairro de Campo de Ourique fez parte dum conjunto de construções destinadas a artistas; e na verd.^a ao lado desta vi o nome do Leopoldo de Almeida e de outros.

O escultor Anjos Teixeira deve andar pelos seus 40 e poucos annos; aspecto desembaraçado, olhar de grande vivêz e mobilid.^e; ~~com~~ seus rixos nervosos convulsões dão certa impressão desagradavel á fisionomia que é de pessoa intelligente e simpática. Disse-me logo, quasi de entrada, que me conhecia de nome, como ensaista e conferencista... Não sei se se dá a dizer a sério, convencido de que falava verd.^a, se por simples atencões. O certo é que o artista impõe-se logo por um "à vontade" agradável, com desembarço, movimentando-se constantemente.

mente, falando sempre com facilidade e certa graça.

Eu percorri com atenção a oficina toda; obras magnificas, principalmente seus bustos e seus pés ferrimicos que me pareceram boas obras. Passei hora e tanto agradavelmente, naquele ambiente cheio de arte, notando ora uma coisa ora outra, sempre com os olhos entretidos neste ou naquele trabalho e, em certos intervalos, ouvindo o artista que me pareceu ter vasta cultura geral.

A propósito disto eu daquilo falei-me em musica e em literatura; o Anjos Teixeira tambem e' musico, toca violino que aprendeu com o Luis Silveira de quem vem a ser genro; lê muito, especialmente literatura de ficção e acerca de certos autores tem opiniões curiosas.

Enfim, pareceu-me artista com cultura polida, o que não acontece com todos; e notei que descebia com muita correção a avaliar por seus cartões que por lá vi, encostados ás paredes.

Já quasi no final, como lhe perguntos se pelo Julio Vaz e se sabia qualquer coisa

a respeito do seu estado de saúde, falámos um pouco acerca deste artista com palavras de simpatia e de respeito pelas suas boas qualidades de homem.

— Esteve aqui ainda não ha muito tempo, disse-me o Anjos Teix. e vinho relativamente bem, arrimado a uma bengala por cautela. E nessa altura deu-se um episodio curioso que mostra bem o que ele é...

É o escultor, com graça, imitando um pouco a pronuncia do Julio Vaz, contou com minucias curiosas o q. aqui vai resumido:

O Julio Vaz, ao sair, levava um atilho dum papalão desatado; o Anjos, ao ver isso, esteve para o avisar mas, de começo, receoso, nada disse. Porém, na rua, notando que, com a difficul. no andar, o Julio Vaz poderia fixar o atilho e cair, disse-lhe naturalmente que parasse por um momento. O Julio Vaz, olhou admirado para o companheiro que, no momento em que parava, se ajoelhou e rapidamente ateu o atilho desatado. Um gesto que fez para evitar o acto, não foi a tempo e quando o Anjos Teix. se levantou e lhe disse que assim fizera para evitar uma queda que poderia

ser desastrosa, o Vaz, tornando a atitude paternal, admissível:

— Você sabe, Anjos Teixeira, o acto de humildade que praticou?... Você pensou bem no que fez?... Eu sou um seu igual, se não sou mesmo inferior como artista e como homem... e Você, Anjos, Você humilhou-se sem necessidade...

É o Anjos Teix., imitando com graça a pronuncia do Vaz, um pouco carregada de RR, e sorrindo, terminou dizendo que viu lagrimas nos olhos do colega.

É aqui fim este episodio que não deixa de ser curioso para a avaliação da personalidade de qualquer dos artistas.

Paz (Mafra)

Agosto : 4.

Voltei ontem de Lisboa. Com franqueza já me não entendo muito com a capital do Imperio... Barulho, loucura de velocidades, egoismo, transportes colectivos sem pre á cunha, um interesse, enfim. Aqui, ao menos, embora não goste disto, não há a barafunda excitante e abarrecida da cidade, cheia de perigos e maldades.

Ora ontem, de manhã, fui a sapataria dum Calval, na rua de S. Bento, receber um sapato que lá deixei para conserto. O homem é falador e, palavra por palavra, veio a conta o falecido P.^o Manuel Alves Correia, nosso vizinho da rua de S.^o Augusto e falecido na America.

Os padres do Espirito-Santo são frequentes do Calval e este tinha especial predilecção pelo Abz. Correia a quem chamava santo meu mais meu mesmo. E como eu fizesse allusão ao mexê-lo a que o rejeitaram, o homem desabafou e contou o que fizeram ao padre na prisão, algemado como criminoso, obrigado a estar em pé num cubículo apertado, sofrendo interrogatórios durante as noites seguidas, etc. etc. As torturas do costume, sem consideração pela idade, doenças e estatura moral do preso.

Depois de restituído á pseudo-liberdade, o padre embarcou para a America e, pegando o Calval, por imposição da policia. Está vez despedir-se do padre mas, receioso, simultaneamente despedir-se do commandante do navio sem conhecido e fazendo-se encontrado com aquelle, fez os seus cumprimentos como

coisa de acaso, etc. Pois isto foi o bastante para no dia seguinte ser procurado pela policia p.^o saber as razões dos cumprimentos e o grau de relações com o padre.

Etc. etc.

Para que reafirmar mais histórias lenebrosas desta situação politica? Isto até me dá medo ao escrever.

Paz (Mafra):

Agosto: 8.

No Diario de Noticias de ante-ontem veio um artigo do Paul Lino acerca da actual arquitectura subtitulado: A arquitectura morreu?

Exultei com o artigo que vai ser guardado devidamente ⁽¹⁾ e não resisti á tentação de escrever ao autor uma carta que aqui fica arquivada por curiosid.^o:

« Excm. R. L. — V... de certo já se não lembra do signatário desta. Li, parece, o artigo que veio ante-ontem no D. de N. e não quero deixar de o cumprimentar e saudá-lo pela forma, pelo desassombro e

⁽¹⁾ Na Pasta XI.

pele elegancia e pela verdade com que tra-
za o assunto. Nunca as mãos lhe doam,
Ilustre Mestre. E creio - me, com a mais
alta consideração etc. etc. »

Ele ficará admirado. Mas foi um des-
abafo como outro qualquer.

Par (Maço):

Agosto: 12

Recebi resposta de Paul Lino. Suave,
grato e procura explicar as suas razões.
Carta de interesse que fica arquivada na mi-
nha coleção.

Baldas da Rainha:

Agosto: 16.

Viermos á exposição do Malhõa. Oca-
sião talvez unica de ver reunidos tantos
trabalhos do pintor. E a verd.^a é que as bal-
das da Rainha mostraram um bairrismo
digno de ser apreciado.

Já o edificio do Museu Regional, com
~~doze portas~~ catorze salas que rodeiam um
pequeno pátio á laia de claustro, é empresa
de certo vulto; depois, a estatua, no largo

em frente, no ambiente do velho jardim
 tem aparato e linhas correctas. O conjunto
 é excellenté e mostra bem força de vontade
 e bairrismo intélipente.

A entrada no museu custa 3050⁽¹⁾ e
 logo á primeira vista fica-se excellentemente
 impressionado. Salas amplas, bem iluminadas,
 cuidadosas.

A exposição, em si, foi obra meritoria.
 Reuniram o maior numero de trabalhos
 de Mathôa e esquadram-nos com quadros
 de outros artistas — desde os românticos
 (Anuncição, Lufri, etc.) até aos companheiros
 do Grupo de Leão e, para não fugir ás
 tendências da quadra que atravessamos,
 aos trabalhos ~~de~~ de D. Carlos e D.
 Amelia e de um dos seus ajudantes de or-
 dem... O que, diga-se de passagem, não
 fez mal a ninguém.

Na verdade Mathôa foi um bom pintor;
 e pena é que a exposição não fosse orien-
 tada no sentido chronologico, isto é, que os
 quadros não fossem expostos de modo a mos-
 trar a evolução da sua arte — desde os

⁽¹⁾ Ver adiante, pag. 289.

seus começos, da influencia dos romancistas especialmente Anunciación, etc. até aos últimos tempos de maior solriedade e mais apurada tecnica.

Enfim, foi uma tarde excelente, consolatória, que me deu vontade de repetir ainda este verão, antes do certame fechar. Poderá ser, se a vida não me der algum encontro desagradavel.

No fim, sentei-me no pátio central, convidativo, que lembra pequenos claustros alegres, sem grades nem rézas... Contemplei o busto do pintor, ao centro, no meio de relevado e de flores, presidindo áquella sessão tão empregnado de Arte; e propunhei aos meus botões, olhando a expressão de seguro optimismo, se na verdade, Mathias teria sido um homem feliz.

Estes homens que produzem tantas e tão belas obras de Arte, que deixam a sua alma, em rego insatisfeita, reparada em tantas telas e tantos blocos de marmore - serão homens felizes? Seguiram a sua tendencia natural, tiveram a satisfação íntima de verem obra feita segundo os seus anseios, viram-se aplaudidos e sentiram

se arrimados e possivelmente amima-
dos. Mas... são felizes, sentem satisfação
na vida?...

Adiante. Estas reflexões talvez sejam
tolas. Ponto final.

Foz do Arêtho: Hotel do Tacho:

Agosto: 17.

Passsei o dia, contemplativo, no terraço
do hotel; li alguma coisa, observei o suzã-
me de eclipses que encobrem a casa e oha-
ra o mar, bastante ruinoso, com ondas re-
gulares, reais ou ruinos agredistantes, que
se desfaziam na praia em frente até se
perder de vista.

Acidentemente descoberto, acolhedor; como
isto é quasi fim de mundo, e o aglomerado
fica ainda a um quilometro ou mais, o pos-
sêgo só é quebrado pelas carrinhetas da
empresa Capistrano que de hora a hora des-
peja passeiantes que logo se põem para
o areal. Abaixo, neste recanto isolado do ho-
tel só se ouvem os eclipses, em traço de
praia, alheios á névoa e a certa aragem vi-
va de nordeste.

E eu, naturalmente, comparei o meu traje de cidade, com o á-vontade destes extravagantes: camisola sem mangas sobre a pele, umas cuecas a que se dá o nome iupês, vulgarmente, por ser mais distinto, e nos pés umas sandalias. E assim os vi, durante o dia, expostos ao ar humido e ao vento agrestes. As damas, mais ou menos despidas tambem, não se preocupavam com a observação dos meus olhos de velho portuguêsinho...

E assim se passou a manhã e a tarde. Li umas crônicas do José Osorio de Oliveira reuñidas em volume: umas curiosas, outras um tanto ou quanto farras. O mar, sempre na mesma tarefa, precedia-me aos bocados agradavelmente. O resto do tempo, considerava a tranquillidade do lugar, a desenvoltura dos nossos fideis aliados e invejava todo aquelle que pôde dispor de si e tem o dinheiro sufficiente para ~~se~~ passar uns dias aqui e ali, neste ou naquello recanto onde haja sossego, onde os ruídos do mundo não cheguem e onde se possa pensar á vontade, sem qualquer constrangimento.

E assim se passou o dia... A minha regressa-se a casa. E a vida volta á mesma tristeza.

Acabou-se.

... Estes inpletos e estas inpletas quasi miús, desfreqüentados, sempre solitários e de estão, mesmo de passagem, devem ser gente feliz...

Paz (Mafra)

Agosto: 18.

De volta... Estes tres dias foram quasi... não direi um sonho, parp. seria exapêro, mas com certeza quasi um sonho...

Da exposição de Arte nas Caldas ao res-
sêgo contemplativo da Foz do Arelho; e da
Foz do Arelho á tranquillid. archeologica de
Olidos e depois a Peniche — que ha cincoen-
ta annos não voltái a ver. Que serie de im-
pressões, tão diferentes e algumas contradi-
tórias! Como jeto meu espirito comerau
tão variados pensamentos, uns de certa sa-
tisfação, outros tão tristes!...

A passagem por Peniche, então, fez-me
recordar uns miêses de ha uns 50 annos,
quando ali estive com um destacamento

do regimento 23. Ainda reconheci certos locais, apesar de grande transformação q. notei; a fortaleza, porém, é hoje penitenciaría para presos políticos principalemte para os acusados de comunismo — e limi-
teí-me a vê-la por fora e... devo dizer, com alguma saudade.

Adeante.

Está estarei, de novo, neste momento na
lois passando impressões e recordações...
Recordações que por vezes me comoveu
ao notar a m.ª vida e situação actual, cheia
de preocupações, com receio pelo futuro,
com desânimo completo por quasi tudo.

É ainda por cima a verificação de q.
por essas aldeias e lugares as igrejas e
capelas têm todas ou quasi todas telhados
novos, ou sinais de obras de grande bene-
ficiação, quando não surge aqui ou ali
um templo novo em folha, de construção
em estilo moderno, de aparato.

Não há duvida de que os cofres do Estado
se têm desentranhado em obras de toda a
ordem em beneficio da Igreja. É a verd.
é que, sem se querer, ao percorrer essas
estradas, chega a dar na vista e renova-

ção carinhosa e extensa de Templos grandes e pequenos. É um prazer acalmar.

A Igreja fica assim e por longo tempo muito bem governada.

Paz (Mafra):

Agosto: 25.

Tanta coisa digna de registro e eu sem vontade de escrever!

É o tempo a passar e eu aqui, com Templativo, meio parvo, quasi indifferente a tudo...

Paz (Mafra)

Setembro: 21.

Levado pela filha e pela Mãe, fui até ao Duro em 8 deste mês e de lá regressei ontem. De bem que me comprazi com a visita e lugares tão conhecidos na minha mocidade e onde passei bucados agradáveis, a verd.^{de} Também é que o pensar que esses tempos já lá iam ha mais de meio século me causam certa tristeza e por vêres me acalmentava.

Passeios á terra, eude os serviços florestais estão creando uma excelente mata

que vai dando ás encostas um aspecto de grande e pitoresca beleza recordáram epi-
rodios passados; uma fujida a Benacova
depois dum almoço, numa clareira da mo-
va mata, provocou-me lembranças dolo-
rosas que, com a melnice, me têm afoguen-
tado alguma coisa; só a contemplação do
largo horizonte tão calmo, principalm^{te}
ao entardecer, me dava algum sossego.

Enfim... não sei bem o que fazer,
agora, neste declive da vida. A contempla-
ção dos lugares tão queridos da m.^a mocid.^{de}
faz-me real embora tenha vontade de os ter
mar a ver; é um círculo vicioso que não
sei e já agora me não importa resolver.

Na volta, depois dum almoço em
Tomar, fomos ao celebrado Castelo do Bode.
Na verd.^{de} é obra de superharia de certo
muito. O Estado-Novo enche as bochechas
com o trabalho — e com certa razão. O q.
ali falta, ainda, nas encostas da albufeira,
é a acção da agua para dar verdura onde
só ha mata e tornar aquellas margens
até aqui agrestes em declives arborizados
e pitorescos.

Depois, por Louisa (lá vi, ao longe, Alentejo!) p.º o Entrancamento; daqui por Torres - Novas, Santarém, Lisboa onde se chegou antes ao alentejo.

Seria uma passeata boa cheia de encantos, se a m.ª imaginação não recuasse tanto e não verificasse os contrastes do tempo que passou com o tempo por que agora vou passando.

Enfim... Ca' estou novamente na Paz. E assim seja.

E já agora... Ontem, parámos em Vila Franca de Xira para uma leve merenda, cerca das 17 para 17,5 horas. Entrámos em uma casa de chá onde solicitei as minhas queridas Terradas. Na mesa a que nos sentamos havia um exemplar d' O Seculo que alguém abandonára; olhei e vi, em paragon, a queda de Peron, do ditador argentino... Considerei, por momentos, a noticia, que aliás me não admirou.

Assim terminam as ditaduras. E como disse creio que Placido: « Todo o mundo, enquanto não cai, é grande!... »

Assim.

É adeante. Lá estão, novamente, na Paz, isto é, no lugarêjo da Paz.

Paz (Mafra)

Setembro: 28.

Chegou-me hoje um pacote com 25 reparações do meu artigo Uma Tipografia ignorada (Em Miranda do C.: de 1845 a 1867) que foi publicado no n.º 3 do Arquivo de Bibliografia Parbupuesa.

É sempre agradável ver impressa qualquer coisa que escrevemos e, apesar de velho e ter escrito muitas e variadas bagatelas, é sempre com certa consciência que ^{veja} qualquer delas em volume ou opusculo. Creanceice em paciência.

Paz (Mafra):

Outubro: 3

Hoje completo 76 anos segundo a fé na m.ª certidão de idade.

Para que fazer comentários? Nos anos passados dava-me a paciência para isso. Afinal... para quê?

Deixar passar e pronto. Acabou-se.

Paz (Mafra):

Outubro: 5

Mais outro aniversário... Quarenta e cinco anos. Que se ha-de fazer?... Tempo de concordar q. esta gente que governa se consolida surrasteiramente. Não ha duvida que a Igreja tem sabido levar as coisas com rara habilidade, ou talvez melhor, a Comp.^a de Jesus tem governado isto com superior mestria.

O caso é bem patente e o mais extraordinário é que os republicanos parecem que nunca deram por isso.

Aqui estão, neste deserto, meditando e filosofando. É o que me é dado fazer...

É já não é mais de todo. Ainda os jesuitas não descobriram o meio de não deixar meditar e filosofar...

Paz (Mafra):

Outubro: 31.

Passsei este mês de Outubro aqui quieto, dentro de casa, por amor de uma bronquite arranjada não sei bem como e que me fez ir á cama uns dias e levar, pela

primeira vez, injeções de penicilina e algumas doses de ventosas. E aqui fiquei preso em casa, com receio do tempo que si sempre agreste, á espera pacientemente de os boletins meteorológicos annunciarem melhora.

E tanta coisa que vai por esse mundo merecedora de commentarios! E assim se perde um mês de vida, sem qualquer especie de utilidade...

Lisboa:

Novembro: 19:

Esta Lisboa... De cada vez se me es-
tá a tornar mais antipatica. Noutros
tempos não desgostava de passar aqui
uns dias, de passear nas ruas, de veri-
ficar o aumento dos novos bairros, etc.
etc. Mas agora... com esta barafunda-
da, com a inferneira nas ruas, com a
atmosfera saturada dos gases nocivos dos
escapes dos automóveis, com todo o egotis-
mo das gentes bem á vista... Uf! O de-
sejo é fugir, abandonar esta tremenda
capital do Imperio, que parece querer
enfancejar com as tumultuosas gran-

des cidades do mundo de que se esentam
maravilhas p.^a admiração de papalvos.

Adeante.

O que reale é que ha um seu outro re-
fugio como ha dias na magnifica exposi-
ção do Galcão Triposo e num concerto da
violinista polaca Ida Haendel.

O Galcão Triposo, com os seus 77 para
78 anos apresenta perto de 200 quadros, dos
quais grande parte são modernos o que pro-
va a sua presença de espirito se bem que
nem todas as obras sejam dignas do seu
real valor de artista. A exposição, porém,
mostra que a velhice ainda o não tocou e
até a sua bella presença indica certa virili-
dade simpatica. Quando o cumprimentei
e lhe lembrei a nossa convivencia em Lagos,
no anno de 1915, elle disse - me que me não
esquecera e que ficara sempre com muita
consideração « pelos meus miolos... » A
expressão é exotica mas compreendi-a.

A violinista Haendel, rapariga nova
e bonita, é na verd.^e uma artista insigne
que está a tempo de ser uma grande e su-
perior artista. Do programma não sei bem
o que me ther achei; todo elle foi tocado com

segurança, leveza, correção e excelente arcada, sem malabarismos desagradáveis. Foi uma tarde pedativa para não dizer comovedora.

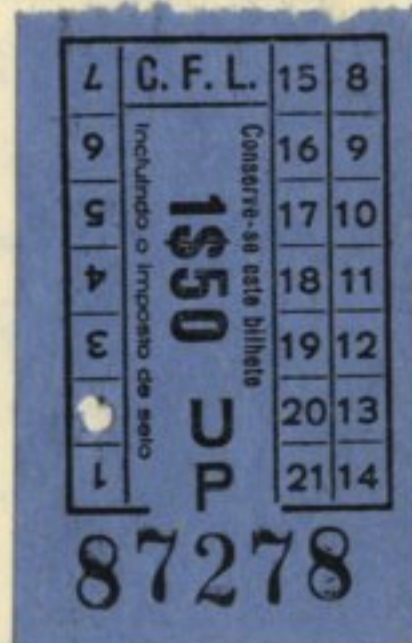
É o que vale para esta complicação da vida.

Lisboa

Novembro: 23.

Este bilhete de eléctrico, colado aqui, será prova de crendice ou de penitência?

Tempo deixado nestas notas varios queixumes acerca da má parte que me persegue. Ora hoje é de uso considerar os números com capricia como indícios de boa parte imminente; e exactamente, ao chegar a casa e a tirar da algibeira os bilhetes que comprei nas varias andanças pelas ruas da cidade, dei com este numero 87278, que qualquer condutor de eléctrico me trocou por 1\$50, sem saber que me ia dar uma prova inegavel de Boa-Sorte!



Exultei... Não ha duvida que meu tudo é incerto neste mundo. Aqui fico colado, com toda a reverencia, o bilhete feliz; e eu fico esperando, com tranquillidade, esse jêro de Boa-Forté que me joderá inundar...

Assim seja.

E como não faz mal, de ver em quando, uma taracha — deixo assim, para futuro, a duvida acerca da realidade ou creancice...

Lisboa:

Novembro: 27:

Assisti hoje em S. Carlos, ao segundo concerto da Orquestra Filarmônica do Tiro Cruz. Não será organização de 1.^a classe; mas merit.^a não é — mas o certo é que nos dá umas horas agradáveis, sem contestações.

O Tiro Cruz tem levado Tarceias nos jornais e cheguei a ler ha dias que ele é um incompetente como regente de orquestra. Será. Não sei discutir o assunto. Mas o que sei é que ha m.^{ta} inveja, má vontade e espirito de realidicencia e, ao

mesmo tempo o não reconhecimento dos esforços desse homem, animados unicamente de cultura musical não só em Lisboa como por todo o País.

Os músicos, em Portugal, como em regra os intelectuais, não se entendem. É daí esta tremenda baralhada que, diga-se a verdade, se pode chamar uma vergonha.

Eu passei hoje, em S. Carlos, duas horas feliz. Esqueci o que ia cá por fora e tive momentos de sincera sensibilidade. Seria a musica? Seria o ambiente? Seria a melancolia?...

Pode ser tudo junto.

Lisboa

Dezembro: 8.

A bronquite que me na Paz, em Outubro, me aprofundou, voltou-me a aprofundar desde o dia primeiro — desde o dia em que o Patriotismo barato da actual situação política se empurra em aparecer com paradas vistosas de rapaziada das escolas. E aqui fiquei seis dias de cama, tratado novamente com ventosas e estreptomicina

— coisas que o meu corpo experimen-
ta pela 1.^a vez. Alguma vez seria. E
agora fico á espera da autorização medica
para voltar á casa de Coimbra. E assim
vou passando a vida, correndo para o
fim, fóra das m.^{as} coisas, sem conse-
guir descansar...

E hoje entáo, dia da Invenção, 7.^o
é agora feriado reparoso, acodem-me á
memoria recordações da memínice e sem
querer me entremésem. Era o dia de
anos de m.^a tia Amelia da Conceição e,
em casa dos Avós, desde a vespera, havia
grande barafunda com os ajustes para
o jantar a toda a familia reunida. E
para essa janturada faziam-se grandes
travessadas de arrôz-doce, umas com
óvos, outras sem óvos e era eu, em re-
gra, que ia fazer os "enfeitês", com a can-
ta, "enfeitês", que eu lançava com assi-
malada fantasia, á volta das iniciais de
festejada.

Eravam os meus tempos de innocencia
que aliás se prolongáram mais adiante
do que era normal; não sei se seriam
bons — o que sei é que hoje, agora, ao

escrever estas linhas, neste quarto desconfortavel, os olhos se marejaram de lagrimas. Seja o que for...

Lisboa:

Dezembro: 14

Ainda ha coisas boas neste miseravel mundo... Ontem, em S. Carlos, fui ouvir a nossa Orquestra Sinfonica dirigida por maestro estrangeiro Georges Sebastian que tocou a 2.^a sinfonia de Brahms e a 5.^a de Tchaikowsky.

Não aprecio muito Brahms, talvez por não o compreender; mas esta sinfonia agradou-me especialmente no 2.^o andamento, de certo o mais compreensivel para ouvidos como os meus. E pareceu-me que foi excelentemente executada.

Mas o que me encanou as medidas foi a sinfonia de Tchaikowsky; execução que julgo perfeita e que me impressionou. Musica compreensivel, com temas simples que me deram a impressão de vagamente orientais, susteneu-me durante cerca de tres quartos de hora com tanto ou quanto ausente deste mundo

Tão cheio de misérias. Aos acordões finais, senti que terminava qualquer coisa de bom e que teria de ir ao trapalheio recolher a gabardina, de descer a escada, afanar a humidade da noite e re-entrar na vida atribulada...

Coimbra:

Dezembro: 20

Cá estou, finalmente, em casa, após cinco meses de ausência. Os meus livros continuam empilhados, atentos, sem darem pelo tempo corrido; eu é que dou pelo caminhar dos anos e pelo poder travar o andamento.

Pois é verdade. Cá estou, de novo, em casa. A vida é afinal uma grande cabra — p.º. Me não dar outro nome...

Coimbra:

Dezembro: 31:

O ano vai acabar, segundo rezam os calendários e os borda-d'aguas. E eu ainda já um pouco marcado com esta obrigação de escrever a qualquer coisa para este diário — que não é, propria

mente um diário porque não é escrito todos os dias. Costo mais ou menos resolvido a abandonar a tarefa excepto para os pontos que mereçam registro.

Isso que aí fica para que servirá?

No futuro, quem ter chamar-me-á maduro, e com razão. Uma ou outra coisa não digo que não seja de certa utilidade porque ficou desconhecida; mas o resto...

Tem fim, adiante.

Não quero, porém, deixar acabar o ano sem arquivar duas espécies que guardo há muito sem saber bem que destino lhes dar. Balha agora registrar essas preciosas espécies que não deixam de ser graciosas e elucidativas p.^o o conjunto de sucessos decorridos há quasi 30 anos em Parbupal.

Uma das espécies é o retrato de Salazar, em boa fotografia, recebido profundamente em 1937, a seguir a um atestado (verdadeiro ou falso, malta a verdade) em certo dia em Lisboa. No verso do retrato ha uma oração p.^o rezar pela vida do chefe e a concessão de indulgencias, a quem a rezar devotamente, do bispo de Coimbra, então o D. Antonio António. Custava 1 escudo e quan-

do me disseram que tal espécie se vendia na Casa do Castelo, livraria do Ismael, cunhado do P.^e Antonio Pratas, fui logo lá convencido de que era brincadeira. Mas não era: dei por ter comprado o esudo e aí fica arguindo com muito gosto.⁽¹⁾

A outra espécie é uma reprodução fotografica da 1.^a pag.^a do jornal espanhol ma drileiro A.B.C., de Outubro de 1929, que contém uma entrevista com o general Carrmona por ocasião da visita feita ao rei Dom Afonso III naquela data. Quando a reprodução, que já não sei quem me deu, porque ha um periodo da entrevista em que o illustre Carrmona (hoje guard.^o entre os nossos grandes homens, nos Jeronimos) afirma estar a guardar o lugar p.^o uma proxima restauração monarchica.⁽¹⁾

A afirmação seria verdadeira? Haveria traição do jornalista? A verdade é que a frase não foi desmentida — e ficou para a historia, como atestado da lealdade republicana do E. Carifan de toda esta gente, nhe que ha quasi 30 annos nos governa,

⁽¹⁾ A pag. 290.

não só para salvação da Patria mas especial-
mente 1.^a salvação das nossas almas...

E aí ficou 1.^a a hipótese de, no futuro,
~~podere~~ poderem servir para qualquer coi-
sa. E vamos adiante.

E já agora, visto que estou arrumando
do bagulhagem, acumuladas na pasta pro-
pria, há m.^{to} tempo e que tem escapado de
entrar no seu lugar, vou deixar aqui al-
guas espécies — para regalo de vindouros...

Um recorte guardado há certo tempo
parece ser do Diário de Notícias de Lisboa e

**Uma exposição de homenagem
no Museu Machado de Castro**

Por iniciativa da direcção do Museu Ma-
chado de Castro, de Coimbra, autorizada por
despacho do sr. ministro de Educação Nacio-
nal, vai realizar-se naquele museu, no Ou-
tono do próximo ano, uma exposição dedi-
cada á Rainha Senhora Dona Amélia e que
constituirá uma documentada homenagem de
respeito, saudade e gratidão.

fica já aqui pa-
ra não ir mais
longe. Em tem-
po, se me não
esqueço, o Luis
Reis Santos fa-

lou-me em salas varias que queria organi-
zar no Museu Machado de Castro e entre as
salas projectadas, uma era dedicada á rei-
nha D. Amélia. Não disse nada no mo-
mento porq. com franqueza a noticia caiu
de chofre e o homem continuou a falar e

a expôr os seus planos com certa exuberância. Mas, depois, fiquei-me a pensar: a sala dedicada à Rainha que justificação teria além de ser manifestação monarchico-reacionaria? Resolvi esperar, atentamente, o que sairia.

Um dia, já não sei quando, appareceu esta noticia q. aí fica: já não era a sala permanentemente mas uma exposição, para o proximo outono. O outono ou outonos passaram e a exposição ainda se não fez.

Continuo á espera. E quero crer que se a exposição se realiza, de mais a mais com despacho favoravel do ministro, sou capaz de sair do meu silencio e do meu recolhimento para desaugar o impostôr. Não direi que peço dum estadinho p. desaugar á maneira de Carrillo; mas não deixarei de cair em guarda com florete afiado.

Uma exposição em honra da rainha discipula dos jesuitas na casa de Antonio Augusto Gonçalves... é de mais.

Vamos, porém, a ver se ha essa coragem; falta de vergonha tem eles, mas é possível que certos zuns-zuns já espalhados os façam recuar.

Outra lupigamepa guardada á espera de vir é uma correspondencia da Aldeia-das-Der para o Diario de Coimbra a respeito de uma fotografia que ha uns 4 anos mandei á filarmónica local.

Em 1905 fui com uma força de 24 homens, salvo erro, fazer a policia á romaria da Senhora das Dores, prox.^o daquelle aldeia. O então protector da filarmonica, um fidalgo de Fouseca em cujo solar fiquei alojado, pediu-me q.^o fotografar os musicos, pois levava comigo a m.^a maquina fotografica. É claro que lhe fiz a vontade e, certamente, já me não lembrero, mandaria provas para os fotografados.

Ors ha uns 4 anos, reunindo as minhas velhas fotografias q.^o formam collecção metódica da m.^a actividade ~~em~~ nesse genero de arte, encontrei a chapa ainda bem conservada. Mandei fazer ampliação e lembrei-me de a oferecer á filarmónica, que é ainda a mesma, apesar dos quasi cinquenta annos passados.

A ampliação lá foi — e foi uma festa! Por officio da direcção do agrupamento e

por carta particular do presidente da mesma, fiquei sabendo que a fotografia causou na aldeia enorme commoção; toda a gente foi vê-la e reconhecer os músicos de há 46 annos; mulheres velhas choráram e até o actual regente da filarmónica se commoveu ao reconhecer-se no garotito, sentado no chão, ao lado da sua caixa de rufo.

Enfim, a 1.^a lembrança causou na aldeia certo alvoroço e constituiu exito agradável deante meus dias. Guardo a correspondencia na collecção de cartas; e a noticia do Diario fica arquivada no final do volume, p.^a lembrança a mesma.⁽¹⁾

Bapatelas que não fazem mal a ninquem...

Outra nota guardada que não entrou nestes cadernos na devida altura. Vai agora e não perde pela demora:

Trata-se do velho Antonio Augusto Gonçalves que esta gente do hoje faz por esquecer ou, se o lembra, faz por diminuir ou inferiorizar.

⁽¹⁾ A pag. 292.

Contou-me o Laureano Chaves de Almeida, numa tarde de boa cavaqueira na sua casa do Torim, que o velho Gonçalves Neves, pai de Antonio Augusto, ao sentir que chegava a sua ult.^a hora, entregou ao filho uns rôlos de libras em siro, ao todo 419 ruzedas e explicou que aquella quantia fôra o dote de sua mulher e que por muitas necessidades que tivesse, nunca lhe quiz tocar pois considerou o dote como coisa sagrada. Antonio Augusto recebeu os rôlos de libras e fez o mesmo que o pai: guardou-os como pecha sagrada e de tal modo que na familia ninguém sabia da existencia de tal fortuna — que, na vert.^a, á data da morte deste, constitua uma conta calada.

Ora Antonio Augusto Gonçalves teve varias dificuldades na vida — mas nunca tocou no dote da Mãe. Respeitou a decisão paterna e por sua morte, ao limparem as gavetas e armarios, os herdeiros foram encontrar aquelle peculio, com uma nota escrita explicativa e bem clara.

Foi um deslumbramento!

Com o preço da libra, na altura, é facil fazer a conta: creio que ainda deu

umas dezenas de contos que os herdeiros logo dividiram com alegria...

Bom Antonio Augusto!... Contou ainda o Laureço que uma vez, muito necessitado de dinheiro, foi espreitar um cordão de ouro da Mãe, guardado também em família; mas não tocou no dote. Os herdeiros, porém, não estiveram para ficar em contemplação do tesouro — nem, em boa verdade, tinham que o fazer.

O caso fica aqui narrado para exemplo do que era o bom Antonio Augusto Gonçalves, tão real cumprido e tão realizado — em vida e depois de morto.

Os seus livros, que ~~eram~~ constituíam uma escolhida biblioteca de arte e literatura, foram vendidos em Lisboa, um tanto ou quanto á maneira de mil diabos. No entanto ainda rendeu cerca de uns 22 contos — a que os herdeiros avidos (entre os quais o João Gaspar Simões e mulher) chamáram, seguramente, um fiço.

Este Gaspar Simões, va' lá! fica para outra vez...

Por hoje chega — e ainda ha mais q. dizer antes de acabar o ano.

É com certeza ainda ficaria muito para contar. Apesar de sentir a memoria a faltar, quero escrever que desfiaria grande sorriso de amarguras...

Mais umas lembranças que ficaram acumuladas em papelinhos soltos e que, já agora, não deito fora:

Um dia, em Leiria, quando comandava Infant.^o 7, foi ao quartel o general Carlos M.^o Pereira dos Santos, então major-general do Ex.^o; fôra a Leiria não sei por qual motivo e anunciou-se, como visita amavel.

Fui recebê-lo ao cimo da escada, á pressa, porque não dei zela para a entrada no edificio e cumprimentando-o afavelmente disse-lhe q. o command.^{te} militar e o do regimento lhe apresentavam os seus cumprimentos e ficavam ás suas ordens. Ele, m.^{to} agrumado, dando um afavel aperto de mão, disse estas palavras de que me lembro m.^{to} bem:

— Agradeço os cumprim.^{tos} do command.^{te} militar e command.^{te} do regimento e tenho m.^{to} prazer em o ver; mas quero

afirmar-lhe que tenho mais prazer em ver e cumprimentar o coronel Belisario Pimenta.

Eu fiz uma revisão palaciana e disse um « muito obrigado a V.ª... » sem adinar com outra qualquer saída, tão ~~em~~ admirado fiquei com a amabilidade.

Devo dizer, contudo, que este Pereira dos Santos me deixa hoje a impressão de que me foi sempre favoravel. Ha quem afirme que é velhaco; não sei se o é; mas percorrendo mentalmente os successos da minha vida em que ele apparece, tenho a impressão de que o tive sempre do meu lado.

Já depois de ele estar em Coimbra reformado, numa conversação com o Eduardo da Cunha Oliveira em occasião em que este o foi visitar, mostrou-se arreliado com o caso da minha reprovação no generalato e teve opiniões a meu respeito muito amavel. Etc. etc. etc.

Outra lembrança é do falecido general José Tristão de Bettencourt que foi commandar Inf.ª 7 na altura das audanças do generalato e foi meu companheiro no

curso de Gaxias. Flornou afeito ás colonias eude passou quasi toda a vida, encontrou-se um pouco (se não muito) alheio aos problemas debatidos na escola e confessava muitas vezes as dificuldades em que se via. Inteligente, porém, habituado a resoluções, lá foi vencendo os obstáculos, dia a dia, com a ajuda de Vê e daquele companheiro.

Quando foi para Leiria, terminado o curso, convidou-me p.^a, juntamente, resolvermos os pontos caídos nos exames que regularmente iam correndo em Lisboa; e propoz que se fizesse como no exame verdadeiro, isto é: se lêsse o tema com atenção e depois, com o relógio em frente, nos lançássemos, cada um em sua mesa, á resolução da 1.^a parte durante as duas horas regulamentares.

E assim fizemos umas duas ou tres vezes antes de eu ser chamado a contas, p.^a Lisboa. Ora isto nem a propósito do seguinte: é que o Betteucaent não conseguia resolver os problemas; passadas as duas horas, estava ele ainda quasi a meio, visivelmente arreliado porq. não descartava soluções... E quando eu lhe mostrava a

minha resolução melhor ou pior achada mas completa, ele ficava a olhar e dizia com lealdade:

— Não ha duvida... Eu não sou capaz de ir ao exame...

Eu procurava dissuadi-lo, com palavras amáveis; mas via na sua expressão uma certa tristeza e desânimo.

Tempo depois o Luis José da Mota, contou-me confidencialmente, que nas vésperas do exame do Betteucaurt, este resolveu entregar a declaração de desistência convencido de que não era capaz de vencer a barreira e impressionado especialmente pela má reprovacão — pois não admitia a possibilidade de fazer aquilo que eu não conseguia fazer. Ora isto constou na Direcção da Infantaria e o Pereira dos Santos, então director da arma, chamou o Mota e o Fleury Melo, ambos já aprovados e pediu-lhes particularmente que procurassem o Betteucaurt e lhe dissessem que não desistisse, que fosse ao exame, que fizesse qualquer coisa, que se não preoccupasse com o pouco que poderia fazer — mas que fosse e com serenidade e confiança no jury.

Na manhã o Betteusent foi ao exame e ficou aprovado. Não sei o que se passou; mas o Mota contou ainda que houve pedidos para não haver assistência ao acto e assim, o júri ficou á vontade para fazer o que quizesse.

Contou depois que o governo queria mandar J.^o Moçambique como governador e Betteusent não queria - o mandaram promovido a general — como realmente foi. E ~~isto~~ esta razão de Estado é que fez com que as coisas se passassem como passaram e que também fez com que o mais moderno de Kuma de coronéis fosse o primeiro a ser promovido ao generalato.

Deve dizer-se que o Betteusent merecia a atenção com que foi tratado e a nomeação pensada J.^o Moçambique ainda esteve uns anos exercendo com agruo e bons serviços o alto cargo de governador geral. Mas... mas...

Nada mais direi. Os factos são factos e aí ficam J.^o quem os quizer julgar.

E agora, para fechar o anno, vamos ao meu patricio e companheiro de outros tem-

jos, o Agafito Pedroso Rodrigues, de quem prometi falar na altura em que morrerem, aos 21 de Março deste ano.⁽¹⁾

Lá estou a recorda-lo e, com franqueza, não sei se vou praticar uma má ou pouco correcta acção. Diz-se que se não deve bater nos mortos principalmente quando recentes; e eu, ao lembrar o velho companheiro, posso, em certos passos, não lhe ser muito favoravel.

Mas... isto fica aqui só no papel e só será lido (se o for) muitos anos depois e o que aqui tenho escrito só leva uma intenção: a boa intenção de ajudar a História — a verdadeira História que nem por isso deixa, verdadeiramente, de ser História.

O Agafito Pedroso Rodrigues nasceu, como eu, na Praça Velha ou do Comercio, ao fundo, do lado nascente; creio não me enganar. Por ali cresceu e garotou engrandecido o pai o velho Valentin José Rodrigues, de origem galega, teve a sua agencia de comissões e assignações numa casa suada, salvo erro, são hoje os baixos do Banco Nacional

⁽¹⁾ A pag. 178 deste vol.^o

Ultramarino e onde, ao tempo, terminava a linha de americanos que vinha da Estação Velha.

Numa dessas correrias de meu do tropeço, e caí num degrau (que ainda hoje ha) na esgrina para a Rua das Solas (actualmente de Adelino Veiga), onde havia como agora, uma farmacia. Desso queda q. occultou durante tempo aos pais, veio qual quer turnar no joelho esquerdo, salvo erro; e desse turnar que segundo se dizia na familia não foi bem tratado, veio o defeito de que soffreu toda a vida. A perna ficou encolhida e teve de usar uma sola e tacão na bota da esquerda com mais uns dedos de altura.

Isto obrigou o raparinho a grandes periodos de inutilidade, na cama, onde passou parte da sua infancia. Assim, esse repouso forçado levou-o a entreter-se com revistas illustradas e a ler romances ao mesmo tempo que ia fazendo os seus estudos liceais. Naturalmente de intelligencia precoce e de certa vivêza, as leituras constantes aguçaram-lhe o espirito e provocaram-lhe certa curiosidade intelectual que o levaram muito cedo a tentativas literarias.

A família, que era constituída pelo pai e por uma irmã D. Beatriz Pedrosa muito mais velha do que ele, começou a ver no rapaz um talento enorme e a prognosticar um futuro superior. A invalidéz da causa, alias justamente, a ser rodeado de carinhos e cuidados especiais — do modo que o rapazinho foi crescendo a sentir a sua volta um ambiente de facilidades, de benevolência e até de admirações.

Assim, quando completou o curso dos liceus, a família exultou. A tarde desse dia, eu e o Luis Alberto de Oliveira que eramos seus companheiros e lhe ouviamos as confidencias literarias e até amorosas, fomos a casa dele felicita-lo. Estavam a terminar o jantar, na bella sala de musa do 3.º andar do predio no Largo das Anuncias, erguido para a rua da Madalena, construido quando se construiu o ramal do cam.º de ferro e a chamada Estação Nova. E' claro q. fomos recebidos alegremente; o pai, homem no genero Portu-
gal Velho, gostava m.º de receber os amigos e companheiros do filho; compartilhamos ainda dos doces e belidas finas da polvemêsa e servimos, com a maior periedade, com dis-

curso que o pai fez, de Taça na mão, com
leuções ao triunfo literário do rapaz e (o
que notamos depois na rua, alegremente)
com prognósticos de largo futuro brilhante
ainda seu rumo certo mas de seguro éxito.
Foi uma festa mu.^{to} íntima, hoje, á distancia
de uns 60 anos, sensibilizadora; naquele al-
tura quer eu quer o Luis Alberto tomámos
o successo pelo lado cómico e verificámos q.
o Agafito tomou o caso a sério e campe-
netrou-se de que tinha ~~uma~~ certo papel p.^o
cumprir na vida.

Matriculou-se na Faculd.^e de Direito
onde foi estudante vulgar seu, como se di-
zia então, um musicista afinado. Por certas
confidencias (ou inconfidencias) da prima
Beatriz, vim a saber que o pai acalentava
a ideia do rapaz ir a Leu.^o da Universidade
e até (dizia ela) o dr. José Alberto dos Reis
então professor recente, acalentava esse desejo.
Não sei o que houve, na realid.^e, a esse res-
peito; mas o certo é que simplesmente as
aprovações memine não lhe davam direito
á Carta doutoral. Não é que ele não fosse
capaz de transpôr os obstáculos; poderia ser
até um bom professor pois parece que ti-

uma certa propensão para o professorado; mas ou por cálculo ou por the ser indifferente esse destino, concluiu a formatura sem classificação apropriada p.^a continuar.

Durante a formatura continuou com as suas tentativas literarias em especial teatraes. Pensou num drama sobre a faina de Beija, a Alcoforado, e num outro sobre o D. Francisco Manuel de Melo. Chegou a escrever largos trechos, em verso decasilabo, á maneira do tempo que nos mostrava com certo interesse mas que nós liamos enfaticam.^{te}, deturpando palavras e frases de proposito, por garotice, p.^a dar efeitos cômicos...

Digo acima nós. Este nós compreendia o Luis Alberto de Oliveira já falado⁽¹⁾; o esquadante de filosofia Antonio Aurelio da Costa Ferreira, depois meu cunhado; o Orsini Bernardes de Miranda e já não sei quem mais. O certo é que, apesar das nossas garotices a que ele achava graça e não levava a mal, o Agapito foi firmando a mão e julgando-se centro dum nucleo de rapazes intellectuais; paralelamente, contrain boas relações com

⁽¹⁾ Foi em 1933 ministro da Guerra.

outros rapazes, alguns até enobrecidos como o Vicente Pinheiro de Melo — o que para a família constituía motivo de certo orgulho.

Enfim, o certo é que o Agapito Pedroso Rodrigues foi tornando muito e criando certo nome; ~~mas~~ e com isso adquiriu uns ares que, insensivelmente, o iam desviando dos seus antigos companheiros — especialmente depois da representação do seu Auto Pastoril premiado num concurso, pela companhia de Rosas e Bravos no Teatro D. Amélia em Lisboa nos fins de 1803.

Continuámos sempre com boas relações mas não havia já a velha familiaridade que, aliás, mantive com a família que era, diga-se, uma santa gente.

Depois de formado, concorreu ao Liceu, advogado, experimentou varios rumos até que se decidiu pela carreira consular. Foi aprovado e começou por um estágio em Londres onde era seu baixador o Teixeira Gomes de quem ele não gostou certamente porque lhe não dava a importância que desejava como collega nas letras. Passados uns meses concorreu a Pernambuco e para lá foi, um dia, com grande desgosto da Mãe

que ele não tivesse a ver porque, nos nove
anos seguidos que lá permaneceu, nasceu
a boa Senhora que era m.^a verdadeira ami-
ga e me estimava como filho.

Ora como não posso reunir em breve as
m.^{as} recordações da infância e da mocidade,
deixarei o resto das relações com o Pedroso
dripues e o q.^o poderei dizer dele p.^o entã. d
pouco e pouco ele voltará a este infundavel
rosario de lembranças.

E ponho ponto.



The first part of the paper is devoted to a general
 consideration of the subject, and to a statement of the
 objects to be attained. It is then divided into three
 parts, the first of which is devoted to a description of
 the nature and extent of the disease, and to a
 statement of the symptoms which it produces. The
 second part is devoted to a description of the
 nature and extent of the disease, and to a
 statement of the symptoms which it produces. The
 third part is devoted to a description of the
 nature and extent of the disease, and to a
 statement of the symptoms which it produces.

De pag. 31:

OFERTA
à Biblioteca da Universidade

O senhor coronel Bellzário Pimenta ofereceu ontem um manuscrito, com três peças teatrais à Biblioteca da Universidade de Coimbra, onde foi recebido pelo respectivo Director, sr. Prof. Dr. Manuel Lopes de Almeida.

Do Diário de Coimbra
de 7 de Maio de 1954.**Oferta importante**

O distinto e muito culto bibliófilo e nosso ilustre amigo sr. Coronel Bellzário Pimenta, ofereceu à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, um importante manuscrito com três peças teatrais.

D' O Despertar
de 8 de Maio de
1954.

X

Em que regime vivemos?

Com este título, «O Debate», fazendo uma referência ao não ter sido cedida à Comissão Organizadora da Bênção das Pastas, o anfiteatro da Faculdade de Letras, de Coimbra, insurge-se contra o facto e exclama:

«Ao que já chegámos! Ser inconveniente ceder uma sala do Estado para uma sessão comemorativa de uma consagração espiritual de estudantes finalistas católicos.»

Um pouco mais abaixo, junta estas palavras:

«Poderia tratar-se de um acto de acata-

mento «ao que está», e então a prudência com a sua grande capa cobriria tudo.

«Mas assim, parece antes estar-se a dar acatamento a um hipotético futuro, perante o qual parece boa política ir pondo as barbas de molho...»

«Não seria tempo de varrer da nossa vida as pusilanimidades, as faltas de hombridade, e quebrar os paus de dois bicos, sobretudo nos meios onde se faz ou se devia fazer, educação?»

Somos da opinião de «O Debate». Na verdade é necessário «quebrar os paus de dois bicos» com que se vem jogando de há muito. E quanto à pergunta de «Em que regime vivemos?», supomos que, por ora, podemos responder: — em República! Ou tem dúvidas a tal respeito o referido semanário monárquico? Se assim é, lá tem as suas razões.

República, de Lisboa — 23 - Maio - 1954.

CONVITE

À POPULAÇÃO

Na Basílica do Palácio Nacional de Mafra, reza-se amanhã, pelas 10 horas, Missa pedindo a protecção divina para os oficiais, sargentos e praças do Batalhão de Infantaria, mobilizado pela Escola Prática de Infantaria, e que em terras longínquas da Índia vai defender até ao sacrifício da própria vida, a integridade da Pátria, que queremos a todo o custo manter intangível.

Evocando um dos maiores vultos da nossa epopeia marítima, quiçá o maior de todos, o Batalhão Expedicionário escolheu para seu patrono a egrégia figura do grande capitão das Índias, **Vasco da Gama**.

Para que nesta hora de partida não faltem aos nossos valorosos soldados o apoio moral de uma população que sente como um só, e o carinho com que os abraçamos, convidam-se todos os habitantes da Vila, as colectividades e organismos representativos a comparecerem em frente da Basílica pelas 10 horas, fazendo alas para a passagem dos expedicionários e cobrindo-os de flores.

Convidam-se também todos os moradores dos prédios do Largo D. João V a engalanarem as suas janelas com colgaduras e motivos patrióticos.

O Batalhão "Vasco da Gama" saberá cumprir na Índia o seu dever patriótico!

Que a Vila de Mafra o saiba cumprir também, amanhã!

O PRESIDENTE DA CÂMARA

João Lopes
capitão

Habitantes de Lisboa!

Católicos da Cidade!

VAI PASSAR NAS VOSSAS RUAS A VENERANDA IMAGEM
DA PADROEIRA DA NOSSA PÁTRIA, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

INCORPORAI-VOS TODOS NA GRANDE PROCISSÃO!

**É NO DIA 8 DE DEZEMBRO, ÀS 21 HORAS
DA IGREJA DE FÁTIMA PARA A SÉ**

ILUMINAI E ORNAMENTAI AS FACHADAS DAS VOSSAS CASAS!

CATÓLICOS! VELAS ACESAS! INCORPORAI-VOS NA PROCISSÃO!

ITINERÁRIO — O percurso da Procissão que parte da Igreja de Nossa Senhora de Fátima é o seguinte: Av. Barbosa do Bocage, Av. Cinco de Outubro, Av. Duque de Ávila, Av. da República, Praça Duque de Saldanha, Av. Casal Ribeiro, Largo de D. Estefânia, R. Pascoal de Melo, Av. Almirante Reis, Rua da Palma, R. dos Fanqueiros, R. dos Retroseiros, Largo da Madalena, R. Augusto Rosa e Sé Patriarcal.

LOCAIS DE CONCENTRAÇÃO — Reverendos Sacerdotes com hábitos corais na Igreja de Fátima; Seminaristas no adro da Igreja (lado Norte); Irmandades masculinas com suas insígnias no adro da Igreja (lado Sul); homens e rapazes portadores de bandeiras e estandartes das Obras Católicas, na Avenida Marquês de Tomar em frente da Igreja (lado Sul); Mulheres portadoras de bandeiras e estandartes das Obras Católicas na Avenida Barbosa do Bocage (placa central em frente da Igreja); Escravas de Nossa Senhora da Conceição, na Avenida Marquês de Tomar (em frente da Igreja, lado Norte); homens e rapazes não integrados em Irmandades na Avenida Marquês de Tomar (em frente da Igreja, lado Sul); Mulheres ainda não mencionadas, na Avenida Cinco de Outubro (ao Norte da Barbosa do Bocage); Associações Cívicas e Forças Militares na Av. Elias Garcia.

Lisboa saberá cumprir

NO DIA DA CELESTIAL PADROEIRA DE PORTUGAL

NA PROCISSÃO:

QUE TODOS cantem e rezem.

QUE TODOS quantos puderem se incorporem.

QUE TODOS levem velas acesas.

QUE TODAS as fachadas dos prédios de habitação e montras de casas comerciais estejam iluminadas.

Habitantes de Lisboa!

Católicos da! Gid

VAI PASSAR NAS VOSSAS RUAS A VENERANDA IMAGEM DA PADROEIRA DA NOSSA PÁTRIA, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. INCORPORAI-VOS TODOS NA GRANDE PROCESÃO E NO DIA 8 DE DEZEMBRO, ÀS 21 HORAS DA IGREJA DE FATIMA PARA A SE

ILUMINAÇÃO E ORNAMENTAÇÃO DAS VOSSAS CASAS

CATÓLICOS! VELAS ACESAS! INCORPORAI-VOS NA

ITINERÁRIO — O percurso da Procissão que parte da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Av. Barrosa do Bocage, Av. Cinco de Outubro, Av. Duque de S. Pedro, Praça Duque de Saldanha, Av. Casal Ribeiro, Largo de S. Estêvão, R. de Melo, Av. Almirante Reis, R. da Palma, R. dos Fanqueiros, R. dos Rios, R. da Madalena, R. Augusto Rosa e S.ª Parizial.

LOCALS DE CONCENTRAÇÃO — Reservados sacerdotes com hábitos completos e fátimas; seminaristas no lado da Igreja (lado Norte); Irmãs das Virgens no lado da Igreja (lado Sul); homens e rapazes portadores de bandeiras e Opus Católicos na Avenida Marquês de Tomar em frente da Igreja (lado S); portadores de bandeiras e estandartes das Opus Católicas na Avenida Barboza central em frente da Igreja; Escravos de Nossa Senhora da Conceição, na Igreja de Tomar (em frente da Igreja, lado Norte); homens e rapazes não integrantes na Avenida Marquês de Tomar (em frente da Igreja, lado Sul); Mulheres e rapazes na Avenida Cinco de Outubro (ao Norte da Barboza do Bocage); Assoc. Forças Armadas na Av. Elias Garcia

Lisboa saberá

De pag. 108:



O dr. Adenauer, chanceler da Alemanha Ocidental, assinando a acta final da Conferência dos Nove, ladeado por Eden e Mendès-France

De pag.º 154 :

Uma representação do Directório da «Causa Republicana» ao sr. Presidente da República

O Directório da «Causa Republicana» entregou recentemente na Presidência da República a seguinte representação: «Senhor presidente da República — Excelência: — a «Causa Republicana» ao dar os primeiros passos no sentido da sua legal organização, tem a honra de trazer ao conhecimento de Vossa Excelência, quer as razões em que se apoia para fundar-se, quer as bases e fins em que assentará a sua estruturação, tudo passando a transcrever dos próprios documentos originais:

Primeiro documento: Projecto de Organização — Suas razões Justificativas

I — É sabido que existe no país, desde há muito, uma organização política denominada «Causa Monárquica», com vida perfeitamente assegurada, seus corpos directivos do conhecimento público, suas reuniões magnas que são verdadeiros congressos, suas notas officiosas dos momentos culminantes da vida política nacional, exercendo a consequente ingerência, livremente consentida pelo Governo nas questões que mais devem interessar a opinião pública.

Essa organização goza, assim, de liberdade excepcional e de favor, dando-se até o facto de se ter permitido a um professor universitário

e já posteriormente a um general na reserva — num Estado Republicano — desempenhar ostensivamente as funções de «lugar-tenência do pretendente à coroa».

II — Notórios são também os propósitos de tal organização — preparar a restauração do regime monárquico abolido pela vontade do Povo Português em 5 de Outubro de 1910 — usando, para tanto, dos processos adequados, já elevando às posições de mando, com o beneplácito governamental, os seus elementos de destaque, já atacando acriminosamente as instituições republicanas e os seus homens mais eminentes, já denegrindo a obra a todos os títulos notável dos primeiros tempos da República.

III — A favorecer esta actuação concorre ainda a circunstância de a própria situação política vigente

Ir buscar, com frequência, à «Causa Monárquica», nas suas investidas contra os republicanos motivos de apoio e de fortalecimento dos seus próprios planos de ataque, daí resultando, incontrôversamente o serem as novas gerações mantidas na ignorância das verdadeiras causas que determinaram e legitimaram o advento da República, das intenções patrióticas dos seus precursores e dos seus fundadores, do esforço honesto dos seus estadistas, por tudo as ter incapacitado de se inteirarem da Verdade e da Justiça.

IV — Urge, portanto, uma acção republicana, imparcial à narrativa histórica e isenta no juízo crítico, que faça a análise dos sucessos e da conduta dos responsáveis, pondo em relevo os ideais do regime e os benefícios que muitos foram os que dele advieram para o Povo Português. Acção que tendo em vista sobretudo o esclarecimento da juventude, hoje quase inteiramente indiferente às virtudes do regime republicano, será, por isso mesmo, a melhor forma de se impedir qualquer tentativa de restauração monárquica com as inerentes e terríveis perturbações que dela necessariamente resultariam para a vida da Nação.

A propaganda feita, clara ou encapotadamente, a favor do regime deposto e definitivamente condenado impõe-se, apesar de tudo, contrapor, deliberadamente, com pleno sentimento das responsabilidades, atentos os ensinamentos da História, uma acção patriótica e uma propaganda eficaz na defesa da República.

V — A actividade a exercer na ordem e no plano nacional, apoiada na união e na firme vontade de todos os elementos dos diversos matizes da opinião republicana traz estritamente por objectivo final a defesa da República e será levada a cabo com inteira observância das leis, no exercício efectivo dos direitos e liberdades fundamentais do cidadão que são a essência do regime e já faziam parte da estrutura democrática da Constituição Política de 1911.

VI — Há muito se impunha, pois, a criação de uma organização legal, tao legal como a «Causa Monárquica», e por isso os republicanos, conscientes dos seus direitos e dos seus deveres, agora instituem a «Causa

Republicana», a qual, pela própria orientação da crítica e da propaganda já iniciadas, contribuirá para o aperfeiçoamento e valorização das instituições políticas e sociais que são características do regime republicano e que ao Estado cumpre não só manter como fazer progredir.

E nem o facto de ser o Estado Português, com a Nação, uma República e dispor de instituições e meios próprios para defender, ele próprio, o regime pode tornar descabida ou supérflua esta organização, visto que a acção e propaganda consentidas à «Causa Monárquica», há que opor a barreira da doutrinação e da nobreza dos ideais e dos princípios republicanos.

O que não se compreenderia e seria indefensável era que aos adversários da República, manobrando em plena liberdade e até com o apoio da autoridade, não pudessem os republicanos opôr uma acção perfeitamente legítima e legal, por demais justificada, na defesa das próprias instituições do regime constitucional republicano.

É esta acção que a «Causa Republicana», reivindicando iguais possibilidades, na luta se propõe realizar — honesta, sincera e patriótica — por demais urgente pelas circunstâncias políticas actuais e bem dignificadas pelos propósitos que a animam e pelos ideais dos seus componentes, os republicanos de toda a Nação.

Segundo documento: Bases e fins em que assentará a estruturação

I — A «Causa Republicana» será constituída por cidadãos republicanos no gozo dos seus direitos civis e políticos, independentemente de filiação partidária ou de crença religiosa.

II — A «Causa Republicana», pela própria natureza dos seus objectivos, inspira-se no bem publico e interesse social e propõe-se actuar no Plano Nacional tendo em atenção os princípios em que deve assentar a ordem moral, económica e social de uma Nação progressiva e democrática.

III — A «Causa Republicana» tem como fins imediatos:

A) — A união de todos os republicanos, desenvolvendo entre eles as

melhores condições de convivência, colaboração e fraternidade;

B) — A doutrinação das ideias republicanas e a apologia das instituições que melhor as servem;

C) — A crítica das ideias e preconceitos informadores do sistema monárquico e o combate aos desígnios restauracionais;

D) — O esclarecimento da opinião pública com vista à sua função constitucional defendendo-a de todos os factores que a possam desorientar, designadamente os que visam o descrédito dos princípios e das instituições republicanas;

E) — A efectivação e o amplo exercício dos direitos e das liberdades cívicas consignadas no art. 8.º da Constituição da República;

F) — O estudo de reformas de sentido democrático e progressivo em todos os ramos da actividade nacional;

G) — O auxílio aos Centros, Escolas, Associações e Imprensa republicanos.

São órgãos da «Causa Republicana»

I — O directório com o seu secretariado geral.

II — A junta consultiva.

III — A comissão instaladora do congresso.

IV — As comissões distritais, concelhias e de freguesia.

V — As comissões de propaganda.

Naturalmente que a Vossa Excelência, como mais alto representante da Nação, cabe, no primeiro plano da sua acção na chefia do Estado, a defesa das instituições republica-

nas, do regime e da Constituição.

Mas, como já se acentuou no primeiro dos transcritos documentos, nem o facto de ser o Estado Português, como Nação, uma República e dispor dos meios próprios para defender o regime e as instituições republicanas torna descabida, ou supérflua a organização que visamos, sobretudo, por ser, como é, por demais conhecida e ampla, progressiva e perigosa a actuação desenvolvida pela «Causa Monárquica», através de todo o país, acrescida às repetidas afirmações públicas de estar próxima qualquer tentativa de restauração do regime deposedo em 5 de Outubro de 1910.

Por isso mesmo a «Causa Republicana» se afirma o propósito de usar, pelo menos, iguais possibilidades para, assim, opôr à acção dos inimigos do regime, a doutrinação e a acção úteis à defesa dos ideais e dos princípios republicanos, organizando-se, para tanto, como uma força cívica e patriótica, indispensável à defesa do Regime Constitucional Republicano.

E é convencimento de que Vossa Excelência se dignará apreciar, em todo o seu justo e elevado significado, a presente comunicação, que a «Causa Republicana» apresenta a Vossa Excelência seus cumprimentos.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1955.

Pelo Directório Provisório da «Causa Republicana», o presidente, José Mendes Cabeçadas Júnior (vice-almirante ref.); o secretário-geral, Armando Adão e Silva (advogado)».

De pag. 220 :

JOSÉ AUGUSTO PEREIRA DE VASCONCELOS

Da sua residência, Vila Soure, no Arelro, para jazigo no cemitério da Conchada, realizou-se de Auto Funebre o funeral do sr. José Augusto Pereira de Vasconcelos, viuvo, de 89 anos, natural de Soure, antigo aju-

dante de Notário nesta cidade.

Foi portador da chave o sr. coronel Belizário Pimenta, amigo íntimo do falecido.

Deste funeral tratou a Agência V.ª António Maria Pinto, Sucr., rua dos Esteireiros, 13-17, telef. 2679.

De pag. 199:

À procura dos vestígios dum baluarte

que serviu de defesa
à cidade de Coimbra

MIRANDA DO CORVO, 6 — Por iniciativa do mirandense sr. Luís Moura Figueiredo, irmão da conhecida escritora Carmen Figueiredo, funcionário em Lisboa e que aqui se encontra em gozo de férias com sua família, es-

tá-se procedendo a investigações no «Caramito», no alto do calvário, onde houve o Castelo de Miranda, do tempo dos mouros. Segundo versões que temos ouvido é provável que se venham a encontrar vestígios dum dos baluartes que serviu, com os outros Castelos, de Penela e de Montemor, de defesa da Cidade de Coimbra.

A dar-se tal facto muito beneficiará esta vila, pois passará a ser visitada pelas pessoas que apreciam e dão valor a antiguidades.

Do local avista-se um panorama lindíssimo, como poucos, e que encanta.
— (C.).

De pag. 178

Coronel João Passos Pereira de Castro Junior

Faleceu ontem o sr. coronel de infantaria João Passos Pereira de Castro Junior. Contava 78 anos e assentara praça, em



Coronel João Passos Pereira de Castro Junior

1902, no Regimento de Caçadores 5., servindo depois em varias unidades da sua arma. Foi, durante muitos anos, 2.º comandante de Metralhadoras 1 e fez parte do Arquivo Historico Militar e dos tribunais militares, tendo desempenhado, ainda, as funções de presidente do Distrito de Recrutamento e Reserva n.º 1 Incorporado no C. E. P., distinguu-

-se pela sua acção em França e, durante a batalha de 9 de Abril, foi aprisionado pelos alemães.

Era filho do falecido general João Passos Pereira de Castro e irmão dos srs. coronel Carlos Pereira de Castro, major Luís Pereira de Castro, já falecido, e do sr. Alberto Pereira de Castro, funcionario superior dos Hospitais Civis, e da sr.ª D. Luisa Pereira de Castro, e pai da sr.ª D. Maria Luisa Pereira de Castro Paiva Cardoso, casada com o sr. Rui de Paiva Cardoso, e do sr. João Passos Pereira de Castro, funcionario superior da T. A. P., casado com a sr.ª D. Virginia Ramos da Silva Pereira de Castro.

Era condecorado com a grã-cruz da Ordem de Avis e possuia as medalhas da Vitoria, de ouro de comportamento exemplar, da Campanha de França, e a comemorativa da batalha de La Lys.

O funeral realiza-se hoje, ás 16 horas, da igreja dos Martires, onde será celebrada, ás 10 horas, missa de corpo presente, para o talhão dos Combatentes no cemiterio do Alto de S. João.

De pag. 228:

**O SR. CORONEL
Belizário Pimenta**

**fez uma valiosa oferta
à Biblioteca da Universidade**

O sr. coronel Belizário Pimenta ofereceu à Biblioteca Geral da Universidade, algumas curiosas espécies que muito interessam áquele departamento da nossa Universidade. Entre essas ofertas, são de salientar cartas inéditas de João Franco, Brito Camacho, padre Oliveira Pinto, Alfredo Pimenta, etc., poesias autografadas de António Correia de Oliveira e raridades do século XIX, referentes á bibliografia de jornais daquele período.

As ofertas do sr. coronel Belizário Pimenta passarão a constituir um nucleo com o seu nome, o qual ficará na sala ciméllis, da Biblioteca Geral da Universidade.

**Valiosa oferta
à Biblioteca da Universidade**

Pelo nosso amigo sr Coronel Belizário Pimenta, foram oferecidas á Biblioteca Geral da Universidade, cartas inéditas de João Franco, Brito Camacho, Oliveira Pinto, Alfredo Pimenta, etc; poesias autografadas de António Correia de Oliveira e raridades do século XIX, como bibliografia respeitante a jornais dessa época.

Trata se de especies valiosas que passarão a constituir um nucleo com o nome do sr. Coronel Belizário Pimenta, e que ficará guardado na «Sala de Ciméllis» da Biblioteca Geral da Universidade.

*O Despertar, de Coimbra,
n.º 3853 de 22 de julho.*

*Diário de Coimbra, n.º
8312 de 21 de julho.*

8

De pag. 228

**DE
COIMBRA**

O coronel Belizário Pimenta é um dos valores morais e intelectuais desta terra, que é velha madre de doutores. Tem amor aos livros e às coisas do espirito este velho e respeitável republicano, manuseando com argucia

e inteligente sapiência as coisas de domínio histórico. Recatado na sua pessoa e saber, raras vezes há o prazer de o encontrar; e é pena.

Vem este breve apontamento a propósito da oferta que fez à Biblioteca Geral da Universidade de algumas das valiosas e curiosas espécies que enriquecem a sua biblioteca, entre as quais se encontram cartas inéditas de Brito Camacho, p.^o Oliveira Pinto, João Franco, além doutras, raridades bibliográficas do século passado, etc.

Estas dâdivas constituirão um nucleo com o seu nome, que fará parte dos cimêhos da Biblioteca da Universidade. Felicitando-a pelos valores recebidos, cumprimos também o ilustre dador.

Da República, de 7 de Julho.

De pag. 241:

**EXPOSIÇÃO NACIONAL
DO CENTENÁRIO DE
JOSÉ MALHÔA**

Entrada 3\$50

N^o 7872

De pap. 260



1066/0
5/5

MADRID-SEVILLA
18 DE OCTUBRE
DE 1929. NÚMERO
SUELTO, 10 CTS.

ABC

DIARIO ILUSTRADO. AÑO VIGÉSIMO QUINTO
N.º 8.364

FUNDADO EL 1.º DE JUNIO DE 1905 POR D. TORCUATO LUCA DE TENA

EL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA PORTUGUESA FUÉ ACOGIDO AYER EN MADRID CON ENTUSIASMO Y CARÍÑO FRATERNAL

La personalidad del general Carmona. Animación en las calles. Las tropas de la carrera. En la estación del Norte. La llegada. En el Palacio Real. El desfile de las tropas. Manifestaciones de entusiasmo. Lo que dice el general Primo de Rivera. Almuerzo íntimo. Comida de gala en el regio alcázar.

El saludo del Rey de España al presidente de la República portuguesa ha sido, con elocuencia insuperable, exponente de los íntimos sentimientos de España hacia Portugal; sentimientos de hermandad peninsular, de recuerdo gratísimo, de empresas gloriosas nunca truncadas, aunque transitoriamente interrumpidas, por acontecimientos históricos. Madrid, al engalanar sus edificios, al suspender el tráfico de su vida laboriosa y al congregarse para recibir y aclamar al jefe de la nación hermana, no se ha limitado a cumplir deberes de cortesía para con el ilustre visitante, ni ha procedido como quien acata preceptos protocolarios. Madrid, corazón de España, que es toda corazón, ha puesto en la acogida al general Carmona efusión fraternal y ha aplaudido, en un hombre, a la personificación de la gesta inmortal en que iban juntos a encauzar el mundo las masas y los galeones de lasas y de españoles, tremolando unidas—como hoy han tremolado en Madrid—los estandartes de ambos países. Antaño, azul de cielo, con bordadas quinas, y morado el pendón ennoblecido con el simbólico castillo... Hojalata, rojo y verde y rojo y guinda.

Para campañas de paz, vuelven a flotar, entolándose, las banderas de dos pueblos epifónicos. Así lo entienden ambos países, que sobre bases de cariño cimentan su futuro de prosperidades recíprocas.

Bien venido sea a España el imane mensajero del espíritu y de la grandeza de Portugal.

La personalidad del general Carmona

El general presidente de la República de Portugal, D. Antonio Oscar de Fragozo Carmona, es una figura que ha logrado el máximo respeto en su país, por sus virtudes de austeridad, sacrificio y patriotismo.

El general Carmona era gobernador militar de Évora en el mes de mayo de 1926, en que el Gobierno que ocupaba el Poder, de marcado carácter izquierdista, fué derribado por el golpe de Estado del general Gomes da Costa. Este, apoyado por la masa general del Ejército, ocupó algunas semanas el Poder como presidente del Consejo y jefe provisional del Estado, asumiendo en su mano el Poder ejecutivo sin restricciones.

Las diversas regiones militares designaron en aquel movimiento un representante; y por este camino sobrevino al Poder, ocupando la cartera de Negocios Extranjeros el general Carmona.

Es conocida y popular en el vecino país la sencillez de la vida del actual jefe del Estado.

Al requerirse para el desempeño de una cartera en el ministerio Gomes da Costa,

su posición era muy modesta, e impuesta, por un lado, por las limitaciones de una paga exigua, y, de otro, por las atenciones de una familia numerosa.

El general Carmona, llegado al Gobierno con una gran reputación de hombre culto, ponderado, austero y de severas costumbres, no tardó en ser elevado por los mis-



EL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA PORTUGUESA, GENERAL CARMONA

mos que poco antes habían entregado el Poder al general Gomes da Costa, a la jefatura del Gobierno. Una política de templanza, que repugna los procedimientos de violencia, le rodeó del mayor prestigio, y en 25 de marzo de 1928 fué elegido presidente de la República, en virtud de un plebiscito referendado por más de 900.000 sufragantes.

He aquí el resumen de la breve historia política del general Carmona, que ejerce una templada dictadura encaminada, según sus declaraciones, hechas públicas en determinadas ocasiones, a restablecer la monarquía constitucional tan pronto las circunstancias del país lo permitan.

Carmona es una significación política con anterioridad al golpe de Estado del general Gomes da Costa, su padre ostentó hoy sino lo que le presta el ejercicio de la Dictadura, apartada completamente de los partidos del antiguo régimen, ya que su acción principal es evitar el restablecimiento del orden de cosas que desapareció en Portugal el año 1926, al ocupar el Poder el primero de los gobiernos dictatoriales.

Bajo la alta magistratura del general Carmona, han regido los destinos públicos dos gobiernos: el del coronel Freitas y

el del Sr. Ivens Ferraz, que sustituyó a aquel recientemente en el ejercicio del Poder, y que como presidente del Consejo de ministros acompaña al jefe del Estado portugués en su viaje a España.

Animación en las calles

Madrid 17, 7 tarde. Con motivo de la llegada a Madrid del presidente de la República de Portugal, general Carmona, la animación esta mañana era extraordinaria, principalmente en la calle del Arsenal, plaza de Oriente, calle de Bailén, plaza de España y paseo de San Vicente.

Los edificios públicos lucían colgaduras y ondeaba en ellos el pabellón nacional. Los Bancos y muchas Sociedades particulares también aparecían engalanados. El comercio cerró, y en las oficinas públicas se suspendieron los trabajos. Los tranvías llevaban empavesados los trolley con banderas portuguesas y españolas.

Todas las casas de las calles del trayecto desde la estación del Norte estaban revestidas con colgaduras, y las farolas del alumbrado público mostrábase ornamentadas con banderas portuguesas y españolas entrelazadas.

Puede decirse que Madrid presentaba el aspecto de los días de gran fiesta, dándole mayor brillantez la espléndida del tiempo, verdaderamente primaveral.

A las diez quedaron formadas las tropas desde la estación del Norte al Palacio Real.

Frente a éste, en la plaza de Oriente, se levantaba una tribuna, destinada al Cuerpo diplomático extranjero.

Las tropas de la carrera

Para recibir al presidente portugués había formado en el interior de la estación del Norte una compañía del regimiento de Covadonga, con bandera y música, al mando del capitán D. Mariano Campo.

Desde la verja de la estación del Norte, por el paseo de San Vicente y plaza de España, se extendía una brigada de Infantería, al mando del general Orgaz, compuesta por los regimientos de Covadonga y Wad-Ras, más una compañía de Intendencia y otra de la Guardia Civil. Las tropas de Infantería estaban al mando del coronel Urbano. Estas fuerzas se hallaban dispuestas en dos filas sobre la acera de la derecha y en una sobre la acera de la izquierda, suprimiéndose todo intervalo entre las diferentes fracciones. Las banderas de tambores, cornetas y música se hallaban situadas en cuatro filas por el costado más próximo de la estación, e igualmente en este costado las banderas de los Cuerpos y la plana mayor.

Desde la plaza de España a la plaza de

Da pag. 264

A Filarmónica Fidelidade

de Aldeia das Dez
vai comemorar o seu 95.º aniversá-
rio realizando a festa de Nossa
Senhora das Dores, padroeira
da banda

ALDEIA DAS DEZ, 6 — A «Filarmónica Fidelidade» que este ano completa 95 anos ao serviço da mais sublime das artes, vai comemorar no próximo dia 21, o seu aniversário, realizando uma festa em louvor de Nossa Senhora das Dores, padroeira da Banda, segundo os seus primitivos estatutos.

Do programa constam os seguintes números: missa cantada, sermão e procissão; missa por alma dos filarmónicos falecidos e rónagem ao cemitério; grande almoço de confraternização de todos os executantes vivos; inauguração na sede, de uma fotografia da filarmónica, tirada em 1905.

pelo então alferes do regimento de Infantaria 23 de Coimbra e actual coronel reformado, sr. Belisário Pimenta, residente em Mafra, que ao ver frequentes notícias da nossa filarmónica, teve a interessante ideia de lhe oferecer uma ampliação, acompanhada de uma cativante carta; arraisal, etc..

Actualmente, pertencem ao numero dos vivos, 9 executantes da filarmónica de 1905, sendo um deles o actual regente Serafim Augusto Dinis.

A gentil oferta do sr. coronel Belisário Pimenta, representa para a «Filarmónica Fidelidade» uma dádiva apreciável, não só pelo valor material, mas sim pela lembrança espontânea duma pessoa, que há 46 anos passou pela nossa terra, de que não se esqueceu.

Colabora nas festas, a Filarmónica «Pátria Nova», de Coja, com a qual a Filarmónica Fidelidade mantém amistosas relações de camaradagem.

Próximamente, pois, ser importantes as festas de Nossa Senhora das Dores e do 95.º aniversário da filarmónica local, cujo programa definitivo brevemente publicamos. — (C.).

Do Diário de Coimbra, de 8 de Outubro de 1953.



— Indices —

I — Anos.

II — Nomes próprios

III — Varia:

Pharmacia Fiducia

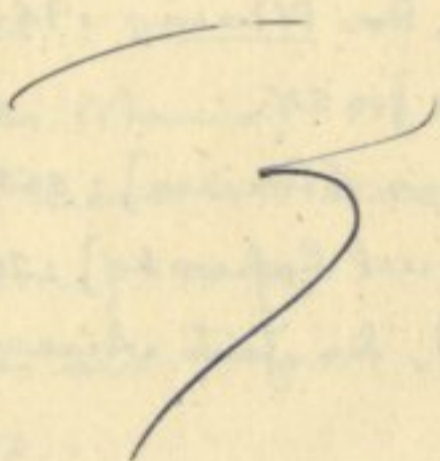
de Alameda das Doc
no número 1 de 11, 12, 13
de 1911 e 1912 e 1913
de 1914 e 1915 e 1916
de 1917 e 1918 e 1919
de 1920 e 1921 e 1922
de 1923 e 1924 e 1925
de 1926 e 1927 e 1928
de 1929 e 1930 e 1931
de 1932 e 1933 e 1934
de 1935 e 1936 e 1937
de 1938 e 1939 e 1940
de 1941 e 1942 e 1943
de 1944 e 1945 e 1946
de 1947 e 1948 e 1949
de 1950 e 1951 e 1952
de 1953 e 1954 e 1955
de 1956 e 1957 e 1958
de 1959 e 1960 e 1961
de 1962 e 1963 e 1964
de 1965 e 1966 e 1967
de 1968 e 1969 e 1970
de 1971 e 1972 e 1973
de 1974 e 1975 e 1976
de 1977 e 1978 e 1979
de 1980 e 1981 e 1982
de 1983 e 1984 e 1985
de 1986 e 1987 e 1988
de 1989 e 1990 e 1991
de 1992 e 1993 e 1994
de 1995 e 1996 e 1997
de 1998 e 1999 e 2000
de 2001 e 2002 e 2003
de 2004 e 2005 e 2006
de 2007 e 2008 e 2009
de 2010 e 2011 e 2012
de 2013 e 2014 e 2015
de 2016 e 2017 e 2018
de 2019 e 2020 e 2021
de 2022 e 2023 e 2024
de 2025 e 2026 e 2027
de 2028 e 2029 e 2030
de 2031 e 2032 e 2033
de 2034 e 2035 e 2036
de 2037 e 2038 e 2039
de 2040 e 2041 e 2042
de 2043 e 2044 e 2045
de 2046 e 2047 e 2048
de 2049 e 2050 e 2051
de 2052 e 2053 e 2054
de 2055 e 2056 e 2057
de 2058 e 2059 e 2060
de 2061 e 2062 e 2063
de 2064 e 2065 e 2066
de 2067 e 2068 e 2069
de 2070 e 2071 e 2072
de 2073 e 2074 e 2075
de 2076 e 2077 e 2078
de 2079 e 2080 e 2081
de 2082 e 2083 e 2084
de 2085 e 2086 e 2087
de 2088 e 2089 e 2090
de 2091 e 2092 e 2093
de 2094 e 2095 e 2096
de 2097 e 2098 e 2099
de 2100 e 2101 e 2102
de 2103 e 2104 e 2105
de 2106 e 2107 e 2108
de 2109 e 2110 e 2111
de 2112 e 2113 e 2114
de 2115 e 2116 e 2117
de 2118 e 2119 e 2120
de 2121 e 2122 e 2123
de 2124 e 2125 e 2126
de 2127 e 2128 e 2129
de 2130 e 2131 e 2132
de 2133 e 2134 e 2135
de 2136 e 2137 e 2138
de 2139 e 2140 e 2141
de 2142 e 2143 e 2144
de 2145 e 2146 e 2147
de 2148 e 2149 e 2150
de 2151 e 2152 e 2153
de 2154 e 2155 e 2156
de 2157 e 2158 e 2159
de 2160 e 2161 e 2162
de 2163 e 2164 e 2165
de 2166 e 2167 e 2168
de 2169 e 2170 e 2171
de 2172 e 2173 e 2174
de 2175 e 2176 e 2177
de 2178 e 2179 e 2180
de 2181 e 2182 e 2183
de 2184 e 2185 e 2186
de 2187 e 2188 e 2189
de 2190 e 2191 e 2192
de 2193 e 2194 e 2195
de 2196 e 2197 e 2198
de 2199 e 2200 e 2201
de 2202 e 2203 e 2204
de 2205 e 2206 e 2207
de 2208 e 2209 e 2210
de 2211 e 2212 e 2213
de 2214 e 2215 e 2216
de 2217 e 2218 e 2219
de 2220 e 2221 e 2222
de 2223 e 2224 e 2225
de 2226 e 2227 e 2228
de 2229 e 2230 e 2231
de 2232 e 2233 e 2234
de 2235 e 2236 e 2237
de 2238 e 2239 e 2240
de 2241 e 2242 e 2243
de 2244 e 2245 e 2246
de 2247 e 2248 e 2249
de 2250 e 2251 e 2252
de 2253 e 2254 e 2255
de 2256 e 2257 e 2258
de 2259 e 2260 e 2261
de 2262 e 2263 e 2264
de 2265 e 2266 e 2267
de 2268 e 2269 e 2270
de 2271 e 2272 e 2273
de 2274 e 2275 e 2276
de 2277 e 2278 e 2279
de 2280 e 2281 e 2282
de 2283 e 2284 e 2285
de 2286 e 2287 e 2288
de 2289 e 2290 e 2291
de 2292 e 2293 e 2294
de 2295 e 2296 e 2297
de 2298 e 2299 e 2300
de 2301 e 2302 e 2303
de 2304 e 2305 e 2306
de 2307 e 2308 e 2309
de 2310 e 2311 e 2312
de 2313 e 2314 e 2315
de 2316 e 2317 e 2318
de 2319 e 2320 e 2321
de 2322 e 2323 e 2324
de 2325 e 2326 e 2327
de 2328 e 2329 e 2330
de 2331 e 2332 e 2333
de 2334 e 2335 e 2336
de 2337 e 2338 e 2339
de 2340 e 2341 e 2342
de 2343 e 2344 e 2345
de 2346 e 2347 e 2348
de 2349 e 2350 e 2351
de 2352 e 2353 e 2354
de 2355 e 2356 e 2357
de 2358 e 2359 e 2360
de 2361 e 2362 e 2363
de 2364 e 2365 e 2366
de 2367 e 2368 e 2369
de 2370 e 2371 e 2372
de 2373 e 2374 e 2375
de 2376 e 2377 e 2378
de 2379 e 2380 e 2381
de 2382 e 2383 e 2384
de 2385 e 2386 e 2387
de 2388 e 2389 e 2390
de 2391 e 2392 e 2393
de 2394 e 2395 e 2396
de 2397 e 2398 e 2399
de 2400 e 2401 e 2402
de 2403 e 2404 e 2405
de 2406 e 2407 e 2408
de 2409 e 2410 e 2411
de 2412 e 2413 e 2414
de 2415 e 2416 e 2417
de 2418 e 2419 e 2420
de 2421 e 2422 e 2423
de 2424 e 2425 e 2426
de 2427 e 2428 e 2429
de 2430 e 2431 e 2432
de 2433 e 2434 e 2435
de 2436 e 2437 e 2438
de 2439 e 2440 e 2441
de 2442 e 2443 e 2444
de 2445 e 2446 e 2447
de 2448 e 2449 e 2450
de 2451 e 2452 e 2453
de 2454 e 2455 e 2456
de 2457 e 2458 e 2459
de 2460 e 2461 e 2462
de 2463 e 2464 e 2465
de 2466 e 2467 e 2468
de 2469 e 2470 e 2471
de 2472 e 2473 e 2474
de 2475 e 2476 e 2477
de 2478 e 2479 e 2480
de 2481 e 2482 e 2483
de 2484 e 2485 e 2486
de 2487 e 2488 e 2489
de 2490 e 2491 e 2492
de 2493 e 2494 e 2495
de 2496 e 2497 e 2498
de 2499 e 2500 e 2501
de 2502 e 2503 e 2504
de 2505 e 2506 e 2507
de 2508 e 2509 e 2510
de 2511 e 2512 e 2513
de 2514 e 2515 e 2516
de 2517 e 2518 e 2519
de 2520 e 2521 e 2522
de 2523 e 2524 e 2525
de 2526 e 2527 e 2528
de 2529 e 2530 e 2531
de 2532 e 2533 e 2534
de 2535 e 2536 e 2537
de 2538 e 2539 e 2540
de 2541 e 2542 e 2543
de 2544 e 2545 e 2546
de 2547 e 2548 e 2549
de 2550 e 2551 e 2552
de 2553 e 2554 e 2555
de 2556 e 2557 e 2558
de 2559 e 2560 e 2561
de 2562 e 2563 e 2564
de 2565 e 2566 e 2567
de 2568 e 2569 e 2570
de 2571 e 2572 e 2573
de 2574 e 2575 e 2576
de 2577 e 2578 e 2579
de 2580 e 2581 e 2582
de 2583 e 2584 e 2585
de 2586 e 2587 e 2588
de 2589 e 2590 e 2591
de 2592 e 2593 e 2594
de 2595 e 2596 e 2597
de 2598 e 2599 e 2600
de 2601 e 2602 e 2603
de 2604 e 2605 e 2606
de 2607 e 2608 e 2609
de 2610 e 2611 e 2612
de 2613 e 2614 e 2615
de 2616 e 2617 e 2618
de 2619 e 2620 e 2621
de 2622 e 2623 e 2624
de 2625 e 2626 e 2627
de 2628 e 2629 e 2630
de 2631 e 2632 e 2633
de 2634 e 2635 e 2636
de 2637 e 2638 e 2639
de 2640 e 2641 e 2642
de 2643 e 2644 e 2645
de 2646 e 2647 e 2648
de 2649 e 2650 e 2651
de 2652 e 2653 e 2654
de 2655 e 2656 e 2657
de 2658 e 2659 e 2660
de 2661 e 2662 e 2663
de 2664 e 2665 e 2666
de 2667 e 2668 e 2669
de 2670 e 2671 e 2672
de 2673 e 2674 e 2675
de 2676 e 2677 e 2678
de 2679 e 2680 e 2681
de 2682 e 2683 e 2684
de 2685 e 2686 e 2687
de 2688 e 2689 e 2690
de 2691 e 2692 e 2693
de 2694 e 2695 e 2696
de 2697 e 2698 e 2699
de 2700 e 2701 e 2702
de 2703 e 2704 e 2705
de 2706 e 2707 e 2708
de 2709 e 2710 e 2711
de 2712 e 2713 e 2714
de 2715 e 2716 e 2717
de 2718 e 2719 e 2720
de 2721 e 2722 e 2723
de 2724 e 2725 e 2726
de 2727 e 2728 e 2729
de 2730 e 2731 e 2732
de 2733 e 2734 e 2735
de 2736 e 2737 e 2738
de 2739 e 2740 e 2741
de 2742 e 2743 e 2744
de 2745 e 2746 e 2747
de 2748 e 2749 e 2750
de 2751 e 2752 e 2753
de 2754 e 2755 e 2756
de 2757 e 2758 e 2759
de 2760 e 2761 e 2762
de 2763 e 2764 e 2765
de 2766 e 2767 e 2768
de 2769 e 2770 e 2771
de 2772 e 2773 e 2774
de 2775 e 2776 e 2777
de 2778 e 2779 e 2780
de 2781 e 2782 e 2783
de 2784 e 2785 e 2786
de 2787 e 2788 e 2789
de 2790 e 2791 e 2792
de 2793 e 2794 e 2795
de 2796 e 2797 e 2798
de 2799 e 2800 e 2801
de 2802 e 2803 e 2804
de 2805 e 2806 e 2807
de 2808 e 2809 e 2810
de 2811 e 2812 e 2813
de 2814 e 2815 e 2816
de 2817 e 2818 e 2819
de 2820 e 2821 e 2822
de 2823 e 2824 e 2825
de 2826 e 2827 e 2828
de 2829 e 2830 e 2831
de 2832 e 2833 e 2834
de 2835 e 2836 e 2837
de 2838 e 2839 e 2840
de 2841 e 2842 e 2843
de 2844 e 2845 e 2846
de 2847 e 2848 e 2849
de 2850 e 2851 e 2852
de 2853 e 2854 e 2855
de 2856 e 2857 e 2858
de 2859 e 2860 e 2861
de 2862 e 2863 e 2864
de 2865 e 2866 e 2867
de 2868 e 2869 e 2870
de 2871 e 2872 e 2873
de 2874 e 2875 e 2876
de 2877 e 2878 e 2879
de 2880 e 2881 e 2882
de 2883 e 2884 e 2885
de 2886 e 2887 e 2888
de 2889 e 2890 e 2891
de 2892 e 2893 e 2894
de 2895 e 2896 e 2897
de 2898 e 2899 e 2900
de 2901 e 2902 e 2903
de 2904 e 2905 e 2906
de 2907 e 2908 e 2909
de 2910 e 2911 e 2912
de 2913 e 2914 e 2915
de 2916 e 2917 e 2918
de 2919 e 2920 e 2921
de 2922 e 2923 e 2924
de 2925 e 2926 e 2927
de 2928 e 2929 e 2930
de 2931 e 2932 e 2933
de 2934 e 2935 e 2936
de 2937 e 2938 e 2939
de 2940 e 2941 e 2942
de 2943 e 2944 e 2945
de 2946 e 2947 e 2948
de 2949 e 2950 e 2951
de 2952 e 2953 e 2954
de 2955 e 2956 e 2957
de 2958 e 2959 e 2960
de 2961 e 2962 e 2963
de 2964 e 2965 e 2966
de 2967 e 2968 e 2969
de 2970 e 2971 e 2972
de 2973 e 2974 e 2975
de 2976 e 2977 e 2978
de 2979 e 2980 e 2981
de 2982 e 2983 e 2984
de 2985 e 2986 e 2987
de 2988 e 2989 e 2990
de 2991 e 2992 e 2993
de 2994 e 2995 e 2996
de 2997 e 2998 e 2999
de 3000 e 3001 e 3002
de 3003 e 3004 e 3005
de 3006 e 3007 e 3008
de 3009 e 3010 e 3011
de 3012 e 3013 e 3014
de 3015 e 3016 e 3017
de 3018 e 3019 e 3020
de 3021 e 3022 e 3023
de 3024 e 3025 e 3026
de 3027 e 3028 e 3029
de 3030 e 3031 e 3032
de 3033 e 3034 e 3035
de 3036 e 3037 e 3038
de 3039 e 3040 e 3041
de 3042 e 3043 e 3044
de 3045 e 3046 e 3047
de 3048 e 3049 e 3050
de 3051 e 3052 e 3053
de 3054 e 3055 e 3056
de 3057 e 3058 e 3059
de 3060 e 3061 e 3062
de 3063 e 3064 e 3065
de 3066 e 3067 e 3068
de 3069 e 3070 e 3071
de 3072 e 3073 e 3074
de 3075 e 3076 e 3077
de 3078 e 3079 e 3080
de 3081 e 3082 e 3083
de 3084 e 3085 e 3086
de 3087 e 3088 e 3089
de 3090 e 3091 e 3092
de 3093 e 3094 e 3095
de 3096 e 3097 e 3098
de 3099 e 3100 e 3101
de 3102 e 3103 e 3104
de 3105 e 3106 e 3107
de 3108 e 3109 e 3110
de 3111 e 3112 e 3113
de 3114 e 3115 e 3116
de 3117 e 3118 e 3119
de 3120 e 3121 e 3122
de 3123 e 3124 e 3125
de 3126 e 3127 e 3128
de 3129 e 3130 e 3131
de 3132 e 3133 e 3134
de 3135 e 3136 e 3137
de 3138 e 3139 e 3140
de 3141 e 3142 e 3143
de 3144 e 3145 e 3146
de 3147 e 3148 e 3149
de 3150 e 3151 e 3152
de 3153 e 3154 e 3155
de 3156 e 3157 e 3158
de 3159 e 3160 e 3161
de 3162 e 3163 e 3164
de 3165 e 3166 e 3167
de 3168 e 3169 e 3170
de 3171 e 3172 e 3173
de 3174 e 3175 e 3176
de 3177 e 3178 e 3179
de 3180 e 3181 e 3182
de 3183 e 3184 e 3185
de 3186 e 3187 e 3188
de 3189 e 3190 e 3191
de 3192 e 3193 e 3194
de 3195 e 3196 e 3197
de 3198 e 3199 e 3200
de 3201 e 3202 e 3203
de 3204 e 3205 e 3206
de 3207 e 3208 e 3209
de 3210 e 3211 e 3212
de 3213 e 3214 e 3215
de 3216 e 3217 e 3218
de 3219 e 3220 e 3221
de 3222 e 3223 e 3224
de 3225 e 3226 e 3227
de 3228 e 3229 e 3230
de 3231 e 3232 e 3233
de 3234 e 3235 e 3236
de 3237 e 3238 e 3239
de 3240 e 3241 e 3242
de 3243 e 3244 e 3245
de 3246 e 3247 e 3248
de 3249 e 3250 e 3251
de 3252 e 3253 e 3254
de 3255 e 3256 e 3257
de 3258 e 3259 e 3260
de 3261 e 3262 e 3263
de 3264 e 3265 e 3266
de 3267 e 3268 e 3269
de 3270 e 3271 e 3272
de 3273 e 3274 e 3275
de 3276 e 3277 e 3278
de 3279 e 3280 e 3281
de 3282 e 3283 e 3284
de 3285 e 3286 e 3287
de 3288 e 3289 e 3290
de 3291 e 3292 e 3293
de 3294 e 3295 e 3296
de 3297 e 3298 e 3299
de 3300 e 3301 e 3302
de 3303 e 3304 e 3305
de 3306 e 3307 e 3308
de 3309 e 3310 e 3311
de 3312 e 3313 e 3314
de 3315 e 3316 e 3317
de 3318 e 3319 e 3320
de 3321 e 3322 e 3323
de 3324 e 3325 e 3326
de 3327 e 3328 e 3329
de 3330 e 3331 e 3332
de 3333 e 3334 e 3335
de 3336 e 3337 e 3338
de 3339 e 3340 e 3341
de 3342 e 3343 e 3344
de 3345 e 3346 e 3347
de 3348 e 3349 e 3350
de 3351 e 3352 e 3353
de 3354 e 3355 e 3356
de 3357 e 3358 e 3359
de 3360 e 3361 e 3362
de 3363 e 3364 e 3365
de 3366 e 3367 e 3368
de 3369 e 3370 e 3371
de 3372 e 3373 e 3374
de 3375 e 3376 e 3377
de 3378 e 3379 e 3380
de 3381 e 3382 e 3383
de 3384 e 3385 e 3386
de 3387 e 3388 e 3389
de 3390 e 3391 e 3392
de 3393 e 3394 e 3395
de 3396 e 3397 e 3398
de 3399 e 3400 e 3401
de 3402 e 3403 e 3404
de 3405 e 3406 e 3407
de 3408 e 3409 e 3410
de 3411 e 3412 e 3413
de 3414 e 3415 e 3416
de 3417 e 3418 e 3419
de 3420 e 3421 e 3422
de 3423 e 3424 e 3425
de 3426 e 3427 e 3428
de 3429 e 3430 e 3431
de 3432 e 3433 e 3434
de 3435 e 3436 e 3437
de 3438 e 3439 e 3440
de 3441 e 3442 e 3443
de 3444 e 3445 e 3446
de 3447 e 3448 e 3449
de 3450 e 3451 e 3452
de 3453 e 3454 e 3455
de 3456 e 3457 e 3458
de 3459 e 3460 e 3461
de 3462 e 3463 e 3464
de 3465 e 3466 e 3467
de 3468 e 3469 e 3470
de 3471 e 3472 e 3473
de 3474 e 3475 e 3476
de 3477 e 3478 e 3479
de 3480 e 3481 e 3482
de 3483 e 3484 e 3485
de 3486 e 3487 e 3488
de 3489 e 3490 e 3491
de 3492 e 3493 e 3494
de 3495 e 3496 e 3497
de 3498 e 3499 e 3500
de 3501 e 3502 e 3503
de 3504 e 3505 e 3506
de 3507 e 3508 e 3509
de 3510 e 3511 e 3512
de 3513 e 3514 e 3515
de 3516 e 3517 e 3518
de 3519 e 3520 e 3521
de 3522 e 3523 e 3524
de 3525 e 3526 e 3527
de 3528 e 3529 e 3530
de 3531 e 3532 e 3533
de 3534 e 3535 e 3536
de 3537 e 3538 e 3539
de 3540 e 3541 e 3542
de 3543 e 3544 e 3545
de 3546 e 3547 e 3548
de 3549 e 3550 e 3551
de 3552 e 3553 e 3554
de 3555 e 3556 e 3557
de 3558 e 3559 e 3560
de 3561 e 3562 e 3563
de 3564 e 3565 e 3566
de 3567 e 3568 e 3569
de 3570 e 3571 e 3572
de 3573 e 3574 e 3575
de 3576 e 3577 e 3578
de 3579 e 3580 e 3581
de 3582 e 3583 e 3584
de 3585 e 3586 e 3587
de 3588 e 3589 e 3590
de 3591 e 3592 e 3593
de 3594 e 3595 e 3596
de 3597 e 3598 e 3599
de 3600 e 3601 e 3602
de 3603 e 3604 e 3605
de 3606 e 3607 e 3608
de 3609 e 3610 e 3611
de 3612 e 3613 e 3614
de 3615 e 3616 e 3617
de 3618 e 3619 e 3620
de 3621 e 3622 e 3623
de 3624 e 3625 e 3626
de 3627 e 3628 e 3629
de 3630 e 3631 e 3632
de 3633 e 3634 e 3635
de 3636 e 3637 e 3638
de 3639 e 3640 e 3641
de 3642 e 3643 e 3644
de 3645 e 3646 e 3647
de 3648 e 3649 e 3650
de 3651 e 3652 e 3653
de 3654 e 3655 e 3656
de 3657 e 3658 e 3659
de 3660 e 3661 e 3662
de 3663 e 3664 e 3665
de 3666 e 3667 e 3668
de 3669 e 3670 e 3671
de 3672 e 3673 e 3674
de 3675 e 3676 e 3677
de 3678 e 3679 e 3680
de 3681 e 3682 e 3683
de 3684 e 3685 e 3686
de 3687 e 3688 e 3689
de 3690 e 3691 e 3692
de 3693 e 3694 e 3695
de 3696 e 3697 e 3698
de 3699 e 3700 e 3701
de 3702 e 3703 e 3704
de 3705 e 3706 e 3707
de 3708 e 3709 e 3710
de 3711 e 3712 e 3713
de 3714 e 3715 e 3716
de 3717 e 3718 e 3719
de 3720 e 3721 e 3722
de 3723 e 3724 e 3725
de 3726 e 3727 e 3728
de 3729 e 3730 e 3731
de 3732 e 3733 e 3734
de 3735 e 3736 e 3737
de 3738 e 3739 e 3740
de 3741 e 3742 e 3743
de 3744 e 3745 e 3746
de 3747 e 3748 e 3749
de 3750 e 3751 e 3752
de

I

Años:

1954 : 1 - 143

1955 : 147 - 279.



II

Nomes próprios

Alceu {Eduardo José Teixeira Barbosa de},
48-49 e 74-75.

Adenauer {Dr.}, ministro alemão : 109.

Aguiar {Joachim Antonio de} : 94-95.

Alcofarado {D. Mariana}, a freira de Beja : 277.

Alencar {O Poeta}, dos Maiás : 96.

Almeida {Filho de} : 52.

" {Lourenço Chaves} : 266-267.

" {Dr. Manuel Lopes de} : 28-29 e 200-202.

Ameal {Cede do}, Dr. João Aires de Campos :
181.

Amélia {Rainha D.} : 262-263.

Amarim {Dr. Pacheco de} : 169 e 188.

Antunes {D. Ant.º}, bispo de Coimbr. : 260.

Anunciação {Tomás José da} : 213-214.

Assunção {Guilherme da} : 191.

Azevedo {Ant.º Xavier Ferreira de} : 29-30 e 31.

Bach {João Sebastião} : 120-121

Barata {Martins} : pintor : 64.

- Barbosa (Arnaldo Belisario): 172.
 " (João Barnagrim): 13.
Barreira (Dr. João): 50.
Barreto (Ant.º Carreira): 148.
Barros (Guilhermino de), Filho: 181-182.
 " (Dr. João de): 49.
Batalhão (Dr. Carlos): 196.
Beethoven: 21, 42, 51-52, 109, 190, 212-213 e 213-214.
Bessa (Dr. José dos Santos): 32.
Bettecourt (G.º José Cristão de): 369-372.
Botelho (G.º José Justino Beix.º): 4, 26-27, 45-47,
 72-73 e 170-171.
Brahms: 258.
Braudad (Dr. Mario): 192.
Braz (Sup.º Leazar de Moura): 22-23.
Brasil (Jaime): 93-94.
Bustarffs (Os avós): 100.
Byron: 96-97.
Calveçadas (José Mendes), almirante: 153-154 e
 230-231.
Caleral (Fulano...), papat.º de ruas de S. Bento:
 238-239.
Caetano (Marcelo): 224-225.
Caggiari (Julio): 190-191.
Callot (Jacques): 111-112.
Cauões (D. Dionísia): 95.

- Campos (D. 119.º do Saude Aires de) : 181-83
- Canto (Franc.º Bernardo do), Gen.º : 103
- Carmona (Arit.º Oscar de Figueiredo) : 57, 261.
- Carreira (Guilherme), car.º : 91-92
- Carrel (Alexis) : 186-187.
- Carvalho (Dr. Anselmo Ferraz de) : 169-170 e 188.
- " (Ant.º Pileiro de) : 171-172.
- " (Dr. Joazeim de) : 37, 37-39, 113-115, 137-138, 149, 150-151, 155, 203-205
- Casimiro (Augusto) : 16-19, 70 e 114.
- Castro (Baltazar de) : 207.
- " (Ferreira de), romancista : 18.
- " (Júes de) : 41.
- " (João Passos Per.º de) : 177-178.
- " (Martim Afonso de) : 33-35.
- Cavatheiro (Rodrigues) : 123-127.
- Cerejeira (Manuel Gonçalves) : 133-134.
- Ciraculmick (Charles) : violinista : 190-191.
- Coelho (Possidonio Laraijo) : 124.
- Cordeiro (Dr. José Pedro Leite), Prof.º Curricularo : 154
- Correia (P.º Manuel Alves) : 238-237.
- " (Dr. Maximino) : 38-39 e 40
- " (Dr. Vergilio) : 206-207
- Costa (Dr. Afonso Aug.º da) : 59.
- " (Almeida), Prof.º : 228-229.

- Costa (Fernando dos Santos): 70, 116-117.
 " (João Manuel da): 121.
 " (Mario), oficial do ex.^o: 47-48.
 " (Sequeira), pianista: 42.
- Coutinho (Carlos Gago): 22.
 " (Vitor Hugo de Azevedo): 56.
- Cristo (Franc.^o M.^{el} Plomeu): 209.
- Cruz (Jvo): 55-56 e 255.
- Cunha (dr. Paulo): 132-134.
- Dantas (dr. Julio): 60-61, 110-111, 113-115, 132-135
 e 138.
- Delgado (Humberto), general: 209-212.
- Dias (Gastão de Sousa): 61-66.
 " (Jaime Lopes): 49 e 124.
 " (dr. João Pereira): 188.
- Dionísio (dr. Santana): 139.
- Donatô (José Ernesto Marques): 157.
- Doré (Gustavo): 112.
- Duvernier: 112.
- Eden (Antony): 109.
- Estêves (Paul): 1-3, 56-58 e 59.
- Fernandes (dr. Vasco da Gama): 215.
- Ferrão (d. Julieta): 123-127.
- Ferreira (dr. Ant.^o Aurelio da Costa): 212 e 277.
- Ferre (Antônio): 139.
- Figueiredo (Ant.^o Merquita): 21-22 e 75-77.

- Figueredo { Luis de Moura } : 196-200
 " { dr. Maximo de } : 224.
Galvão { Vitorino Peres Furtado } : 70
Garrett : 9-10
Gieseking { Walter } : pianista : 21.
Gomes { Alberico de Alu.^{2a} } : 30-31.
 " { Manuel Veix.^o } : 278.
 " { Sousa }, general : 193.
Gonçalves { Ant.^o Augusto } : 41, 112, 206-207, 265-267.
 " { P.^o Ant.^o Vaqueira } : 158, 226-227.
 " { Aureando Leal } : 157-159.
Graca { Fernando Lopes } : 174.
Guimarães { Julio }, liriceiro : 55.
 " { Vitorino } : 56 e 58-59.
Haendel, violinista : 253-254.
Haydn : 55-56.
Honegger : musico : 120-121
Humberto, rei de Italia deposto : 175-176.
Isabel, rainha de Portugal : 1-3.
Junqueiro { Guerra } : 216-218.
Leal { Gomes } : 216
Leite { Fernando de Oliv.^a } : 70
Lemos { Alvaro Vieira de } : 214 e 217.
 " { Silveira } : 56
Lima { Ana Maria do Sousa } : 16, 24-25, 42-43,
 61-62, 82-84 e 207.

- Lima {Antonio}: 62-64.
- " {Cristovão de Sousa}: 24, 83, 95 e 172-174.
- " {Fleuriq. Ferreira}: 72, 122-127, 134 e 135.
- " {João Guaypelista Campos}: 50-51.
- " {M.^o Helena de Sousa}: 82-84 e 95.
- " {Maria Lina Ferreira}: 9-10, 123-127.
- " {Pires de Lima, ministro}: 110, 132.
- Lino {Paul}: 239-240 e 240.
- Loiola {Juacis de}: 94.
- Lopes {Franc.^o Flipino Graucio}: 80, 151-152, 153-154, 225-226 e 230-231.
- " {João}, capitão: 93
- Lucas {Ant.^o de Carvalho}, advogado: 156-159, 160-7.
- Macedo {Luis Pastor de}: 124-125.
- Machado {Dr. Bernardino}: 211-212.
- Madalril {Ant.^o Gomes da Rocha}: 55.
- Mathôa {José}: 240-243.
- Mariano {Olegario}: 49-50.
- Marta {Ant.^o Alegre}: 158.
- " { " Luis}: 157.
- Martins {Buceta}, general: 7.
- Matã {José Casiro da}: 129-130 e 132.
- Matos {Gastão de Melo de}: 3-6, 19-20 e 26.
- " {José M.^o Mendes Norton de}: 147-148, 170-71
- Mayer {Radolfo}, actor brasil.^o: 187-188.
- Melo {Arnaldo de}, brigad.^o: 103.

- Melo { D. Franc.^o Manuel de } : 277.
 " { Henrique de }, brigad.^o : 271
 " { Vicente Pinh.^o de } : 278.
Medes - France : 109.
Mezeres { Carv.^o }, car.^o da A.M. : 26-27 e 44-45.
Miranda { Osiri Bernardino de } : 277.
 " { Paul Verdades de Oliv.^o } : 149-150.
Monte { José Ferreira } : 84-85.
Monteiro { Alberto dos Santos Pereira } : 70
 " { Henrique Dires } : 1, 22, 26-27, 29-30,
 44-48, 57, 62-66, 107, 113 e 170-172.
Marais { Alberto Faria de } : 6, 26, 65-66 e 68-69.
Mota { Luis José da } : 271-272.
Nezereiros { Trijo de }, ministro : 2
Nehru { Paudit } : 91-92.
Neuésio { Vitarino } : 93-94 e 117-118.
Neves { Ant.^o José Gonçalves } : 266-267
Nolrega { P.^o Manuel da } : 94.
Nuno { D. Duarte } : 117.
Oliveira { Alcide de } : 151-152
 " { José Osorio de } : 244.
 " { Julio de }, general : 56.
 " { Luis Alberto de } : 275-276.
Paco de Arcos { Joaquim } : 118-119.
Pais { Alberto da Silva } : 10-16 e 36.
 " { Sidonio } : 15-16 e 36.

- Palmeiro {Morais}: violoncelista: 191.
- Papaça {Alberto Macedo}: 50.
- Pascoais {Teixeira de}: 113-115 e 138.
- Pedro I (Dom), rei: 204.
- Pedroso {D. Beatriz}: 275 e 276.
- Peixoto {Jorge}, licenciado em Letras: 202 e 228.
- Pereira {Agostinho Seguro}: 69-71.
- " {Alberto Dias}, Prof.^{ca}: 156-159.
- Peres {Dr. Damião}: 140-141.
- Peron {Juan}, da Argentina: 231 e 249.
- Pestana {Ernesto Nogueira}: 32-35.
- Pinheiro {Rafael Bordalo}: 112.
- Pinto {Adolfo Aleranches}, gem.^o: 32, 89-90.
- " {Alberto de Moura}: 81-82.
- Pope {Ernesto}: 56 e 59.
- Quaresma {Dono da "Tipogr. Coimbra."): 150,
152-153.
- Queiroz {Barros}, advogado: 50.
- " {Franc. Teixeira de}, juiz: 155.
- Ramos {Dr. João de Deus}: 49-51.
- Rebordão {Luis Goncalves}: 108.
- Reis {Dr. Albino dos}: 110.
- " {Dr. José Alberto dos}: 276.
- " {Dr. Luis da Camara}: 127-128.
- Rezas {Dr. Moura}: 32.
- Ribeiro {Aquilino}: 18 e 49-50.

- Ribeiro {Holder Arm.^{do} dos Santos}: 148
 " {Leis da Silva}: 167-169.
Rocha {André Cerabé}: 9
Rodrigues {Agafito Pedron}: 178, 272-279.
 " {Dr. Ant.^o Luis da Costa}: 34-35.
 " {José Filipe de Barros}: 48, 67, 73-74.
 " {Sarmento}: 80
 " {Valentim José}: 273, 275-76.
Sa {Octaviano de}: 202.
 " {Pedro de Moura e}: 194-196
Salazar {Ant.^o de Oliv.^o}: 57-58, 79-80, 121, 158,
 160-167, 225-226 e 260.
Salgueiro {Manuel Brind.^o}: arcebispo de Mililê.
 ue: 134.
Saude {José Fernandes de Naronha e}: 135-136.
Santos {Abilio Sup.^o dos}, comerciante: 157
 " {Carlos M.^o Pereira dos}: 268-269 e 271.
 " {Franc.^o Barja dos}: 179-180
 " {Flemenerico Barja dos}: 179-180
 " {Luis dos Reis}: 48, 189, 208, 262-263.
 " {Reinaldo dos}: 128-121 e 207.
Sebastian {Georges}: maestro: 258.
Silva {Dr. Adão e}: advogado: 153-154.
 " {Albino Caet.^o da}: 132 e 179.
 " {Frederico Lopes da}: 70
 " {Henriq. Gomes da}, carpinteiro: 207.

- Silva { João Caetano de } : 88 e 112.
 " { M.^{el} Caetano da } : 200-202.
 " { Nogueira da } : 112.
Silveira { Luis } : violinista : 235.
Simões { João } : industrial : 160-167.
 " { " Gaspar } : 18 e 267.
 " { Nuno } : 155.
Soares { Arnibal } : 211-212.
 " { Dr. Torcato de Sousa } : 154-155.
Sousa { Dr. Abel de Almeida e } : 193.
Schajkowsky : 258.
Seixeira { Anjos }, filho : 234-237.
Targa { Miguel } : 23-24, 27-28, 186-187 e 202-203.
Treposto { Falcão }, pintor : 253.
Trincão { Dr. Mario Simões } : 40-41 e 155-156.
Ulrich { Dr. Rui Nunes } : 133-134.
Urbano { João Dias }, engenhe.^o : 158.
Vargas { Getulio } : 90-91.
Vasconcelos { José Aup.^o Pereira de } : 220-225.
 " { D. Manuel de } : 160-167.
Vaz { Julio } Junior : escultor : 235-237.
Veiga { Dr. Alberto Baeta da } : 34 e 183.
 " { Heliodoro } : 172.
 " { Dr. Paul } : 192-193.
Vieira { Afonso Lopes } : 41.
 " { Joel }, brigad.^o : 90.

- Vilhena (Sr. Julio Marques de) : 231-234
Vivaldi (Antonio) : muricos, rec.º 17.º-18.º : 174-175.

III

Varia :

- A.B.C., jornal espanhol : 261.
Alrautes : 249.
Academia das Ciencias de Lx. : 113-115 e 131-135.
Aldeia-das-Dez : 264-265.
Algarve (Excursão ao) : 1954 : 142-143
Aljubarrota : comemorações : 86
Equipos de Coimbra (Grupo de) : 156-159, 160-167
Aniversarios (Os meus) : 98-107 (em 1954); e 250 (em 1955).
 " da Proclamação da Republica : 107-108 e 108 (em 1954); e 251 (em 1955).
Arquitectura moderna : 239-240 e 240.
Arquivo da Universidade : 191-192 e 192-193.
 " de Bibliografia Portuguesa : 200-202, 250
Auto Pastoral, de Pedroso Rodrigues; 278.
Azenhas do Mar : 97-98.
Barreiro : 52

Batalhão « Vasco da Gama » : 92-93

Batalhões académicos de Coimbra : 28-29.

Biblioteca da Univ. de Coimbra : as minhas ofertas : 228.
229.

Boletim da Biblioteca da Univ. de Coimbra : 85.

Caldas da Rainha : 240-243.

Câmara Municipal de Lx. : 122-127.

Campo (O) de S. Paulo, romance : 93-94.

Cancioneiro Popular de Miranda do Corvo : 23-
24 e 27-28.

Caparica, praia : 53-54.

Capricios : 20 e 254.

Capuchos, Caparica : 53-54.

Castelo do Bode — 248.

Causa Republicana : 153-154.

Cidade (A) e as Terras, de Eça de S.º : 135-136.

Cinquenta anos depois : 100

Círculo de Cultura Musical : 119-121 e 120.

Coimbra : Biblioteca da Univ. de Coimbra : as minhas
ofertas : 29-30, 31 e 215-216.

" : Cidade Universitária : 203-204.

" : estatua de Joaq.^{me} Ant.^o de Aguiar : 94.

" : Grupo dos Amigos de Coimbra : vide
Amigos de C.^{ura}

" : Lapa dos Esteios : 24-25

" : Museu de Etnografia : 41.

- Cimbrã: Museu de Machado de Castro: 41, 48,
206-208, 252-253.
- " : Sueirna das fitas (1955): 206-208
- " : Sueirna das Lagrimas: 24-25.
- " : Prairha Santa, festas: 77-78.
- " : Barre de Aluedina: 41-42.
- " : Universid.: Sala dos Capelos: 202-203.
- Colegio Militar: 172-174.
- Collegium Musicum Italicum: 174-175.
- Cornauo (O meu) em Inf.^o n.^o 7: 103.
- Comercio do Porto: 29.
- Comissao de Hist.^o Militar: 4-5, 26-27, 30, 44-
47 e 71-73.
- Companhia de Jesus: 58, 94, 226 e 251.
- Concertos: 253, 255 e 258.
- Conferencia dos Nove, 1954: 108-109.
- Corpo de Deus (Procissao de): 212-213 (Em 1955)
- Ditadores: 90-91
- Ditaduras: 249.
- Doencas: 251.
- Escola Livre das Artes do Desenho: 41.
- " Pratica de Infantaria: 91-93.
- Escritorio (O meu): 229.
- Esquadra americana: Set.^o 1954: 95-96.
- Estavel: 53 e 54.
- Exercito (O) e a situacao politica: 150-151.

- Família {Recordações de}: 256-258.
- Fátima {Senhora de}: 35, 86-87, 93 e 130-131.
- Fausto, opera de Gounod: 8.
- Figueira da Foz: Carrino Peninsular: 190-191.
- Filarmónicas "Fidelidade", da Aldeia das Dez:
264-265.
- Foot-Ball (O): 185-186 e 217.
- Foz do Arelho: 243-245.
- Garrett {Cauterarias de}: 110-111, 112-113, 121,
122-127, 128-130 e 131-135.
- Generalato {Exames p.^o}: 271-272.
- Gibraltar: 1-3.
- Gaís: 34 e 183.
- Grupo de Desportos de Coimbra: ver Amigos
- " " " " Oliveira: 1-3.
- " " Metralhadoras n.º 2, Coimbr.: 69-71.
- Guia de Portugal, 3.^o vol.^o: 139.
- História das ideias: 102-104.
- " de Portugal, ed.^o de Barcelos: 140-141.
- Homme (L'), cet inconnu, de A. Carrel: 186-187.
- Índia {A questão da}: 79-80, 86-87 e 91-93.
- Inglêses {Hábitos, carácter dos}: 243-245.
- Instituto (O) de Coimbra: 154-155, 169-170 e 188.
- " Françês, de Lx.^a: 9.
- " Geográfico e Cadastral: 3
- " Histórico da Ilha Terceira: 168

- Instituto Inglês, em Lisboa : 117-118.
- Jornal, de Vasco da Gama Fernandes : 215.
- Lei da reparação, em 1915 : 59.
- Lisboa : generalidades : 135-136, 159-160 e 252.
- " : impressões : 237
- " : a miséria : 176-177.
- " : pregões : 176.
- " : Teatro de S. Carlos : 174-175.
- Livraria Camões, em Lx.^a : 55.
- Leiria : 78.
- Luso : Temporada em : 247-249.
- Malhão {Exposições} em 1955 : 240-243.
- Mãos {Os} de Euclidice, de Bloch, Brasil.^o : 187.
- Maquina electrica de barbear : 80
- Memorias {Os minhas} : 105, 259-260
- Mestre de Ariz {Alcunha de} : 71.
- Miranda do Corvo : 78-79, 196-199 e 199-200.
- " " " {Os meus estudos sobre} : 196-199 e 200-202.
- " " " {Tipografia de M.^o Caet.^o de Zilva em} : 200-202
- Moudego {Caveiros do} : 24.
- Monte de Caparica : 53-54.
- Museu de João de Deus, em Lx.^a : 49-51.
- Musica : 253 e 258.
- Napoleão visto por Balzac : 84-85.

Obidos : 245.

Oliveira : 1-2.

Orquestra Filarmónica de Lx. : 55-56 e 255.

" Sinfónica do Porto : 212-213 e 213.

" " Nacional : 19, 51-52 e 258.

Pamplona (Arfeão de) : 120-121.

Paz, Maria : 79, 98, 135-136, 229, 230, 247 e 250.

Penacova : 248.

Perniche : 245-246.

Perú (Ministro do) em Portugal : 114.

Portalegre : centên.º : 85.

Povo (O) de Aveiro : 202

Praia das Maças : 97.

Primeiro (O) de Janeiro : 93, 147, 153 e 228.

Reacção Ultramontana : 40, 41-42, 86-87, 92-93, 130-131, 132-134, 152, 212-213, 251 e 246-247.

Recomposição ministerial em 1955 : 225

Republica, diário de Lx.º : 39, 94 e 228.

" , aniversário da : 107-108 (em 1954).

Restauração monárquica : 261, 224-225

Revista da Universidade : 37, 138, 149 e 150-151

" Militar : 1, 22, 44, 47, 56-61 e 170-171.

Ribeira (S.ª da Nazaré da) : 87-88.

Salamanca (Universid. de) : 37-39.

Saldanha (O meu trab.º pobre) : 3-6, 26-27, 37-38, 44-49, 66-69, 72-75, 89-90, 104-105, 137-138

149, 150-151, 152-153 e 205.

São-Paulo {Cautem.^o da cidade de}: 154-155.

Seara Nova: 127-128.

Senhora da Candeia, Serpius: 184

" " Conceição: 130-131.

" " Nazare: vide Pileira.

" de Fátima: " Fátima

" do Faro: Valença: 88-89.

Serem [Pensado do]: 139-140

Sinfonia Pastoral, de Beethoven: 109.

Sintra: 95-97.

Situação política: 151-152, 230-231, 238-239 e
151-152.

Sociedade «Coral de Duarte Lobo»: 55-56.

" histórica da Independência de Portu-
gal: 19-20 e 149-150.

Tanhäuser, ópera: 152.

Terras do Mondego: 23.

Tertúlia em projecto: 226-227.

Terras Vedras: região de: 126-127

Traviata, de Verdi: 202.

Uma tipografia ignorada: 250

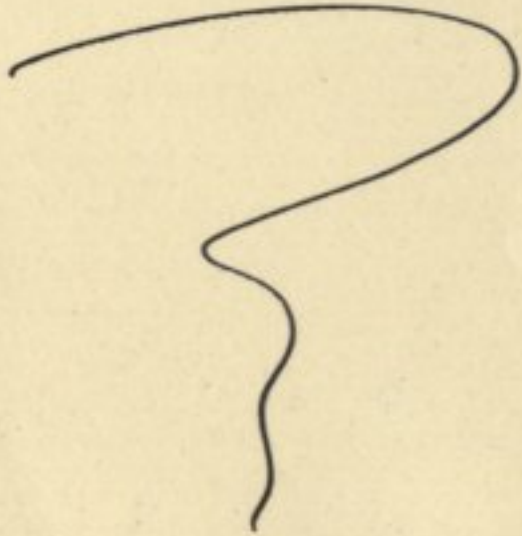
Valença do Minho: 30-31.

Vertice, revista: 84-85.

Vida militar [A m.^a vida]: 98-107

" trauguita: 126-127, e 139-140.

Virtuosismo : 120-121.



- 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000

